



Desilusão

C.A. HARMS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Desilusão

C.A. HARMS

C.A. HARMS

Desilusão

Tradução: C.M.P.

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Desilusão

Copyright © 2018 C.A. Harms

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Design Editorial

Tradução: C.M.P.

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B288

Harms, C.A.
Desilusão / C.A. Harms [livro eletrônico] : tradução
C. M. P. — 1. ed. — Porto Alegre, RS : Grupo Editorial
Five, 2024.
epub

Título original: Deception
ISBN 978 65 85185 68 4

1. Romance norte-americano I. Título.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início

Parte 1

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Parte 2

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

[Sobre a autora](#)
[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

“O perdão não muda o passado, mas engrandece o futuro.”
— *Paul Boese*

Parte I



Prólogo

Entro no meu apartamento de um quarto e imediatamente sou atingida pelo cheiro forte de maconha. Latas de cerveja vazias estão espalhadas pelo chão, uma garrafa de vodca pela metade em cima da mesa de centro no meio da sala.

De repente, Nate sai apressado do nosso quarto, uma mochila jogada no ombro esquerdo e outra, ainda maior, arrastando no chão atrás dele. Ele parece desorientado, se virando para todos os lados como se procurasse alguma coisa.

Empurro a porta com força, deixando o som da batida chamar sua atenção. Ele fica tenso.

— Indo a algum lugar? — pergunto, fazendo o possível para controlar minha irritação.

Sei que ele está fugindo. É assim que Nate anda lidando com as coisas ultimamente. Só quero saber se, desta vez, ele planejava me contar.

— Blair. — A tensão de antes se dissipa, e ele volta a se mexer. — Amor, eu preciso ir embora daqui.

— Para onde? De onde você tirou essa ideia?

Estou cansada disso. Nestes dois meses, ficamos tão distantes que é como se estivéssemos cada um em um lado do país. Ele está saindo de controle, e eu, trabalhando para nos sustentar e pagar as contas. Seus maus hábitos aumentaram e a distância entre nós, também. Eu devia ter me separado dele há um bom tempo, mas acho que estava esperando para ver se encontrava aquele garoto doce que conheci. O cara que me dissera uma vez que, para ser feliz, precisava apenas da sua linda garota ao seu lado. Eu era a linda garota.

Agora, nem sei se ele ainda olha para mim desse jeito. Nas raras ocasiões em que tivemos relações, não sei dizer se ele estava lúcido o bastante para entender que era eu e não um corpo quente aleatório, o que me leva ao motivo pelo qual faz tempo que não damos sequer um beijo. De jeito nenhum eu arriscaria contrair uma doença indesejada de um cara tão perdido nas drogas e no álcool. Eu era uma garota boba, achava que, se aguentasse mais um pouquinho, seria capaz de salvá-lo da escuridão que tomou conta da sua vida.

Mas está claro que minha compreensão não vai trazê-lo de volta. O Nate que conheci se foi.

— Olha, eu não tenho tempo de contar a história toda...

— Mas tem tempo para arrumar suas coisas, sair de madrugada como um ladrão e abandonar a garota com quem passou os últimos dois anos e meio, como se nós não significássemos nada. — Sinto a raiva crescendo dentro de mim enquanto falo.

Ele ignora minha irritação e se abaixa para pegar uma sacola de baixo do sofá. Cheia sei lá de o quê.

— Vou explicar tudo, mas preciso me mandar daqui agora, Blair.

— O que é isso aí? — Tento pegar a sacola, mas ele puxa o braço para trás depressa e acaba acertando minha bochecha com mais força do que eu esperava. A dor me atordoa e eu reajo com um empurrão no peito dele, usando toda a força que tenho.

— Que merda, Blair. — Ele podia se desculpar ou, porra, ao menos perguntar se eu estava bem, mas, em vez disso, dispara em direção à porta, agindo como se fosse merecido por eu ficar no caminho dele. — Ligo quando tudo se ajeitar. Não sei por quanto tempo vou ficar fora.

— Não pense em ligar ou voltar, só vá embora — digo sem olhar para trás. Não quero ter que ver seu rosto indiferente. Já sei que ele está vazio por dentro. Os sentimentos de Nate deram as costas para mim há tempos. A garota idiota que há em mim, a que sonhava com o homem que amou profundamente, se despedaçou ainda mais.

Ele nem sempre foi assim. Antes de se envolver com as pessoas erradas, era um cara muito bom. Era maravilhoso, na verdade. Me tratava melhor do que eu imaginava, mas uma vida havia se passado desde aquela época. A distância e as palavras furiosas que atiramos um ao outro ofuscaram os momentos doces do nosso passado.

Depois de alguns segundos em silêncio, ouço o barulho da porta se fechando atrás de mim. Apesar da raiva, fico triste pelo fato de ele ter escolhido com tanta facilidade esta vida maluca àquela que levávamos juntos. É difícil aceitar que eu signifiquei tão pouco para ele.

O que me resta é esquecer Nate Gilroy e tudo que nós poderíamos ter sido no futuro.

Capítulo 1

Blair

Seis meses depois

— Blair.

Eu me viro com um sorriso. É impossível não sorrir quando Jake Gunner, o barman de cabelos escuros e olhos azuis me treinando e trabalhando comigo nesses últimos três meses, sorri de volta. É esse cara que faz parte das minhas fantasias noturnas quando estou em casa. Tá, quando estou no trabalho, também. Não tenho como evitar. O homem é de uma sensualidade perigosa. O cabelo é castanho, os olhos, quase tão escuros quanto o céu noturno e as camisetas que ele veste não escondem nem um pouco os braços fortes tatuados e o peitoral.

Eu o conheci duas semanas depois de Nate ter dado no pé sem olhar para trás. Logo descobri que, apesar de o dinheiro de Nate ser sujo, ele contribuía sim para as despesas. Restou-me um apartamento, contas que não conseguia pagar e a sensação de que meu mundo estava ruindo. A possibilidade de morar na rua ficava cada vez mais próxima.

Com a ajuda de alguns amigos, fui arrastada para uma noite de farra na cidade. Eles achavam que era disso que eu precisava e não me deram outra escolha senão ir junto. Fiquei bêbada e com mais pena ainda de mim mesma. Quando bebo, falo demais. Fiz amizade com uma garota que trabalhava atrás do balcão do bar e divaguei por um bom tempo sobre o inferno que a minha vida se tornara. Revelei detalhes explícitos sobre Nate e os últimos anos da minha existência patética, e ela ouviu tudo atenciosamente. Queria poder voltar atrás, pois, no dia seguinte, paguei caro pela bebedeira.

Mas algo muito bom veio daquela noite desastrosa: um emprego.

Na manhã seguinte, sentada à mesa da cozinha com a cabeça apoiada nas mãos, Sadie me entregou um pedaço de papel. Nele estava escrito: Bar do Miller, um número de telefone e o nome “Jake”.

Cá estou agora, trabalhando no *pub* da região com, na minha humilde opinião, o gerente mais sexy da cidade. Então, de certa forma, eu me dei bem.

Já falei que passo quase todos os dias imaginando safadezas com o tal gerente?

— Preciso de três *shots* e uma cerveja Bud Light, — a voz de Jake interrompe meu devaneio. Ele dá uma piscadinha e continua misturando os drinques de um grupo de caras nos fundos do bar. É difícil não perder a concentração com aqueles braços se contraindo ou com os músculos tensos das costas cobertos pela camiseta apertada enquanto ele se movimenta tranquilo atrás do balcão.

Passar o turno de cinco horas excitada e com tesão pelo colega de trabalho é um inferno.

— Blair. — Sonhei acordada de novo e não peguei as bebidas que ele pediu. O som da sua voz de repente me põe na ativa e eu me viro, disfarçando a secada óbvia que estava dando nele. Me ocupo fazendo o que ele pediu, coração acelerado com o que acredito ser tensão sexual. Vou em direção à outra ponta do balcão e coloco as bebidas na frente dos clientes, me apaixonando na hora pela forma como Jake olha para mim: com um sorriso sexy e olhos que me percorrem de cima a baixo devagar.

Uns caras comentam alguma coisa sobre minha bunda e meu decote, mas isso já é de se esperar neste emprego. Muito raramente eu passo o turno inteiro sem um cara mencionar o que gostaria de fazer comigo, mas eu apenas ignoro. É melhor assim. Eu me visto conforme para o trabalho, calça jeans apertada, blusas de alcinha ou *cropped* de vez em quando. A roupa incentiva as gorjetas.

Jake, por outro lado, não parece gostar muito dos comentários. Ele se coloca atrás de mim, pressionando a frente do corpo contra minhas costas. É a primeira vez que ele demonstra tamanha possessividade e um choque delicioso se espalha pelo meu corpo.

— Cavalheiros, vamos agir com profissionalismo, — sua voz serve de alerta e o tom dominante me enche de calafrios. — Ou então, teremos um problema.

Sem pensar duas vezes, me empurro um pouco contra ele e consigo senti-lo na minha bunda. Fecho os olhos por um breve momento, imaginando o que está por baixo daquela calça jeans. Algo muito especial, pelo que consigo sentir.

— Se continuar se esfregando em mim, vou ser obrigado a fechar mais cedo, — ele sussurra no meu ouvido, apertando meu quadril. — Assim fica difícil ser um bom garoto.

O calor sobe para as minhas bochechas e eu olho por cima do ombro com vontade de dizer “vá em frente”, mas, antes que eu consiga, ele se afasta e volta a ajeitar as coisas no balcão. Finge estar

ocupado, mas eu vejo, mais de uma vez, seu olhar me procurando.

Eu, claro, fico lá parada ofegante com uma fila de pensamentos eróticos sobre o Sr. Perigoso.

Este trabalho deveria ser considerado um tipo de tortura, porém é uma tortura da qual não posso desistir, mesmo que ele me deixe tonta e toda retorcida por dentro.

Whitney, minha melhor amiga e maior apoio, foi quem me convenceu de aceitar o trabalho para começar. Ela sabia que eu precisava. Foi ela que passou os últimos meses me ouvindo repetir várias vezes como queria montar no cara e não descer nunca mais. Acho que vai ser muito difícil lidar com essa atração no futuro. Sinto como se estivesse prestes a entrar em combustão e nem um exército me impediria de avançar para cima de Jake Gunner.

Faço o possível para ignorá-lo enquanto trabalho do outro lado do bar. Manter distância é importante. Assim, passo menos vergonha do que normalmente. O cara sabe que eu sinto algo por ele — jamais fiz questão de esconder que ele me faz suspirar.

Também tento ignorar quando ele flerta abertamente com as clientes, mas é difícil. Eu quero ser a garota recebendo aquele sorriso sexy, as piscadinhas e o toque gentil de suas mãos.

— Olhe para cá. — Desvio o olhar de Jake para Whitney e Sadie sentadas nos banquinhos na minha ponta do balcão. — Você parece desesperada secando o cara o tempo todo. — Olho feio para Whitney, que ri de mim, e pego dois copos para preparar as bebidas que elas pediram.

— Se me obrigassem a ficar aqui por horas e horas, pode apostar que eu também estaria morrendo de tesão. — Os olhos de Sadie examinam Jake de cima a baixo e eu me forço a desviar o olhar para não dar uma de louca. Ele não é meu, mesmo que o ciúme diga o contrário. — E acredite, no segundo que as portas se fechassem e eu ficasse sozinha com ele, ia provar um pouquinho do que esse homem sexy está escondendo na calça. Ele é gostoso demais, Whit. Vai dizer que você não acha?

— Nunca disse que não era. — Ela deixa uma nota de dez no balcão e eu coloco as bebidas na frente delas. — Mas, desde que Blair conseguiu o emprego, passo quase todo o fim de semana aqui e já o vi com meia dúzia de piranhas nesse bar. Então, acho que é melhor ela manter distância.

— Minha sugestão é de transar com ele, não casar. — Sadie ergue o copo e toma um gole demorado.

— Na minha opinião, ela deveria evitar transar com ele também.

As duas continuam a conversa como se eu não estivesse a meio metro de distância.

— Mas acho que ele seria tão maravilhoso.

— Com licença? — As duas param de olhar para Jake e se voltam para mim. — Não vou transar com ele e nem fazer qualquer coisa. — Estou ciente de que minha afirmação soa incerta. — Vocês podem falar de outra coisa que não seja a minha vida sexual?

— Que vida sexual? — Sadie murmura, mas eu ouço com clareza.

— Vou falar de novo; não é da sua conta. — Essas duas são as pessoas mais intrometidas que eu conheço.

— Só estou dizendo que você tem vinte e três anos, está solteira e é maravilhosa. — Sadie acena com a mão no ar. Pelo visto, ela já tinha feito um esquentar antes de aparecer aqui. — Você deveria estar aproveitando, não passando os dias arisca por causa de um babaca que lhe deixou cismada com homens.

A voz dela ecoa pelo bar e eu olho em volta para checar se há alguém olhando para nós. Por sorte, parece que o pessoal não ouviu nada graças à música da juke-box e das outras vozes conversando.

Afasto-me e volto ao trabalho na tentativa de fazê-la desistir disso, mas ela continua ainda mais alto:

— Se o Sr. Gerente de Bar Gostosão te deixa com as pernas bambas, então vai fundo.

Arregalo os olhos para Sadie, que praticamente gritou as palavras, e logo encontro Jake, parado a apenas alguns metros de distância com um sorriso enorme no rosto. O olhar dele se fixa no meu e lentamente desce para percorrer meu corpo. Calafrios sobem pelos meus braços e meu pescoço e me remexo, ansiosa e excitada. Vou matar Sadie assim que der.

Jake desvia de Liam abastecendo o *cooler* de cerveja atrás do balcão. O movimento o traz para perto de mim. Estou parada lá, com um copo de vidro na mão, a mangueira de Bud Light na outra e sei que minha cara é de quem foi pega no flagra.

— Ouvi alguém dizer pernas bambas? — Jake sussurra com a voz rouca. Abaixo a cabeça para esconder meu rosto corado. — É assim que a gente sabe que a coisa tá boa, — ele continua, atingindo meu pescoço e ombro com a respiração quente. — A coisa tá boa para você, Blair?

Juro que a temperatura dentro do Miller subiu uns trinta graus. Tento encontrar forças dentro de mim. Algo que me ajude a erguer o rosto e encará-lo, mas não consigo. Sei que, se eu olhar para ele, vou fazer algo que me arrependerei depois. Tipo ir para cima e me esfregar nele como uma gata no cio ou coisa pior.

Então, em vez disso, espero ele se afastar e me viro para encarar minhas amigas, as duas com um sorriso esperto.

São umas vadias. As duas.

Capítulo 2

Jake

Se existe uma coisa que não tenho é tempo. Não quando se trata do meu pai. Ele é um desgraçado insistente, acostumado a conseguir as coisas na hora que quer, independente do preço. Se você irritar Zeke Gunther, assinou sua sentença de morte. Tenho orgulho do meu pai? Não. Ele é um desgraçado sem coração e sem-vergonha. Nasci em uma vida que eu odeio e não tenho opção de sair. Não se quiser sair vivo.

Tenho apenas uma incumbência: extrair tudo que Blair souber da localização do fodido que roubou do meu pai. Não importa o que eu tenha que fazer para conseguir. Nate Gilroy é um desses idiotas que acha que consegue passar a perna na minha família. Fazia algumas semanas que os comparsas do meu pai seguiam Blair, procurando pela desculpa perfeita para colocá-la trabalhando no Bar do Miller. Assim que descobriram que a amiga dela estava metida em encrenca, acharam um jeito. Blair realmente não sabia com que tipo de pessoa Sadie estava envolvida.

Deveria me sentir mal por tirar vantagem de uma drogada, mas não tenho tempo para isso. Ela é uma peça no meu jogo para conseguir as respostas que preciso. Depois de deixá-la sem opção a não ser cooperar, tudo se desenvolveu perfeitamente. Meu pai me tirou do trabalho nas ruas e me colocou como gerente de um de seus bares, junto com Blair. A partir daí, eu deveria usar qualquer meio possível para descobrir o que ela sabe do pobre coitado do Nate.

Zeke Gunther é conhecido por seu poder. Não são muitos os que ousam desafiá-lo. Ao mencionar esse nome, as pessoas sabem que a coisa é séria. De certa forma, só de pensar nele ou em qualquer outro homem ficando encarregado desta tarefa fez meu estômago embrulhar. Não podia permitir que outros caras se aproximassem dela; ela não merecia a ira deles. Blair é inocente nesta história e eu preciso garantir que ela permaneça intacta.

O próprio nome Gunther já é infame, por isso criei um

pseudônimo para me meter na vida de Blair Wilkerson. Se tivesse me apresentado como Cyrus Gunther, ela teria saído correndo antes que eu pudesse impedi-la. Essa é a reação da maioria das pessoas quando descobrem quem é meu pai. Ninguém entra de bom grado na vida que eu levo.

O que era para ser um serviço rápido se mostrou um dos mais difíceis de executar. Nunca na vida eu teria imaginado uma garota como Blair envolvida com um babaca como Nate.

O cara era um merda de todas as formas, um trapaceiro desonesto e manipulador.

Eu reparei quando ele se enfiou sorrateiro em nosso círculo restrito com a ajuda do meu irmão, Gabe. Vi Nate usar drogas sem pagar e foder garotas que nem conhecia e a doce Blair estava em casa, esperando por ele nesse meio-tempo. Não fazia sentido para mim. Eu mataria por uma vida dessas, na qual pudesse compartilhar meus dias com alguém como ela.

Tenho mais uma semana para pressioná-la por respostas, por alguma pista que nos leve ao Nate. Se não conseguir o que querem, passarão o serviço para a cobra do meu irmão. Só por cima do meu cadáver eu deixo Gabe chegar perto dela. Para mim, ele é pior que Nate. Ele não para por nada; para ele, ser violento não faz diferença. Ele conseguiria as respostas que meu pai quer. Meu irmão já se mostrara uma vantagem para meu pai há muito tempo, mas ele também é um fio desencapado. Sua falta de controle cria problemas que meu pai não tem como prever. Quando as coisas dão errado, quando ficam feias, ele joga Gabe para cima delas. Não posso deixá-lo chegar perto de Blair.

Toda vez que olho para ela e vejo aquele olhar ardente, mal consigo conter a vontade de empurrá-la contra a parede e dar o que sei que ela quer. Essa garota é incrível pra caralho, e o mais incrível de tudo isso é que ela nem percebe. Eu quero me aproveitar das coisas que sei que estão se passando na cabeça dela, quero ser egoísta.

Não vou fingir que sou inocente, que não tenho uma cabeça perversa, porque sou tão terrível quanto eles. Eu usufruí os benefícios de ser um Gunther ao longo dos anos. Não tinha como sair desta vida, então por que não aproveitar? Para que deixar minha vida mais complicada do que já era?

Mas Blair não merece o tipo de vida que eu levo; ela é doce demais.

Quero ir devagar, ser o mais gentil possível com meu método de obter respostas. Quero conhecer a garota por trás da fachada que Nate construiu. Ele a fez parecer uma garota de cabeça quente na qual não se pode confiar. O problema é que as pessoas, querendo saber a localização do ex dela, estão pouco se fodendo. Blair está no meio do

fogo cruzado e eu não consigo atirar.

Quando ela olha para mim com aquele leve sorriso lhe puxando os lábios, me sinto um adolescente. Blair me faz esquecer de onde vim e me dá esperança de uma vida melhor. Eu a quero mais do que consigo controlar. Aqueles doces lábios, aquele corpo perfeito, quero tudo para mim. Isso cria um enorme problema no meu plano. Um problema que está fodendo com a minha cabeça e cada dia que passa eu me vejo mais caidinho por ela.

Esta noite é igual a todas as outras, apesar de eu ter dito a mim mesmo que seria diferente. Não consigo conter meu coração acelerado quando ela está perto. Fico na outra ponta do balcão, vendo-a se mexer com tranquilidade. Há poucos instantes, ela estava na minha frente, peito subindo e descendo enquanto olhava para o chão. Tenho certeza de que queria esconder a vergonha causada pela declaração da amiga e pelas minhas palavras que vieram a seguir. Eu faria tudo para ser o homem que a deixasse de pernas bambas, metendo nela de novo e de novo. Tudo que eu quero é senti-la se desfazendo em meus braços e gritando meu nome. Fico alucinado sonhando com isso.

Meu sangue ferve só de pensar em outro homem tocando nela enquanto ela implora por mais. Sei que não tenho o direito de me sentir possessivo, mas não consigo me controlar. Uma parte enorme de mim quer possui-la aqui mesmo no bar, em cima do balcão, na frente de todos os homens.

Pego o celular vibrando no bolso. Minha mão treme quando vejo de quem é a mensagem:

Gabe: Dê um fim nisso ou eu irei.

Olho para cima e examino o bar, meu corpo paralisando quando encontro olhos parecidos com os meus. Os mesmos olhos do nosso pai. Inclinado na mesa de sinuca, ele segura o taco e sorri, mostrando o buraco no lugar do dente da frente. Perdeu o dente em uma briga há alguns meses e, em vez de arrumar, ostenta o buraco por aí como se fosse uma medalha. Ele é pura encrenca: exala e vive por ela.

Eu o vejo pegar o celular e digitar alguma coisa e meu celular vibra de novo.

Gabe: Ela é uma coisinha adorável mano, vou adorar destruí-la. Consigo ouvir o doce som dela implorando pra eu parar.

Meus ombros ficam rígidos. Dou a volta no balcão, corpo tremendo de raiva. Ele me vê chegando e nem sequer recua. O canalha sabe que não vou fazer escândalo. Não posso comprometer minha

posição nesta porra toda. Meu pai me faria pagar por um erro como esse. Eu paro e aperto o celular com tanta força que consigo senti-lo marcando minha palma.

Eu me dou o direito de olhar de novo para Blair, inclinando a cabeça para trás em uma risada. Ela é inacreditável, tão pura e inocente. Respiro fundo para me acalmar e olho o celular de novo. Aperto o botão de ligar a tela com ela em mente. Digito uma mensagem cuidadosa que, no mesmo instante, me deixa enjoado, mas não tenho escolha:

Eu: É hoje. Vou conseguir as respostas, não importa o que tenha que fazer.

Minha barriga dói sabendo que terá que ser hoje à noite. Colocarei meus sentimentos por Blair de lado e fazer o que preciso fazer. A única forma de mantê-la segura é reprimindo tudo que sinto. Tenho que ser um Gunther, frio e insensível. Preciso esquecer a parte de mim que quer se agarrar nela para sempre. Eu sei que tais privilégios são impossíveis para mim. Quando se trata de Zeke e Gabe Gunther, nada é sagrado, nada está seguro.

Não há espaço para vergonha ou culpa, só preciso manter em mente o que está em jogo. Será eu ou Gabe que vai conseguir o que meu pai precisa. Tenho que lembrar que, apesar do coração me implorar para não fazer isso, é melhor eu dar uma de babaca do que Gabe chegar perto dela.

Capítulo 3

Blair

— Meus pés estão me matando, — solto um grunhido, subindo no balcão do bar e tirando um sapato de cada vez. Alongo os pés, tentando aliviar a ardência na sola. Sei que não é uma boa ideia usar sapatos recém-comprados por horas seguidas. Na hora, não consegui resistir, mas agora já não enxergo mais o que tinha de tão interessante nessa sandália. É culpa das bolhas se formando nos meus pés a mudança de perspectiva.

São quase três da manhã quando Jake e eu terminamos de limpar tudo. Fiquei exausta com o movimento das onze horas. Pelo visto, todos os bebuns de Chicago decidiram se reunir no Miller. Jake e eu íamos de um lado para o outro a mil. Bem que gostei dos toques gentis dele quando passávamos um pelo outro no espaço pequeno. Ele está flertando mais essa noite, mais ousado. Principalmente depois do comentário de Sadie sobre as pernas bambas.

Ergo o rosto quando ouço o som da porta dos fundos se fechando, ao mesmo tempo em que Jake volta para trás do balcão. Ele foi levar o lixo, o que significa que podemos encerrar por hoje. Quando nossos olhos se encontram, me sinto incapaz de desviar o olhar. Ele está a apenas alguns metros de distância, uma mão apoiada no balcão, apertando com força o que faz com que os músculos do seu braço pulsem com mais intensidade que o normal. Os olhos escuros que sempre me cativam me observam intensamente. Quase como se ele estivesse lutando contra alguma coisa.

— Quê? — pergunto enfim, olhando para mim mesma e de volta para ele, minha cabeça girando com as possibilidades do que se passa em sua cabeça. Incerteza e ansiedade crescem dentro de mim quando me lembro que devo parecer um caco.

Ele não responde; vem em minha direção até parar na minha frente, apoiando as mãos de cada lado das minhas pernas. Seu peito sobe e desce com cada respiração. Ele fica naquela posição, mãos dos lados das minhas coxas, por alguns minutos. Estou prestes a falar

quando ele se aproxima, me surpreendendo com um apertão no meu quadril e me puxando para perto. Fico chocada com a aproximação, mas, com certeza, não desapontada.

Passamos a noite toda nos esgueirando por entre a tensão. Na verdade, muito mais tempo. Faz semanas que Jake e eu trocamos carícias e comentários implícitos. Mas nunca passou disso até agora.

Somos só nós dois aqui. Os outros foram para casa.

Olhamos um para o outro, ainda sem dizer nada. Com o jeito que ele me olha, respirando fundo, braços fortes me fixando ali, sinto o coração acelerar de empolgação. Não há medo, apenas curiosidade e desejo pairando sobre nós.

— Me diga para ir embora — ele fala, olhos descendo pelo meu peito e subindo de volta para meu rosto. — Me diga que você prefere apenas continuar trabalhando comigo em um bar podre.

Quase dou risada. Ele está falando sério?

— Não — respondo. Olhos fixos em sua expressão ardente. — Eu não minto.

Ele dá um sobressalto com minhas palavras, mas se recupera rápido.

— Não deveríamos passar do limite — afirma, mas seu rosto diz algo completamente diferente. Suas mãos apertando meu quadril e seu corpo inserido entre minhas pernas abertas sem eu nem perceber vão de encontro às suas palavras. — Eu não deveria...

Interrompo enlaçando sua cintura com as pernas e trazendo-o para perto de mim.

— Você deveria — corrijo, mais confiante do que jamais me senti na vida e ele retribui com um sorriso. Só isso já seria capaz de arruinar a calcinha de uma mulher. Posso provar: por várias semanas, fui alvo desse sorriso.

— As coisas vão ficar complicadas — ele diz, se inclinando e roçando os lábios na minha mandíbula. Meus pensamentos se embaçam do tanto que eu gosto daquela sensação. *Gosto demais.*

— Meu Deus, espero que sim, — as palavras escapam da minha boca em um sussurro rouco e ele ri.

Quero tanto esse cara que estou disposta a fazer qualquer coisa para tê-lo. Estou disposta a encarar a manhã seguinte mais constrangedora da face da Terra ou aquele momento estranho em que percebemos que fomos longe demais. Não ligo. Morei sozinha por meses, sem me arriscar, fazendo o que era certo. Mas agora não há nada que eu queira mais do que uma noite de sexo fenomenal com um homem como Jake Gunner, o resto eu resolvo depois.

— Vamos embora daqui. — Meu coração se enche de decepção por aquelas palavras. Até que ele continua: — Vou dormir no seu apartamento esta noite.



A ida até o apartamento é repleta de tensão sexual. Uma tensão tão pesada que consigo senti-la pressionando contra meu peito. Como uma neblina densa que torna impossível respirar.

Enquanto me atrapalho com as chaves para abrir a porta do apartamento, Jake para tão perto de mim que consigo sentir a respiração quente no meu pescoço. Nada me preparou para a intensidade desse homem. Ninguém me avisou que ele seria tão arrebatador.

Com a porta aberta, ele vem para cima de mim como uma segunda pele. Eu o sinto em todo o lugar.

Não ligo para os vizinhos ouvindo cada gemido meu através das paredes finas. Bem aqui, na entrada do meu apartamento, Jake escorrega a mão para a parte da frente da minha calça e me faz gritar seu nome em questão de segundos.

Não tenho vergonha. Não sou nada mais do que uma sem-vergonha desesperada e tudo bem. Eu admito.

Tudo que sinto é o êxtase total.

Viro uma bagunça de desejos, tão perdida na sensação de que, caso ele queira me foder ali mesmo, sou capaz de ajudá-lo a tirar a calça para agilizar o processo.

Em vez disso, ele nos leva para o quarto, onde decide me fazer perder todo o restante de controle que eu ainda tinha. Não estava preparada para a força que ele é, intensa e potente. A cada toque dele, eu me sinto divagando no meio de um nevoeiro denso de tesão. Nunca me senti tão faminta por toque, tão desesperada por alívio, mas Jake me fez esquecer todas as perguntas que ainda pairavam na minha cabeça até que sobrasse apenas ele... nós.

Deitada de barriga para baixo no colchão depois do que pareceu ser apenas alguns segundos, eu sorrio. O peso do corpo nu dele quase me detém ali, me cobrindo. Todas as partes do meu corpo sentem os efeitos do toque dele. Juro, até meu cabelo está fervilhando com os choques de prazer que ainda me estremecem. Jake é um animal recém-livre que acaba de me devorar.

Mesmo depois de atingir o que achava ser o ápice do prazer, ele me mostrou que eu ainda conseguia ir além. Foi um turbilhão, roupas voando, vozes implorando por mais, gemidos profundos de prazer. Nunca senti nada tão lindo e sensual. Deu para ver em seus olhos que ele sentiu a mesma coisa. Mais de uma vez eu o peguei olhando para mim como se quisesse dizer algo sem conseguir formar as palavras.

Neste momento, com seu corpo ainda em cima do meu, os pensamentos que tinha antes de seguir em frente e trabalhar com ele sem constrangimento foram enterrados por outros.

Jake Gunner é um homem do qual, sem dúvidas, eu não consigo fugir. Do qual não quero fugir.

Capítulo 4

Jake

— Diga que conseguiu se infiltrar garoto — meu pai exige, enquanto eu sento na cadeira do outro lado da escrivaninha.

— Ah, ele se infiltrou, sim. — Gabe assovia, me tirando do sério. — Olhe para a cara dele. Eles foderam. — Sou mais rápido do que meu irmãozinho é capaz de prever e o prenoço contra a parede, segurando a camiseta com o punho.

Meu pai nem reage à violência contra meu irmão. Apenas continua sentado à escrivaninha, segurando um copo de uísque e um sorriso arrogante no rosto.

— Tô só tirando onda com você, Cy, — Gabe tenta voltar atrás. — Não precisa se agitar por causa de uma garota. Ela é só parte do serviço.

Quero dizer para ele que está enganado, mas resolvo soltá-lo e dar um passo para trás. Tenho medo de perder a cabeça com ele e não conseguir parar. Preciso evitar demonstrar o poder que Blair tem; isso será usado contra mim em outro momento.

— Chega de perder tempo — meu pai reclama, enfim se cansando da gente. — Diga que conseguiu informação que preste.

— Ela confia em mim — asseguro, sentando-me de novo na cadeira à sua frente. — Já me infiltrei na vida dela e o lugar onde mora não é muito grande, então, se tiver alguma pista lá, vou encontrá-la.

— Você me disse que dava conta. Há algum motivo para duvidar da sua capacidade? — Meu pai é um babaca. Ele não dá a mínima para os filhos; somos apenas meios de conseguir mais dinheiro e limpar a sujeira dele.

— Eu disse que consigo. — Encaro o homem que é tão parecido comigo, mas que odeio.

— Aquele namoradinho dela deve ter deixado alguma pista. Ele roubou coisas nossas, Cyrus. — Odeio ouvir esse nome. Ele é o único que me chama pelo primeiro nome e, toda vez que ouço, faço

uma careta. Ele se inclina e põe os cotovelos na escrivaninha, entrelaçando as mãos. — Quero encontrá-lo e pegar de volta o que ele levou. Ou você me traz respostas ou vou mandar Gabe terminar o serviço. E nós dois sabemos que ele é bem menos gentil que você.

Arrisco olhar na direção do meu irmão e o vejo sorrindo orgulhoso. Tudo que quero é tirar o sorriso daquela cara. Ele é sujo, imoral, de jeito nenhum eu vou deixá-lo chegar perto da Blair.

— Já falei que consigo. — As visões do que poderia acontecer ricocheteando na minha cabeça me fazem dilatar as narinas de raiva. — Ficar aqui jogando conversa fora não vai adiantar o serviço, então, se já acabamos? — Tento conter a irritação e encobrir a vontade de quebrar a cara dos dois. Só ficaria mais difícil de proteger a Blair.

Odeio estar ligado a esses homens mais do que tudo. Odeio estar preso a essa família. No passado, consegui ficar fora do radar, mantive um histórico limpo, me envolvi o mínimo possível, mas, desta vez, foi meu pai que errou. Foi Gabe, por ter deixado Nate chegar aonde chegou. Agora me chamam para recuperar o que foi roubado com tanta facilidade.

Usar a cobra do meu irmão como ameaça é a forma que meu pai tem de garantir que eu faça o serviço. O desgraçado sabe que eu tenho consciência — minha pior inimiga. Sabe que eu não ia querer que meu irmão encostasse um dedo em Blair, independente de nosso envolvimento.

Mas, ao encarar meu pai, cometo um deslize que sei que ele percebe. Ele abre um sorriso largo e ergue a bebida para tomar um gole demorado do líquido cor de âmbar. Prolonga a tortura sugando a bebida, fazendo barulho com a boca. Eu tento me recompor, mas, se tem uma coisa que eu sei, é que ele não perde uma oportunidade de mostrar que está no controle. Vê através da minha alma; o desgraçado sabe, sem dúvidas, que eu sinto alguma coisa por ela. Agora, também sabe que me tem na palma da mão.

— Claro, filho. — A expressão arrogante é como uma faca no estômago. — Não quero lhe atrapalhar nem um segundo a mais.

Saio do armazém de onde meu pai gerencia as operações e tiro o celular do bolso, caminhando em direção ao carro. Toco no número e paro ao lado do Charger, esperando a pessoa atender a ligação.

— *Gunner*, — de imediato dá para ouvir a surpresa na voz de Sadie.

— Pelo visto, vou precisar da sua ajuda de novo, — confesso, culpado por ter que chegar a este nível. Mas meu tempo está acabando e eu vou fazer o que for preciso para manter minha família longe de Blair.

— *Mas você tinha dito que, se eu a levasse para o bar e a convencesse a aceitar o emprego, você faria o resto. Disse que era só isso*

que eu tinha que fazer.

Eu realmente tinha dito. Mas as coisas mudaram e sei que posso usá-la para o que preciso e não há nada que ela possa fazer.

— Sim, eu disse. E você também me falou que ia criar uma porra de juízo e não se meter mais com meu irmão, mas acho que nós dois sabemos que você mentiu. Então, como eu estava dizendo, preciso da sua ajuda com uma coisa. Ou você para de palhaçada ou eu garanto que Blair vai ficar sabendo do seu envolvimento com Nate. — Ouço-a prender a respiração e sei que consegui convencê-la.

Blair não tem nem ideia de que uma das suas melhores amigas é uma drogada. Nem que ela estava fodendo o seu namorado para conseguir drogas grátis durante o último ano do relacionamento deles.

Não me sinto nem um pouco culpado de usar essas coisas para conseguir o que quero.

Sadie não merece a amizade da Blair. No final das contas, vou fazer de tudo para mostrar para Blair quem a amiga realmente é. Mas, por ora, preciso fazê-la acreditar que seus segredos estão seguros comigo até conseguir o que quero.

— Fique atenta ao celular quando eu ligar. Preciso resolver umas coisas antes. — Desligo o telefone sem esperar pela resposta.

Capítulo 5

Blair

Devo admitir, estou ansiosa para chegar ao trabalho depois da noite que tive com Jake. Tenho medo de como ele vai reagir. Mas esses medos logo desaparecem quando entro pela porta dos fundos e sou agarrada por braços fortes.

— Shh — ele sussurra em meus lábios, trazendo-me para dentro do pequeno escritório. Seguros dentro do cômodo e com a porta fechada, ele me prende contra ela, usando o peso do corpo para me manter no lugar. — Oi. — Não é surpreendente que uma palavra que já ouvi milhares de vezes faça meu coração acelerar. Jake poderia dizer qualquer coisa e causar a mesma reação.

— Oi — digo e vejo seus olhos percorrendo meu rosto e então se fixando nos meus.

— Me perdoe, mas é que não consigo me segurar depois da noite passada.

— Eu estava com receio do clima ficar estranho entre nós. — Ele ergue a sobrancelha e sinto calor nas minhas bochechas. — Uma noite não quer dizer nada.

— Está errada. — Jake acaricia um lado do meu rosto, usando o polegar para garantir acesso irrestrito aos meus lábios. — Quis dizer algo, sim. — Calafrios sobem pelos meus braços até o peito. — Para mim, pelo menos.

Ele não me dá a chance de concordar ou admitir que sinto o mesmo. Cobre meus lábios com os seus em um beijo devagar e provocante que eu juro por Deus sentir nos dedos dos pés. Acho até que me ouvi gemer.

— Eu amo esse som. — Ele sorri contra meus lábios. *É, realmente, eu gemi.*

Jake continua me beijando, meu corpo prensado na porta atrás de nós. Nossas mãos começam a explorar um ao outro, assim como fizeram na noite passada quando ele virou meu mundo de cabeça para baixo.

— Tenho quase certeza de que você me arruinou para sempre. — É minha vez de sorrir vitoriosa. Como eu queria que essa frase fosse verdade. Não quero voltar para como era antes da noite que passamos juntos; vê-lo flertar abertamente com outras garotas, permitir que elas encostem nele, rindo como adolescentes para as piscadinhas que ele dá. — Eu disse que as coisas iam ficar complicadas.

Afasto-me e olho para cima. Ele tem uma expressão confusa no rosto, ainda me encarando. Tem algo inexplicável em seus olhos, um olhar triste, como se estivesse lutando contra um desejo, uma vontade.

— Como assim, complicadas?

Passam alguns segundos e meu coração acelera com a possibilidade de ele achar que passamos do limite. Lembro muito bem das palavras que ele disse, pedindo para eu dizer que deveríamos parar.

— Espero que as gorjetas dos tarados querendo uma chance com você não façam muita diferença. — Meu coração acelera quando ele inclina o quadril para frente, me dando um gostinho de como está afetado. — Porque estou prestes a destruir os sonhos e esperanças deles.

Quando ele dá um passo para trás, na mesma hora sinto sua ausência. Quero exigir que ele volte e se esfregue em mim, mas entendo que não podemos. Estamos no trabalho e há um bar cheio de gente do outro lado da porta.

Jake percorre os olhos pelo meu corpo, prestando atenção na minha aparência. Admito que escolhi o modelito pensando nele. Saia curta, camiseta apertada e decotada e meu par favorito e mais confortável de salto alto que realça minhas pernas compridas. Ele fica de olhos semiabertos, um olhar que percebi ser sinônimo de estar excitado.

— Cuidado quando for se inclinar. — Ele roça o dedo pela minha coxa, logo abaixo da borda da saia. — Não sou do tipo que divide.

Uma batida na porta me dá um sobressalto. Eu me viro e olho para ele de olhos arregalados. Ouço a risada grave de Jake e sinto seu corpo pressionando contra minhas costas.

— Vamos começar logo esse turno. — Fecho os olhos, absorvendo completamente a voz rouca. — Depois, você vai me mostrar o que está escondendo embaixo da saia.

Ele aperta minha bunda e eu junto as coxas. Memórias do movimento dele dentro de mim a menos de vinte e quatro horas ressurgem com força na minha mente.

Sinto o leve roçar de seus lábios na minha têmpora e ele passa por mim, abrindo a porta. Não consigo ver quem está do outro lado. Apenas vejo Jake saindo do escritório, enquanto eu me apoio na

cadeira ao lado.

Como estava dizendo antes, não tem como se prevenir contra um cara como ele. De jeito nenhum.



Chegamos à última hora de trabalho. A banda está tocando, o bar, lotado, e eu tenho pouquíssimo tempo para interagir com Jake. Mas isso não o impede de olhar na minha direção sempre que pode. Ele pisca, sorri e até mesmo me examina de cima a baixo, às vezes. Seja um gesto pequeno ou grande, eu me sinto elétrica e ele percebeu.

Me distraio com uma rodada de bebidas para uns caras sentados à minha ponta do balcão. Estou ciente de que eles seguem a minha bunda e peitos com os olhos a cada movimento que faço. Isso nunca tinha me incomodado antes de ontem à noite, mas agora gostaria muito de me cobrir.

— Ei, Blair. — Olho para cima e vejo Tom, um cliente habitual, se aproximando de outros dois caras. — Me vê duas cervejas. — Ele oferece uma nota de dez e eu me inclino para pegar, mas o loiro ao seu lado pega da sua mão antes que eu consiga alcançar.

— Que tal eu guardar isso bem aqui. — Coloca a nota no bolso da frente da calça. — E você vem aqui desse lado para pegar?

Dou um passo para trás, cruzando os braços, e acabo batendo contra um corpo rígido. Nem preciso olhar para saber que é Jake. Consigo sentir o cheiro do seu perfume.

— Que tal você colocar essa merda de nota no balcão e tratar a moça com respeito? — Estremeço com o tom de voz e me pergunto onde ele estava escondendo esse lado dele. — Ou eu posso ir aí do seu lado e nós vamos lá pra fora, pode escolher. Você tem dois segundos antes de eu decidir.

O loiro e o amigo se entreolham por alguns segundos de clima tenso, e ele tira o dinheiro de dentro do bolso.

— Eu tava só zoando — diz, e ergue as mãos em sinal de rendição.

— Você quer zoar, sugiro ir zoar com outra garota. — Jake põe a mão no meu quadril e me traz para perto dele. — Essa aqui está fora de questão.

Ele acaba de me declarar como sua.

Capítulo 6

Jake

Continuo segurando Blair, meus dedos firmes contra seu quadril. Meu corpo todo treme de irritação e eu sei que minhas ações só estão colocando mais lenha na fogueira que será meu fim. Mas não consegui segurar a vontade de protegê-la, o desejo de mantê-la segura desses cuzões.

— Tudo bem? — pergunto a Blair, ainda fuzilando com os olhos o cara, que se recusa a me enfrentar. Ele se virou para assistir à banda, batendo o pé, logo esquecendo a briga que estava a poucos segundos de comprar.

— Estou bem — ela assegura, colocando a mão em cima da minha. — Mas saiba que esse seu lado de homem das cavernas é muito sexy.

Volto meu olhar para Blair, que está com o rosto inclinado por cima do ombro. Seu queixo erguido, um sorriso se abrindo nos lábios. É impossível não sorrir de volta.

— Você está encrencada — digo, beijando-lhe a boca rapidamente.

Vejo sua expressão de surpresa quando me afasto e volto para meu lado do balcão. Não devia tê-la beijado, eu sei, mas não consegui me conter. Com Blair, acabo dizendo e fazendo o tipo de coisa que geralmente é fácil de controlar. Mas sua bondade, sua doçura, me faz querer tudo que ela tem para oferecer.

Uma parte de mim quer contar tudo para ela e convencê-la de que a opção mais segura é fugir comigo, mas sei que não funcionaria. Eles nos encontrariam e nós dois iríamos pagar.

O resto da noite passa depressa, sem outros incidentes que exijam deixar claro que Blair está fora de cogitação. Na verdade, a maioria dos homens a fim de beber vem para o meu lado do balcão em vez do dela. Toda vez, olho na direção dela e sorrio com cara de quem venceu a batalha. Mas ela não parece se importar, está brilhando como se minha declaração do nosso relacionamento fosse o

melhor presente que eu tivesse lhe dado.

Na hora de fechar, eu tranco as portas, e Blair, Tom, Marla e eu começamos a limpar e ajeitar tudo. A banda recolhe os equipamentos e os leva para a van estacionada do lado de fora da porta dos fundos. Sinto minha impaciência crescendo a cada segundo que passa. Tudo que eu quero é enxotá-los e ficar um tempo sozinho com Blair.

Sinto-me desorientado, inquieto, talvez um pouco agitado.

Quando Marla e Tom vêm me avisar que já se aprontaram e perguntar se podem ajudar com mais alguma coisa, digo depressa que eu e Blair terminamos o resto. Pelo sorriso esperto de Marla e o levantar de lábios malicioso de Tom, imagino que eles saibam o que está se passando na minha cabeça.

O gerente da banda acena para mim e sai pela porta dos fundos, e eu logo tranco a porta atrás dele. A sensação de ser um garoto volta quando me viro para encarar Blair. Sinto uma empolgação que me atinge como um trem, e ela olha por baixo dos longos cílios, tentando segurar o sorriso crescendo em seu rosto.

Paro por alguns segundos, apenas observando. Eu amo o jeito que ela olha para mim. Ninguém nunca me olhou do jeito que ela olha. Ela não me vê como um Gunther; não sente medo de mim e esse é o melhor sentimento que já senti na vida.

Vejo o peito dela subir e descer, respiração ofegante, conforme eu me aproximo. Quando ela acha que vou encostar nela, dou um passo em direção à juke-box. Juro que ouço um suspiro derrotado e eu amo pra caralho pensar que ela está tão desesperada pelo meu toque que fica desapontada quando ele não vem.

Passo os dedos pelas opções, levando um tempo para encontrar a escolha perfeita para o clima. Sexy, mas significativa, uma música que me deixe segurá-la perto de mim, mas que faça sentido.

A batida da música começa, eu fecho os olhos por alguns segundos e então me viro para olhá-la. Ofereço a mão e sinto o coração acelerando quando ela põe a mão em cima da minha. Ela deixa escapar um gritinho com o puxão que eu dou para trazer seu corpo de encontro ao meu.

Sua risada é contagiante. É um som que faz minha vida infernal desaparecer tão facilmente. Quando Blair coloca a outra mão no meu peito, em cima do coração, e olha para mim, juro que o sinto descompassar.

— Você é tão linda, — as palavras queimam na minha garganta. São as palavras mais verdadeiras que já disse.

— Você também.

Dou uma risada, e ela enfia a cara no meu peito, parecendo envergonhada.

— É a primeira vez que ouço essa — digo, fazendo-a olhar para mim de novo. — Mas gostei. — Lindo, para mim, tem uma conotação de inocência, de pureza. Pode me chamar de frouxo, se quiser, mas eu amo que ela me vê dessa forma. Sei que, se soubesse quem eu realmente sou, não acharia isso de mim.

Nossos olhares se encontram e palavras não são mais necessárias, continuamos nos movendo juntos como se fizesse parte de nós. Inclino a cabeça para encostar meus lábios nos dela e ela aceita o beijo sem hesitar. O beijo simples que eu pretendia dar logo evolui para algo mais. Nunca me perdi tão completamente em uma pessoa, mas é o que acontece quando estou com Blair. Ela me faz esquecer o último serviço que fui obrigado a executar. Ela me ajuda a esquecer o homem que nasci para ser. Ela me dá esperança de que eu possa ser algo mais, algo incrível.

A música termina e outra começa ao mesmo tempo em que agarro seu quadril e a levo em direção ao escritório onde começamos nossa brincadeira mais cedo naquela noite. Desde que a deixei plantada lá, fui assolado por visões dela sentada na mesa ou em cima de mim na cadeira. Foi difícil me concentrar a noite toda, mais de uma vez tive que disfarçar a ereção.

Ao chegar à porta, desço a mão pela cintura dela até a beira da saia. Mas não paro por aí: levo a mão por baixo até encontrar a linha da calcinha na parte de dentro da coxa. É muito difícil controlar os desejos animais gritando dentro de mim quando a vejo tão excitada quanto eu. Insiro a ponta do dedo dentro da calcinha e o escorrego suave pela sua entrada; molhada e quente. Sem perder tempo, enfio o dedo nela por trás e ela se impulsiona, se abrindo ainda mais.

— Você me deixa maluca.

O sentimento é recíproco. Louco é pouco comparado aos sentimentos e emoções dentro de mim. É isso que eu quero: ela, eu, nós. Quero me sentir assim todos os dias e noites da minha vida.

Tiro meu dedo de dentro dela que protesta com um grunhido. Vejo uma expressão desapontada tomar conta de seu rosto lindo. Mas, quando ergo sua saia, puxo sua calcinha para removê-la, seus olhos desfocam.

Seu corpo está apoiado contra a beirada da mesa, na tentativa de sustentar e estabilizar as pernas trêmulas. Tiro a calcinha com facilidade, ainda de joelhos na frente dela e fico louco com o cheiro de Blair. Chego mais perto e beijo a coxa descoberta, indo em direção à outra logo em seguida. As pernas de Blair começam a tremer ainda mais e ela põe a mão no meu ombro. Sorrio contra a coxa dela, sei que o que estou prestes a fazer vai levá-la ao ápice.

Bem devagarinho, roço o clitóris com a ponta da língua, um

gemido gutural escapando de seus lábios. Caralho, ela é sensacional. Eu a quero cada vez mais, mas não só nesses momentos de luxúria, mas sim em todos os sentidos. Seus olhos, seu sorriso, sua risada, o jeito como ela me toca quando está passando atrás de mim no balcão. Sua pureza e sua forma doce de fazer com que eu me sinta incrivelmente seguro.

Não consigo mais me conter, levanto e abro o cinto da calça. Deixo meu pau livre, o cubro depressa com a camisinha e me inclino para roçar seus lábios molhados. Ouço outro gemido seguido de um “sim” que me deixa tão desesperado quanto ela parece estar.

Meto dentro dela, as costas de Blair se arqueiam em cima da mesa, e ela aperta o tampo com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Tento manter o ritmo, ir devagar e aproveitar cada estocada, cada vaivém e o aperto perfeito do corpo dela, mas não consigo. Só o que consigo pensar é que quero fazer isso com ela todos os minutos de todos os dias.

Quando olho para baixo, observo o ponto em que nos unimos e vou subindo os olhos pelo seu corpo até chegar ao seu rosto lindo, encontrando uma expressão que corresponde aos meus pensamentos. Ela também sente isso, sei que sente. Esta ligação que nós temos. Uma ligação que eu não deveria estar sentindo, muito menos deixando tomar conta, mas contra a qual não consigo lutar.

Nunca senti algo parecido na minha vida.

Sinto ela me apertar e seguro seu quadril com mais força, fazendo o possível para prolongar seu prazer. Ela revira os olhos, morde os lábios e, de repente, relaxa. É o suficiente para me levar ao ápice. Nesta noite, compartilhamos um dos momentos mais intensos e íntimos da minha vida.

Não quero que ele acabe, mas sei que já estou tentando a sorte. Porra, a qualquer segundo um dos capangas do meu pai ou até mesmo meu irmão pode aparecer por aqui e essa é a última coisa que eu quero. Então, me desprendo do corpo dela e me limpo. Consigo ouvi-la se mexendo atrás de mim, imagino que fazendo o mesmo.

Coloco a calça de volta no lugar, aperto o cinto e ergo a cabeça, vendo-a olhar para tudo menos para mim. Depressa, vou até ela, que se dane a calça, e puxo seu corpo para o meu com um braço ao redor da cintura. Blair arregala os olhos surpresa logo antes de eu beijá-la nos lábios.

— Você não tem ideia do que significa cada segundo que passo com você. — Encosto a testa na dela, ainda de olhos fechados. — É tão intenso que eu não consigo respirar, cada olhar que você me dá, o jeito como você me toca. Eu nunca fiquei tão dependente de alguém antes, como se nada fosse o suficiente.

— Eu também — ela diz em um sussurro que aperta meu

coração sofrido.

Ficamos naquela posição por um tempo que parece durar para sempre, mas que são apenas alguns segundos e então me afasto.

— Melhor fecharmos o bar. — *E continuarmos no seu apartamento ou no meu.* É assim que quero completar a frase, mas preciso dar notícias para meu pai. Se não o fizer, ele ou um de seus capangas idiotas virá atrás de mim.

Terminamos de desligar as luzes e saímos, trancando a porta dos fundos. Entrelaço nossas mãos e caminhamos juntos até o carro dela, estacionado a poucos metros do meu. Não consigo evitar o sorriso quando ela olha para mim, cabeça inclinada para o lado, também sorrindo.

— Eu e você deveríamos planejar uma escapada. — Sei que não posso arriscar continuar aqui. — Ir para um lugar onde eu possa ter você só para mim.

— Preciso checar com meu chefe, ver se ele me daria uma folga.

— Acho que tudo é possível se você pedir com carinho. — Eu a beijo mais uma vez e me afasto, deixando-a entrar no carro. É difícil, minhas mãos chegam a tremer no segundo em que sinto a distância entre nós.

Ela acena devagar, coloca o carro em marcha ré e sai da vaga de estacionamento. Eu a observo dirigir até a rua principal, mas sei que só ficarei contente quando souber que ela está segura, dentro do seu apartamento.

Então eu sigo-a, a certa distância, com meu carro e paro no acostamento da rua, observando-a estacionar em um lugar vago do outro lado do prédio. Desligo os faróis e espero enquanto ela pega a bolsa, fecha a porta e corre pela rua.

Meu Deus, ela é linda pra caralho.

Coloco a mão no peito e pressiono, tentando aliviar a dor que sinto. Eu quero ir até ela, eu preciso, mas não posso. Tenho que achar um jeito de conseguir as respostas que meu pai quer e ficar com ela também.

Capítulo 7

Blair

Saio do chuveiro e me enrolo no roupão azul-claro velho. O roupão está acabado, mas é macio e eu o amo demais para jogar fora. Assim que saio do banheiro em direção ao corredor que leva até meu quarto, o interfone toca, indicando um visitante.

Ainda sinto as pernas e o corpo inteiro fracos da noite anterior em que fechei o bar com Jake. As memórias ficaram inundando minha cabeça desde que dirigi para casa e o vi me seguindo, observando.

Aperto o cinto do roupão e vou até a porta, passando pela sala de estar, quando o interfone toca pela segunda vez.

Fico na ponta do pé e olho pelo olho mágico, sentindo meu coração acelerar. É uma alegre surpresa ver Jake esperando do outro lado. Ele prometeu que nos encontraríamos de novo, mas não tinha me permitido acreditar que seria em tão pouco tempo. Achei que fosse uma tentativa de evitar constrangimento.

Agora, ele está aqui.

Eu tento não parecer muito empolgada destrancando e abrindo a porta, sorrindo quando ele dá um passo à frente e a abre ainda mais.

Já disse que Jake Gunner é impaciente e não vê problema nenhum em conseguir o que quer quando quer? Pois ele me provou isso ontem à noite várias vezes, na verdade, inclusive antes da noite passada.

De repente, me vejo pressionada contra a parede logo ao lado da porta, o roupão que havia atado aberto e mostrando meu corpo nu.

— Oi — ele diz, olhando faminto para mim.

— Oi — repeti, com as bochechas doendo, tamanho é o meu sorriso.

Não posso negar como é sexy a confiança dele.

— Tá a fim de passar o dia inteiro juntos, escondidos do mundo? Só você e eu, trancados aqui no seu apartamento, ignorando a existência de todos.

Tenho a sensação de que ele já sabe que não vou dizer que

não. Acho que minha atração por ele é bem óbvia. Não importa o quanto eu tente esconder ou fingir que ele não me afeta, a reação do meu corpo é instantânea quando estou perto dele.

Devo admitir que fiquei um pouco confusa com o interesse dele por mim. Ele não parece o tipo de homem que passa o tempo com apenas uma mulher. Mas ele fica diferente comigo, não é mais o homem arrogante atrás do balcão que mostra para os outros.

— É viável — digo, enquanto ele pressiona o corpo contra o meu e separa minhas coxas com uma perna. A subida provocante da sua perna pela minha não passa despercebida. — Bem viável, — confesso, colocando as mãos na borda da camiseta e revelando o tanquinho firme.

Não tem nada de macio em Jake.

— O que está esperando?

Faço uma pausa, pousando as mãos no tanquinho e olho para ele, um pouco confusa com a pergunta.

— Você me quer, Blair? — pergunta, e eu engulo o caroço entalado na garganta. *É uma piada?*

— Sim — respondo.

— Então tome o que quiser de mim. — Ele se afasta e tira a camiseta, largando-a no chão perto dos pés.

Estou paralisada, com as costas encostadas na parede, assistindo a este homem sexy se despir na minha frente. Somente quando ele mostra seu nu glorioso por completo, eu consigo arranjar forças para ir até ele e aceitar o que está oferecendo.

Ele não me toca, a princípio, apenas permite que eu o explore. Uso a oportunidade para apreciar seu peito e braços com a palma das mãos. Cada declive dos vários montes e contrações de músculos que eu toco só me deixa mais excitada. Sempre soube que ele teria um corpo incrível, mas vê-lo agora, senti-lo, é muito mais do que uma simples fantasia.

Chego mais perto, pressiono um beijo em cima do seu coração e vou descendo, provocando até me ajoelhar devagar na sua frente.

Ele continua sem me tocar, seu peito subindo e descendo depressa com cada respiração. Uma mão em cada coxa, eu me inclino e corro a língua pelo seu comprimento. Suas pernas tremem, e eu me sinto triunfante por um breve momento, sabendo que fui eu a deixá-lo instável. Eu amo essa sensação, pois sei que um homem como ele não se deixa levar com frequência.

Ergo a mão e enlaço firme seu pau, tomando-o com os lábios, e o vejo revirar os olhos e reclinar a cabeça para trás. Eu juro que ouço um grunhido profundo vindo dele, de novo me sentindo vitoriosa.

Cada roçar da minha língua, cada movimento do meu punho fechado, o faz derreter. Sei que o conquistei quando ele começa o

vaivém do quadril de acordo com os movimentos da minha boca. Pega meus cabelos e guia meus movimentos, tomando conta. Nunca gostei desta parte do sexo: era uma parte que eu tentava evitar, mas com ele é diferente. A expressão em seu rosto enquanto ele toma o que precisa de mim é o suficiente para acender um fogo que nunca senti antes.

Quando ele se afasta rapidamente e a ereção cai da minha boca, vejo o desejo em seus olhos. Um desejo faminto, que eu talvez devesse temer, mas não temo.

Ele me ergue do chão e me leva para o quarto antes que eu possa protestar. *Não que eu queira.*

Sou colocada de pé e observo-o, enquanto ele abre um pacote de camisinha com os dentes. Por um segundo, me pergunto onde ele a guardou esse tempo todo, mas logo descarto o pensamento.

Jake pega minha cintura, me vira e abre minhas pernas com as dele. Ele pressiona para baixo e eu caio para frente, com as mãos na ponta da cama.

Estou prestes a fazer um comentário sobre sua posição sexual favorita de pegar uma mulher por trás quando sinto-o meter com tudo, arrancando um grito surpreso da minha boca. A posição não faz diferença, eu o quero de qualquer forma possível, não interessa.

— Porra — ele geme, quase que com raiva, como se o fato de ser tão bom o irritasse. Jake me fode com estocadas fortes, não de forma lenta, mas intensa. Ele não me dá a chance nem de pensar, simplesmente pega o que quer. Com isso, dá tudo de si, também.

Com a mão no meu quadril, outra no meu ombro, usa o apoio para puxar meu corpo contra suas estocadas. Ele me atinge tão fundo que, a certo ponto, eu me pergunto se vou conseguir aguentar sem me perder completamente.

— É isso aí, — ele encoraja. — Relaxa — geme de um jeito que me entusiasma mais do que achava possível. — Você me aperta tão gostoso...

Meu corpo perde o controle, e eu caio para a frente, gozando com tanta força que chego a tremer.

— Blair, — meu nome escapa de seus lábios, e ele fica tenso, gozando dentro de mim.

Fico parada, curvada aos pés da cama, sentindo Jake no fundo do meu corpo. Sei que não tem mais volta depois disso. Mesmo que a situação se torne constrangedora, mesmo que as coisas mudem, eu sei que vai ser impossível continuar trabalhando com ele.

Capítulo 8

Jake

Estou acordado, incerto de que horas são. Pernas entrelaçadas com as de Blair por baixo dos lençóis, ela cobre meu corpo como um cobertor. É perfeito, ela é perfeita.

Passamos o dia nos perdendo um no outro. É simples quando se trata dela. Ela é o tipo de garota que faz parecer como se as partes ruins da minha vida não existissem. Perder-me nela é uma das coisas mais fáceis que já fiz.

Por horas, me permiti acreditar que as expectativas do meu pai não vão arruinar o que estamos vivendo. Quero apenas acreditar que o que estamos fazendo, o que compartilhamos, é real. Entendo que vou me desapontar, mas não posso segurar minha vontade de descobrir, de experimentar como é me apaixonar por alguém. Admito, nada jamais fez eu me sentir tão extraordinário.

Agora, deitado aqui, sabendo que estou prestes a enganá-la e trair a confiança que ela tem em mim, me sinto enojado. O celular dela toca do outro lado do quarto, o que indica que são oito horas da noite.

Estava esperando a ligação, torcendo para que não viesse, mas sabendo que é necessária.

Conforme eu planejava.

— Blair — digo com a voz rouca. Quero fazer parecer como se a ligação me acordara. — O celular tá tocando.

— Uhm — ela geme e tenta se aninhar ainda mais no meu corpo.

Fico tentado a deixá-la ignorar a ligação. Mas, em vez disso, eu a cutuco, e ela se senta relutante, levantando da cama para pegar o celular.

— Alô. — Quase rio com a óbvia irritação na sua voz. — Sadie, — Blair reclama, choraminga, praticamente. — Essa é a milésima vez que você tranca as chaves dentro do carro. — Depois de uma pausa, ela suspira. — Tá, mas não vou trocar de roupa, muito menos pentear

o cabelo. Quando eu passar por você, acho melhor estar preparada para o arremesso, porque não vou nem parar para entregar as chaves extras.

Eu me deito totalmente imóvel, fingindo ter voltado a dormir. Espero que o plano funcione e que ela não insista para eu ir junto. Só preciso de um tempo sozinho no apartamento.

O quarto fica silencioso e logo depois eu sinto a cama afundando ao meu lado. Os lábios dela roçam minha bochecha em um beijo suave. Um gesto que me faz sentir mais babaca do que estou sendo.

Eu não devia ter me envolvido com ela. Sei disso. Mas foi impossível depois de conhecê-la. Eu me via querendo protegê-la e fazer tudo o possível para tirá-la da bagunça que Nate causou. Não importa o quanto eu tente convencer meu pai de que ela não sabe nada, ele não me ouve.

— Preciso levar uma chave extra para Sadie — Blair sussurra perto do meu ouvido, e eu continuo imóvel. — Espero que você ainda esteja aqui quando eu voltar.

Não sei se ela acreditou que eu voltei a dormir, mas imagino que sim. Duvido que confessaria seus pensamentos sabendo que estou acordado.

— Eu gosto de ficar em seus braços, Jake, eu gosto de como me sinto com você. Faz um bom tempo desde que me senti segura assim. — Seria melhor me dar um soco nas bolas. Menos doloroso que suas palavras.

Espero, bem parado, até sentir a cama livre ao meu lado, sinal de que ela levantou de novo. Então ouço os pés descalços pelo chão indo para a sala de estar. Continuo deitado até ouvir o som das chaves e da porta do apartamento trancando.

Sei que tenho pouco tempo, então me ergo depressa. Ignoro o vazio dolorido do estômago, começo procurando no closet e debaixo da cama, remexendo caixas e potes na procura de alguma coisa que me leve até Nate. A cada segundo que passa, meu coração acelera com a possibilidade de ela me achar fuçando nas suas coisas. Eu remexo as gavetas, com cuidado para não fazer bagunça.

Só o que preciso é de uma alguma informação, qualquer coisa que eu possa apresentar para meu pai. Um envelope antigo, um extrato de banco com o endereço dos pais. Na verdade, qualquer parente a quem ele possa ter recorrido.

Depois de mexer em tudo no quarto, vou depressa para a sala de estar e repito o processo. Minhas mãos tremem com a adrenalina correndo pelo meu corpo. Tal desonestidade embrulha e revira meu estômago.

Estou terminando a busca em uma gaveta da cozinha, prestes a

colocar os itens de volta cuidadosamente, quando a porta da frente se abre. Dou meia-volta e vejo Blair entrar, me olhando curiosa.

— O que está fazendo? — Ela olha para a bagunça no balcão atrás de mim, e me obrigo a pensar rápido.

— Procurando por menus de restaurante. — Ela continua de cenho franzido. — Depois de tanto exercício hoje, preciso reabastecer. — Balanço as sobranças, na tentativa de acalmar os ânimos, e fico aliviado quando ela sorri.

— Você que me cansou.

Ignoro a bagunça atrás de mim e vou até ela com um desejo desesperado de tê-la comigo. Abraço sua cintura e a puxo para perto. Os olhos de Blair procuram algo nos meus e aquele vazio retorna. Neste exato momento, quero revelar quem eu sou e o que estou procurando, mas tenho medo de termos passado dos limites. A possibilidade de perdê-la é demais para mim, mesmo sabendo que, cedo ou tarde, vai acontecer. Estou vivendo uma mentira, eu sei, mas é tão bom ignorar a realidade.

— O que acha de pedirmos o jantar e voltarmos para a cama depois de comer? — Ergo a mão e tiro uma mecha de cabelo do seu rosto, acariciando seu maxilar. — Eu meio que gosto de dormir ao seu lado. — *Tá mais para amo pra cacete.*

Ela me faz dizer e fazer coisas que eu sempre evitei antes. Laços com outras pessoas eram apenas meios que meu pai podia usar contra mim, para me ferir, se achasse necessário, por isso eu evitava. Mas não consigo me segurar. Blair se acomodou em um lugar no meu coração, um lugar tão profundo que ela é tudo que consigo sentir.

— Você está amolecendo, Jake? — Ela dá um sorriso esperto e eu encosto minha pelve nela, mordendo seu lábio inferior e puxando com os dentes.

— Quando estou com você, garanto que nada fica mole. — Forço meu quadril de forma sugestiva, e ela suspira ao perceber que estou duro. É inevitável quando se trata de Blair.

— Você sabe que não podemos nos esconder no meu apartamento para sempre.

Ah, como eu queria que pudéssemos.

— Temos até amanhã, antes de precisarmos voltar para o trabalho.

— Quase outro dia inteiro juntos.

Ela olha para mim com seus cílios longos e lindos, com um ar de doçura e inocência. Um olhar simples que me deixa fraco, torna difícil respirar, e ela não tem nem ideia de como me afeta. Acho que é isso que me atrai em Blair. Ela é uma luz na escuridão ao meu redor.

— O que vamos fazer com todo esse tempo?

— Tenho algumas ideias. — Desço uma mão até a cintura dela

e com a outra, aperto sua bunda. Ergo-a e ela imediatamente enlaça minha cintura com as pernas.

— Mas e a comida?

— Olha só, de repente não estou mais com tanta fome de comida. — Beijo seu maxilar, e ela reclina a cabeça, abrindo caminho para eu explorar. — Acho que vou devorar você.

— Sim, por favor — ela diz ofegante, e eu sorrio no seu pescoço. Isso ainda vai me incomodar no futuro, sei que sim. Mas como posso me impedir de fazer o que não devo quando é tão delicioso? Ficar com Blair, me perder em seu mundo, é meu escape. Ela é tudo que eu não mereço, mas o fim iminente só me deixa mais desesperado pelo que tenho no momento.

É errado. Eu sei que é errado, mas não consigo parar.

Capítulo 9

Blair

— Estava começando a me perguntar se deveria dar queixa de sequestro na polícia. — Abro a porta da frente e encontro Whitney do outro lado. De braços cruzados e expressão descontente no rosto. — Você nem pensou que eu ia me preocupar depois de vinte e quatro horas sem contato?

— Desculpe — digo, dando de ombros e segurando a porta entreaberta.

— Tem um motivo para você não me deixar entrar? — Whitney é tão diferente de Sadie. Ela é do tipo mãe coruja, sempre me dando sua opinião, me supervisionando, de certa forma, garantindo que as coisas estejam nos conformes. — O que está escondendo? Ou melhor, quem?

Ela sabe mais da minha vida do que qualquer outra pessoa — do meu passado. Abandonada pelo pai quando tinha seis anos, pouco depois por uma mãe que se entregou às drogas. Praticamente me criei sozinha por dois anos antes de ser afastada da minha mãe e entrar no sistema de lares adotivos. Whitney era a garotinha morando na casa ao lado da família a quem fui alocada e ela logo virou minha melhor amiga. Ela me defendia quando as outras crianças zombavam das minhas roupas. E me protegia quando meninas cruéis fofocavam de mim na escola. Eu a amo demais por todo o apoio que sempre me deu, mas, às vezes, gostaria que ela relaxasse um pouquinho.

— Jake, — no segundo que o nome sai da minha boca, ela faz uma careta de desprezo.

— Seu chefe. — Ela apoia o peso em uma perna, inclinando o quadril.

— Tecnicamente, ele não é meu chefe — digo, dando de ombros inocente, tentando acalmar os ânimos. — Ele é só o gerente.

Whitney balança a cabeça.

— Quando vai atinar que é você quem se machuca indo atrás desse tipo de cara?

Olho por cima do ombro e confirmo que o chuveiro ainda está ligado.

— Ele não é quem você pensa que é. — Vejo uma expressão curiosa em seu rosto. — Acho que esse ar de sombrio e misterioso é só uma fachada que ele usa no trabalho.

— Blair, — Whitney solta os braços e dá um passo à frente. — Você mal o conhece. Pense bem. Não se prenda a ele e ignore os alertas ao seu redor.

— Que alertas? — Agora é minha vez de me irritar um pouco e ficar agitada.

— Ele é um barman que flerta abertamente com toda mulher que aparece. — Abro a boca para argumentar, mas ela ergue a mão e me para. — Antes que você diga que faz parte do trabalho, acredite, existe um limite e aquele homem já passou faz tempo. Só estou dizendo que você está deslumbrada pela aparência do cara, mas, no final, sou eu que vou catar os pedaços que ele deixar de você.

Aquelas palavras são como um soco no estômago, em parte porque tenho medo de serem verdades.

— É apenas uma diversão — asseguro, tentando manter a cabeça lúcida. — Achei que deveria seguir o conselho de Sadie e ter um lance com ele. Você não precisa se preocupar tanto.

Whitney me observa, seu olhar cuidadoso me examinando e avaliando. Dá para ver que ela não acreditou totalmente na minha história.

— Só peço que tome cuidado. — Finalmente, sua expressão rígida suaviza. — Você merece coisa melhor do que ser usada por um cara. Queria que percebesse isso. — Sem dizer outra palavra, ela se inclina, me dá um abraço rápido e sai em direção ao elevador.

Em nenhum momento ela se vira para olhar para mim, e, devo admitir, sua preocupação e desapontamento me deixou um pouco desorientada.

Fecho a porta depressa e vou até a cozinha, encontrando a bagunça de antes no meu balcão. Contas e faturas antigas espalhadas, uma cópia do contrato de aluguel de que já tinha me esquecido. Ver o nome de Nate me faz lembrar daquela época na minha vida em que jurei ter mais cuidado com minhas escolhas. Whitney tem razão de se preocupar: ela ficou ao meu lado diversas vezes, enquanto eu processava sentimentos de luto: tristeza, culpa, ressentimento e raiva.

Começo a guardar os papéis um de cada vez na gaveta. Tento lutar contra o desconforto crescendo na barriga. Fico tão imersa nos pensamentos que não ouço Jake atrás de mim. Ele me abraça por trás, puxando meu corpo para o dele, e sinto o coração pular dentro do peito.

— Jesus Cristo, você me assustou — confesso, e Jake ri.

— Desculpe. — Ele dá um beijo suave na minha têmpora, o que apenas aumenta o desconforto que estava sentindo. É sempre assim, com relacionamentos ou o que quer que seja. Tudo vai bem até desandar aos poucos.

— O que estamos fazendo? — pergunto antes que possa engolir as palavras e me viro para encará-lo. Ele franze as sobrancelhas e inclina a cabeça para o lado, analisando meu rosto sem pressa. — Isso — continuo, fazendo um sinal entre nós dois, — não sei o que é.

Jake fica em silêncio, me observando atentamente. Por um breve instante, sua expressão é tomada por alguma coisa, um olhar de preocupação, de insegurança, talvez, não sei dizer.

— Temos que ir para o bar hoje à noite, trabalhar lado a lado e eu preciso entender...

Ele me cala com um beijo e se aproxima, tomando meu rosto nas mãos. Segura firme e continua movendo os lábios e a língua na minha boca. Logo me recordo de como meu corpo reage ao dele.

— Eu gosto de você, Blair — ele confessa, se afastando do beijo por um segundo. Sua confissão acaba por me deixar ainda mais nervosa. — Isso, — faz uma pausa, encostando a testa na minha, — são duas pessoas se conhecendo. Explorando as opções do que podem se tornar.

Meu pulso acelera.

— Vamos para o trabalho como sempre. — Jake ergue a testa e se reclina para trás, olhar encontrando o meu. — Só que, agora, quando um cara ficar secando você, vou deixar claro que não está disponível. — Eu ergo a sobrancelha, e ele sorri. — E você precisa fazer o mesmo.

— Ah, é? — Não consigo segurar o sorriso quando ele me olha tão sério, como se o que dissesse fosse lei e não houvesse nada capaz de mudar isso.

Ele assente.

— Não precisamos descobrir o que somos ou o que seremos, seja daqui a uma noite ou uma semana. — Jake acaricia meu lábio com o polegar. — Só sei que estar com você é o certo, e faz um bom tempo que não me sinto desse jeito.

— Como você se sente? — Talvez eu devesse encerrar o assunto e proteger meu coração, porém não consigo me segurar. Preciso saber.

— Como se você fosse a pessoa capaz de mudar tudo.

Sinto um aperto no peito e as pernas bambas. Eu sei, aqui e agora, que ele é a escolha certa. Porque eu também me sinto assim.



Faz poucas horas desde que Jake saiu e foi se arrumar para o trabalho. Passei o tempo tentando recobrar os sentidos. Eu sei que Whitney está certa e que preciso ir com calma. O dia foi incrível, mas não é bom uma garota como eu ficar completamente absorta em um cara tão rápido.

Tenho o péssimo hábito de me amarrar a pessoas que acredito terem como me dar a paz pela qual estou procurando. É o meu pior defeito, o que me faz esquecer com facilidade de todos os meus outros problemas.

Estou de pé na frente do espelho, me perguntando como vou enfrentar esta noite. Meu estômago está embrulhado, meus olhos ardem com a vontade de me aninhar em um canto e chorar mais uma vez quando vejo o que minha vida se tornou. Não tem a ver apenas com os últimos dias, mas com os últimos anos. Acabei traçando um caminho que jurei jamais escolher. Quero algo melhor para mim que minha infância. Algo melhor do que o que as pessoas que me trouxeram ao mundo tinham. Eu quero mais, ponto.

Inspiro fundo e expiro, olhando meu modelito pela última vez. Calça jeans preta, botas de cano alto e uma blusa vermelha, decotada e reveladora. Estou satisfeita com a escolha.

Dou meia-volta e endireito os ombros enquanto caminho até a porta. Fico repetindo na cabeça que eu não preciso de um homem, nem de ninguém, porque sou forte e confiante. Mesmo que cada palavra pareça uma mentira, continuo repetindo o mantra. Talvez, se disser isso várias vezes, eu me torne a pessoa que quero ser.

Capítulo 10

Jake

— Não havia nada lá — asseguro ao meu pai, que me olha insatisfeito. Olhos semicerrados, narinas dilatadas, ele respira furioso. — Vasculhei o lugar inteiro e não encontrei nada, a não ser um contrato de aluguel com informações que a gente já tem.

— Você perguntou a ela?

— Ela não sabe de nada — digo, ignorando a pergunta.

— Ela sabe algo de utilidade para mim, Cyrus.

Eu sinto a adrenalina crescendo em mim, enquanto ele me encara.

— Você se deixou envolver com essa garota ao ponto de esquecer suas responsabilidades. O sexo ofuscou seu juízo, e, pelo que Gabe me falou da garota, consigo imaginar por que isso aconteceu.

Olho para meu irmão e o vejo com um sorriso largo no rosto.

— Ele disse que ela é muito atraente.

Gabe torce os lábios e tudo que eu quero é arrancar essa expressão de merda da cara dele.

— Mas está na hora de encontrar outros meios para coletar a informação que você não foi capaz de conseguir.

As palavras do meu pai imediatamente chamam minha atenção.

— Quê?

— Você se divertiu, Cyrus, e suponho que tirou uma lasca nesse meio-tempo. — Aperto as mãos em punhos. — Mas eu decidi tentar outra estratégia.

— Do que está falando? — O sangue corre pelas minhas veias, me deixando tonto. Meu irmão se levanta da cadeira, que chia com o peso dele.

— Não se preocupe, mano — ele diz e vai em direção à porta. — Vou ser gentil com ela.

Eu disparo pelo cômodo tão rápido que nem percebo, mas sou agarrado por trás. Paul, o guarda-costas, ou seja lá o que for, puxa-

saco do meu pai, e Brody, seu velho amigo, me seguram por trás, enquanto Gabe para na porta. Ele olha para mim, uma expressão triunfante em seu rosto.

— Prometo não estragar o rostinho bonito dela.

— Não ouse tocar nela, caralho — rosno, tentando me libertar dos braços que me seguram.

— Mas essa é a melhor parte, — Gabe lambe os lábios e acho que vou vomitar.

— Eu juro, Gabe, se você machucar ela, encostar um dedo nela, eu te mato, foda-se que você é meu irmão.

Ele olha para trás de mim, imagino que procurando a aprovação do meu pai e olha para mim outra vez. Dá uma piscadinha e sai do cômodo, risada ecoando pelo corredor.

— É só uma mulher, Cyrus — meu pai diz despreocupado, enquanto os dois homens me colocam de volta na cadeira onde estava. — Têm várias dando sopa por aí, podemos até lhe arranjar uma moreninha que se pareça com essa tal de Blair. — Quero me rebelar, quero chamá-lo de merda desprezível, mas isso só vai prolongar o tempo preso aqui, longe da Blair. Preciso sair desse cômodo, e o único jeito de fazer isso é jogando o jogo de Zeke.

— Eu não gosto de não completar o serviço — digo, narinas dilatadas e mãos trêmulas. — Eu estava tirando uma lasca, mas não há nada de errado nisso. Além do mais, foi depois de cansá-la que consegui revistar o apartamento. Eu fico satisfeito, ela apaga. — As palavras têm o gosto de ácido na minha boca.

— É uma boa estratégia, garoto — meu pai afirma, ambos os capangas rindo. — Mas você pensou com o pau e, infelizmente para você, eu não gosto de esperar.

— Você me deu uma semana.

— E, agora, mudei de ideia.

Capítulo 11

Blair

Ao me virar depois de trancar o carro, dou de cara com dois homens que não conheço. Meu coração acelera e dou um passo para trás, esbarrando na lateral do carro.

— E aí, moça bonita — um dos homens diz, com um grande sorriso. Ele não tem um dos dentes da frente, deixando-o, de algum jeito, ainda mais assustador. — Você não deveria ficar sozinha em um estacionamento escuro. Ninguém nunca te ensinou a ser cuidadosa?

— O que você quer? — digo com a voz trêmula de medo, procurando um jeito de escapar desses homens. — Aqui, — entrego minha bolsa e as chaves, — pode levar.

— Ah, benzinho. — Ele roça meu braço com os dedos e sinto vontade de vomitar. A risada do outro homem serve apenas para me intimidar. — Não queremos seu carro, nem dinheiro.

Olho para os dois e os vejo me avaliando de cima a baixo.

— Adoraria usar o banco de trás, provar um pouquinho. — Sobe uma água na minha boca, lágrimas ardendo os olhos. O homem mais alto de cabelo loiro oleoso desce a mão e se agarra num gesto sugestivo.

— Calma, Rick — o homem de dente quebrado fala tranquilo. — A não ser que você queira levar um soco do meu irmão, ou melhor, um tiro, acho bom conter as mãos e o pau.

— Tá me dizendo que você não vai nem passar a mão?

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e ele a enxuga com o dedo, trazendo-a para os lábios. Com a língua, ele prova a lágrima, e eu sinto meu corpo tremendo de medo.

— Eu adoraria sair na porrada com Cyrus, mas acho que machucar a garota dele vai ser o estopim. — Não tenho ideia do que eles estão falando, mas ainda bem que a existência desse cara garante minha segurança. Espero que garanta, pelo menos. — Parece que ela se infiltrou na cabeça dele.

Enquanto diz isso, ele sobe os dedos pelo meu braço até meu

peito, no espaço exposto entre meus seios. Nunca me senti tão suja na minha vida, seu toque me dá arrepios.

— Meu irmão parece estar possuído depois de que você se ofereceu a ele. — Engulo a saliva. — Devo admitir, adoraria provar também.

Quando ele sorri, só consigo prestar atenção no buraco entre os dentes. Preciso me concentrar em alguma coisa para não desabar no chão em posição fetal.

— Não sei do que você está falando, — minha voz treme.

— Cyrus — ele diz o mesmo nome, e eu ainda não sei quem é essa pessoa. — Acho que você o conhece por Jake.

Solto um suspiro surpreso, mas logo fecho a boca, minha visão se tornando turva.

— Sabe... — Ele desce ainda mais o dedo, engatando-o no fecho central do meu sutiã. Meu corpo estremece de nojo. Ele, claro, leva para outros lados. Dá um sorriso contente, enfiando o dedo mais fundo. — Era para o meu irmão se meter na sua vida para conseguir as respostas que queremos. Mas, em vez disso, ele se meteu em você.

Meu estômago embrulha e minha cabeça avalia as palavras devagar.

— Então vim terminar o serviço que ele não foi capaz de concluir, — ele sussurra, roçando minha bochecha com os lábios. Tem um hálito horrível, a mistura de cigarro e álcool envelhecido me atingindo em cheio no rosto.

— Que serviço? — pergunto, virando o rosto para longe dele.

— Quero saber onde posso encontrar Nate. — Eu me viro para ele de supetão. — O nome lhe é familiar? — Não preciso responder, sei que ele tem todas as informações de mim que precisa. — Onde posso encontrá-lo?

— Eu não vejo Nate faz mais de seis meses.

Ele tira a mão do meu decote, mas o breve alívio logo desaparece quando a parte de trás da mão dele atinge minha face.

— Você disse pro Cyrus que não ia estragar o rosto dela. — Fecho os olhos, sentindo mais lágrimas escorrerem. Ser usada por Jake, ou Cyrus, ou seja lá qual é o nome dele, parte meu coração. O pior é que ele sabia que esses homens viriam terminar o que ele não conseguiu.

— Cala a boca — o homem sem dente vocifera, me pegando pela garganta com força e me empurrando contra o carro atrás de mim. — Escuta aqui, vadia — ele diz com raiva. — Eu preciso de respostas. Então não me vem com ladainhas. Você pode escolher o jeito fácil ou o jeito difícil. Mas saiba que o jeito difícil vai foder com sua cabeça e seu corpo para sempre.

Meu lábio treme e não há nada que eu possa fazer para impedi-

lo.

— Eu só conheço alguns amigos dele. Talvez ele esteja com um primo, — as palavras saem em um sussurro dolorido pela pressão que ele aplica na minha garganta.

— Agora estamos nos entendendo. — Ele sorri, o mesmo bafo podre me desorientando os sentidos.

Achei que ele ia se afastar, mas, em vez disso, apenas alivia o aperto e continua com o corpo fixo no meu. Ele mexe gentilmente o quadril de vez em quando, e eu consigo sentir que está gostando do esfrega-esfrega.

Tento ficar forte e segurar as lágrimas, mas estou morrendo de medo do que eles farão a seguir.

Falo depressa alguns nomes e lugares em que acho que Nate possa estar, mas juro que estava dizendo a verdade antes quando disse que não o tinha visto ou ouvido falar dele desde que ele saiu pela minha porta.

Quando termino de falar, o outro cara anotando toda a informação de que precisam, o homem que agora sei ser o irmão de Jake solta meu pescoço. Não me larga, apenas desce a mão pelo meu ombro até chegar no meu seio. Ele me aperta com força, esfregando o quadril contra mim.

— Geralmente, é nesse momento que eu estrago as mulheres — ele sussurra arrogante, e tudo que posso fazer é segurar o vômito ameaçando sair. — O momento em que mostro a elas que estou no controle e que se elas mencionarem esse momento alguma vez, seria obrigado a matá-las. É minha parte favorita, na verdade. Ouvir uma mulher gritar por ajuda enquanto eu a degrado, a humilho.

Esse homem é doentio.

— Mas eu prometi para o meu irmão que não faria isso.

Quero sair correndo no instante em ele dá um passo devagar para trás e retira a mão do meu seio. Quase consigo sentir a pressão do corpo dele no meu. Sei que vai demorar um bom tempo para eu me esquecer dessa sensação.

— Não me faça me arrepender da lealdade que tenho pela família.

Ele está falando sério? Lealdade? Família? Queria rir da cara dele, mas sei que isso só vai piorar as coisas.

— Tenho certeza de que vou te ver por aí, Blair Wilkerson, da rua Westbrook, Número Dois-vinte, apartamento 12B. — Ele se afasta com um sorriso confiante e meu corpo fraqueja contra o carro, deslizando até o chão. Eu observo, incapaz de desviar os olhos, os dois se virarem e irem embora. Não me mexo até que eles desapareceram e reste apenas o silêncio.

Pego as chaves que caíram no chão durante o confronto com o

irmão de Jake. Me ergo com pernas bambas e volto para dentro do carro. As mãos tremem tanto que preciso de três tentativas para colocar a chave na ignição. Não importa o quanto eu tente segurar as lágrimas; elas caem como uma cascata. Meu corpo todo treme enquanto eu soluço, dirigindo para fora do estacionamento.

Dentro da bolsa, meu celular vibra, mas não tenho forças para tirar as mãos do volante. De certa forma, apertar o aro de couro é a única coisa me segurando inteira, como se fosse o último resquício de controle me impedindo de desabar.

Não posso ir para casa, eles sabem onde eu moro, Jake e aqueles dois. Como ele pôde fazer isso? Como pôde participar desse jogo maluco para encontrar Nate? Nada sobre Nate e suas escolhas tem a ver com a minha vida.

Paro no estacionamento de um posto de gasolina e finalmente tiro as mãos do volante, os dedos doloridos com a força que usei para segurá-lo. Três ligações não-atendidas e três mensagens de Jake, o bastante para encher meus olhos de lágrimas de novo. Eu quero ir para longe de tudo isso. Quero esquecer que o conheço e que alguma vez o deixei encostar em mim. Quero correr para longe, onde ninguém possa me encontrar. O terror ameaça me consumir por completo e eu me forço a ligar para Whitney com as mãos trêmulas.

— *Achei que você tinha que trabalhar?* — Ela nem se dá ao trabalho de dizer “alô”. — *Não me diga que o sr. Sexo-dia-e-noite já te dispensou.*

— Whit, preciso de você. — As palavras saem em um sussurro, mas tomam toda a atenção dela.

— *Onde você está?*

— Descendo a rua do meu apartamento, no posto de gasolina da esquina. — Dou uma olhada na área ao redor, com medo de que eles tenham me seguido sem eu perceber. Confiro de novo que todas as portas estão trancadas e que as janelas estão erguidas. Olho ao meu redor, deixo o carro engatado e o pé no freio. Quero garantir todas as chances de escapar caso eles voltem.

— *Não saia daí, Blair* — ela diz, consigo ouvir que está ofegante. — *Sadie vai pegar o carro e estamos indo para aí.*

Aceno com a cabeça, como se ela conseguisse me ver e continuo olhando em todas as direções, girando no assento de um lado para o outro, procurando qualquer sinal de movimento.

— *Blair* — Whitney diz meu nome em pânico.

— Estou aqui. — Respiro fundo. — Rápido, por favor.

Capítulo 12

Jake

Se não fosse pelos dois homens armados na sala, teria caído fora. Estou preso e sinto como se fosse entrar em combustão. Já tentei sair uma dúzia de vezes e o meu rosto é prova de que tentei. Minha boca está cheia de sangue, mal consigo enxergar com o olho esquerdo, minhas costelas doem a cada respiração. Mas essa dor não se compara ao que eu sinto por não saber o que estão fazendo com Blair. Faço um juramento na minha cabeça de que vou matá-los sem qualquer ressentimento.

O som da porta se abrindo atrás de mim me faz pular da cadeira e eu me viro para meu irmão e Eddie.

— Caralho, mano, você tá feio de dar dó. — Gabe ri, balançando a cabeça e tentando passar por mim. Não vai muito longe, meu punho atinge em cheio seu queixo, e ele cambaleia para trás. Subo em cima dele antes que tenha a chance de entender o que está acontecendo. Dou um soco após o outro, ignorando a confusão atrás de mim dos outros tentando me impedir.

— Eu te mato — digo cuspiendo. — Se você encostou nela, eu acabo com você.

De repente, sou puxado para trás, Paul e Brody me seguram, criando uma distância entre nós.

— Já chega, — a voz do meu pai ecoa atrás de mim. — Já chega dessa palhaçada.

Gabe limpa o sangue do lábio e se levanta. Ele adora uma briga e parece satisfeito de ter arranjado uma comigo. Tira um papel do bolso.

— Consegui quatro nomes e quatro endereços.

De novo, ele vai em direção ao nosso pai e me dá um sorriso e uma piscadinha.

— Blair estava bastante disposta a ajudar.

— Seu desgraçado... — Engulo em seco, sabendo que as palavras só vão provocar ainda mais a ira do meu pai.

— Acho até que ouvi um gemidinho ou outro. — Eddie sorri malicioso e troca um olhar com meu irmão. — Ela já gemeu com você, Cyrus?

— Acho bom vocês entenderem uma coisa, esses caras aqui não vão me segurar para sempre. — É um aviso para calarem a porra da boca e ele entende o recado. Posso até ser o mais calmo dentre os homens da família Gunther, mas sei dar cabo das coisas quando necessário. Não teria nenhum problema em estraçalhar os dois.

— Porra, relaxa, Cyrus. — Gabe passa o papel para meu pai. — Nós conversamos, eu botei um pouquinho de medo nela, mas disse que não ia chatear meu irmão passando a mão no que realmente queria. E, só para constar, eu queria *muito* pôr as mãos nela.

Minhas narinas dilatam e eu seguro a raiva.

— Admito que passei a mão um pouquinho, não deu para aguentar.

Eu avanço para cima dele de novo.

— Sério, cara, você já viu aquela mulher deitada e nua para você, sabe a atração que ela causa. Ela tem um par de tetas muito gostosas. — Coloca as mãos na frente dele como se estivesse apertando o peito. — Firmes e bons de apertar.

— Eu vou te matar — digo com toda a sinceridade, mas ele não bota fé.

— Você não vai fazer porra nenhuma quando te soltarem, a não ser correr atrás dela e tentar dar uma explicação que ela não quer ouvir. Ela sabe quem você é agora, Cyrus, eu expliquei tudinho.

Ele tem razão. Odeio admitir, mas meu primeiro instinto é encontrá-la. Preciso ver que ela está bem. Ela vai me odiar, eu sei, mas preciso saber que está segura.



Já é madrugada quando meu pai me libera do seu escritório. Ele o faz com a certeza de que meu irmão e Eddie já foram embora e estão em algum lugar que eu não vou encontrá-los. O desgraçado acha mesmo que eu só preciso esfriar a cabeça, que vou superar tudo isso.

Não vou. Nunca.

Saio do armazém e entro no carro, tentando contatar Blair pelo celular de novo. Dessa vez, em vez de tocar quatro vezes, cai direto na caixa de mensagem.

— Preciso saber que você está bem. Pode me odiar, esquecer que eu existo, mas, por favor, me diga que está bem — imploro, deixando uma mensagem após a outra.

Não mereço, eu sei que não, mas sinto que foi tudo culpa minha. Eu não devia ter me distraído. Devia ter insistido nas respostas

desde o início. Eu seria mais gentil, jamais a teria machucado ou a deixado com medo de mim, mas permiti que meu coração atrapalhasse os pensamentos.

Ligo para o bar e descubro que ela não apareceu para o seu turno, o que já imaginava. Acho que estava torcendo para que, por um milagre, eu estivesse errado.

Dirijo pela cidade até o apartamento dela e, apesar de o carro não estar estacionado na rua, ainda assim entro no prédio. Bato na porta dela por dez minutos e ligo outras três vezes, mas recebo a mesma resposta. *Nada*.

Sentado no carro do lado de fora do prédio, uma quantidade perigosa adrenalina corre por mim. Fantasias de voltar para o armazém e colocar uma bala na cabeça de cada um daqueles desgraçados se repetem na minha mente. Eu quero a satisfação de saber que eles vão pagar por tudo que fizeram, agora e no passado.

Minha mente mentaliza cada possibilidade, cada lugar onde ela possa ter ido. Daí percebo que a informação pela qual estou desesperado está nas mãos de uma pessoa. Uma pessoa sobre a qual ainda exerço influência.

Mando a mensagem e espero, balançando a perna impaciente a cada segundo.

Eu: Onde ela está?

Sadie: Comigo e com a Whitney, por favor, deixe-a em paz.

Eu: Preciso saber se ela está bem.

Sadie: Ela não está. Está com medo e com raiva. Está um caco, acho que é melhor você esquecê-la. Por favor, você já tem o que queria.

Fico empuetado de ela achar que é isso que eu quero.

Eu: Nada disso é o que eu quero. Agora, me diga onde ela está.

Sadie: Não posso. Ela merece alguém melhor.

Ela tem razão, Blair merece alguém melhor, mas eu sou um homem egoísta que não consegue deixar para lá. Também sei que Sadie não tem como se impor, porque eu tenho uma vantagem sobre

ela. Posso destruí-la, se for preciso, mas não quero isso. Só quero que ela responda ao que perguntei.

Eu: Me fala agora mesmo ou pode explicar para ela todas as mentiras que contou durante o último ano. A escolha é sua.

Aparece um balãozinho de pensamento no aplicativo, como se ela estivesse digitando, e logo depois desaparece. Após alguns segundos, o balão aparece de novo e logo em seguida um endereço.

Sadie: Eu nunca a vi desse jeito, por favor, faça o que é certo e deixe-a em paz.

Fico sentado no carro pelos próximos trinta minutos, encarando a última mensagem que ela enviou. Tento me forçar a fazer o que ela pediu, mas, quanto mais o tempo passa, mais difícil é ficar parado.

Vou até a casa de Whitney com a cabeça dormente. Não consigo me lembrar de nenhuma curva que eu fiz. É como se tivesse apagado, concentrado apenas em Blair e na última vez em que estive no apartamento dela. Quero voltar para aquele momento, vê-la me olhar com aqueles lindos olhos azuis. Quero vê-la sorrindo, enquanto beijo a ponta do nariz dela e então as bochechas e os lábios.

Quando me dou conta, estou estacionado na frente do prédio da Whitney e me atinge em cheio saber que nunca mais vou ver ou sentir essas coisas com ela de novo. Nosso tempo juntos acabou antes mesmo de começar.

Meu corpo treme com um medo e tristeza que jamais senti antes, eu subo as escadas da frente e entro pela porta do prédio. Whitney tem um apartamento no térreo e logo paro em frente à porta. Inclino a cabeça para encostar a orelha nela e fico em silêncio. Consigo ouvir a televisão, mas só.

Não tenho certeza de quanto tempo se passou até eu criar coragem de bater na porta. Mas, no segundo que a porta se abre, vejo apenas uma mancha de cabelo castanho-avermelhado correndo na minha direção. Pequenos punhos atingem meu maxilar e minhas costelas já machucadas, um soco após o outro.

— Seu desgraçado! — Whitney se joga para cima de mim, Sadie atrás dela. — Se tivesse uma arma, eu mesma te matava.

Sadie faz de tudo para tirar Whitney de cima de mim, mas eu não me dou ao trabalho de pará-la. Ela precisa disso, porra, eu preciso disso. Sinto como se merecesse todo soco e chute que levo. Estou disposto a aceitar tudo só para ver se Blair está bem.

— Como você pôde deixar que a machucassem desse jeito? —

As palavras acendem algo dentro de mim e eu a seguro pelos pulsos para aquietá-la um pouco.

— Machucá-la?

— Sim, seu filho da puta. — Ela está com os olhos vermelhos e inchados, provas das horas que passou chorando. — Eles encostaram nela e... — Ela para de falar e se afasta, livrando as mãos. — Esqueça, você não merece explicação.

— Tem razão, eu não mereço, mas tentei impedi-los. — Aponto para meu rosto. — Me mandaram atrás de respostas, mas, nesse meio-tempo, me apaixonei por ela. Baixei a guarda e olha o que aconteceu, olha o que aconteceu com ela. Eu não queria que nada disso.

Antes que Whitney tivesse a chance de falar alguma coisa, ouço a voz da Blair.

— Você precisa ir embora. — Olho para cima e a vejo parada na porta, braços cruzados com firmeza. Ela está usando um moletom e uma calça que parece três vezes maior que o tamanho correto. — Só porque eles me ameaçaram para não chamar a polícia, não quer dizer que não vou chamar se você não for embora agora.

Há um hematoma na sua bochecha, confirmação visual de que a machucaram. Ver a prova do que eu suspeitava me despedaça, é como se meu peito se partisse ao meio e sangrasse: dói demais.

Dou um passo à frente, e, não bastam as duas garotas que se põem no meu caminho para me impedir, Blair também dá um passo para trás.

— Por favor, deixe-me te ver.

— Me deixa em paz. — O lábio dela treme. — Vocês conseguiram o que queriam. Consegui suas respostas, mas saiba que era só me perguntar. Não havia necessidade de mandar seu irmão nojento e o amigo dele para arrancar respostas que eu daria de bom grado.

— Não fui eu que os mandei. — Fecho as mãos em punhos, lutando contra a vontade de empurrar as pessoas bloqueando minha passagem. — Fiz de tudo para impedi-los, só faltou atirarem em mim.

Ela não parece muito convencida e ver aqueles olhos baixos fitando o chão é como levar um chute nas costelas.

— Nate deve uma grana para meu pai — digo, enfim, mesmo sabendo que não faz diferença tentar explicar.

Nada do que eu disser vai mudar o jeito como ela me vê agora e isso é difícil de aceitar. Mas preciso que ela saiba. Mesmo que ela não ligue mais para mim, quero assegurá-la de que nunca quis feri-la.

— Ele era traficante do meu pai, Zeke Gunther. — Whitney inspira surpresa e Blair ergue a cabeça, seu olhar encontrando o meu. — Ele foi negligente e começou a usar a mercadoria. Dava festas e fornecia para todos os convidados com a grana do meu pai. Depois

que ele deu o fora com o valor que tinha, meu pai ficou louco. Não havia nada nem ninguém capaz de impedi-lo de ir atrás do devedor.

— Mas que porra isso tem a ver comigo? — ela praticamente grita as palavras, andando em minha direção, punhos cerrados.

— Ele precisava de alguém que entrasse na sua vida para garantir que você não estava escondendo Nate. — Quanto mais eu explico, mais brilha o ódio no olhar dela. — Alguém de dentro que conseguisse toda a informação que você tivesse de Nate.

— Eu não sei de nada.

— Sim, foi isso que falei para eles. — Eu acredito nela, sempre acreditei.

— Então, transar comigo, as conversas durante a madrugada, as gentilezas, foi tudo parte de um jogo fodido para encontrar Nate. — A raiva dentro dela transborda para a superfície, enquanto ela dá outro passo na minha direção. — Eu era só uma peça gostosa para melhorar o desafio.

— Não. — Balanço a cabeça, meu pânico crescendo.

Ela solta uma risada sádica.

— Aham, e eu devo acreditar em você, porque você foi tão honesto desde o início, né?

— Blair. — Estendo a mão na direção dela.

— Não. — Ela volta para dentro do apartamento. — Vocês são doentes, todos vocês. O jeito como ele me tocou, as coisas que ele disse e que afirmou que faria comigo. — Blair engole a saliva e balança a cabeça, tentando remover a imagem que veio à mente. — Pode voltar e dizer para o seu pai e qualquer outro encarregado que eu não sei onde Nate está e estou pouco me fodendo. Ele é problema de vocês, não meu.

— Eles não... — Eu pauso, porque não consigo terminar a frase. Eu não sei se quero saber tudo que ocorreu. A possibilidade de meu irmão, ou até Eddie, tê-la estuprado me corrói por dentro.

— Whitney tem razão — Blair continua, endireitando os ombros. — Você não merece saber.

Eu não sou do tipo de chorar, nunca fui. Mas, neste momento, o desconhecido misturado com a dor no rosto e na voz de Blair faz meus olhos arderem. As lágrimas embaçam minha visão e eu fecho as pálpebras com força, perdendo a batalha que estou travando.

— Não há mais nada a dizer — Blair sussurra, e eu abro os olhos, vejo Whitney e Sadie se juntar a ela. — Você precisa ir embora agora. — Blair começa a fechar a porta, e eu grito seu nome desesperado pela última vez. Mas ela não se afeta. A porta fecha e, logo depois, o som da tranca do outro lado é o golpe final que me faz perder a cabeça.

Capítulo 13

Blair

Faz quase uma semana desde que fechei a porta na cara de Jake. Quase uma semana que durmo no sofá da Whitney e que pego no sono chorando. Já tomei tantos banhos que perdi a conta, esfreguei minha pele até ficar esfolada. Fiz de tudo para me livrar dos sentimentos que aquele dia causou em mim. Toda vez que fecho os olhos, imagino o irmão de Jake: o dente quebrado, os olhos desonestos. Ouço as palavras perversas que ele falou se repetindo na minha cabeça, às vezes, me sinto como se estivesse ficando maluca.

Só quero que elas parem. Quero que tudo pare.

É como uma abelha zumbindo no meu ouvido, me provocando, me ameaçando de picar a qualquer momento. Tenho medo de sair, porque estou sempre receosa de vê-los de novo. A cada momento, os imagino lá para me encontrar, me imagino incapaz de escapar deles, tendo que aguentar o que ameaçaram fazer.

Percebi a forma como Whitney e Sadie olham para mim, como se a qualquer momento eu fosse surtar e me transformar em uma doida varrida. Devo admitir que eu também sinto isso: minha sanidade está por um triz, ou, pelo menos, é o que parece.

— Você está com fome? — Meu corpo dá um sobressalto quando ouço a voz de Whitney. Imediatamente percebo a tristeza em seus olhos. Toda a minha situação a afeta também. — Acho que você precisa ligar para a polícia. — Ela se senta ao meu lado, devagar e gentil.

— E dizer o quê? Que Zeke Gunther e seus filhos me foderam de tudo que é jeito? — Parece tão surreal. — Eu só quero esquecer. Esquecer Jake, ou Cyrus, ou seja lá quem for. Quero esquecer que o conheci, que acreditei nele, que o deixei me tocar. — Eu me curvo um pouco mais no cobertor. — Tudo o que eu quero é encontrar um lugar onde eu possa andar lá fora sem medo de quem vou encontrar.

— O que quer dizer com isso?

Pensei nisso várias vezes, o tempo todo, a cada segundo. É só

nisso que penso. Já avaliei todas as outras opções na minha cabeça e chego apenas a uma solução.

— Acho que tenho que recomeçar. — Olho para minha melhor amiga de novo e engulo o medo do desconhecido que me assombra diariamente. — Acho que não vou me sentir segura se eu continuar aqui.

Passam-se alguns segundos de silêncio e, então, Whitney se aninha ao meu lado e me abraça.

— Para onde nós vamos?

— Whit...

— Nem pense que vou deixar você ir embora sozinha. — Ela sorri para mim, o primeiro sorriso real e genuíno que vejo em dias.

— Não posso pedir que você faça isso.

— Você nem precisa pedir, só pra deixar claro que você achar que precisa é uma ofensa. — Ela me dá um empurrãozinho com o ombro. — Mas, deixando de lado esses sentimentos, você já devia saber que eu preciso de você na minha vida tanto quanto você precisa de mim, senão mais. Logo, não há razão para sentarmos aqui debatendo. Só o que nos resta é decidir para onde vamos.

— Mas essa é a questão — sussurro, desviando o olhar. — Eu não sei.

— Para casa.

Fecho os olhos, sentindo as lágrimas ardendo. Quando ela diz “casa”, quer dizer a dela. Mas, de certa forma, é a minha também. É o único lugar onde me senti aceita. Os pais de Whitney foram meus verdadeiros pais. Crescer em lar adotivo não é muito agradável. Algumas crianças têm a sorte de morar com um casal amável que tem como objetivo de vida cuidar de uma criança necessitada. Meus pais adotivos não eram assim: eles eram do tipo que não queriam saber como foi meu dia ou me elogiar depois de passar horas me arrumando. Eles eram distantes, e a única coisa de que gostavam no fato de eu morar com eles era o cheque que recebiam no primeiro dia de cada mês. Eu não sabia como era receber amor dos pais até os Flannigan abrirem a casa para mim. Era como se eles tivessem uma filha adotiva que amavam sem precisar receber para isso. Eles me amavam porque eram boas pessoas.

Eu me pergunto por que Whitney e eu decidimos sair de Iowa. Mas, também, quando decidimos ir embora, éramos duas garotas recém-saídas da faculdade comunitária achando que sabíamos tudo da vida. Hoje, percebemos que não sabemos nada.

— Acho que ir para casa é uma ótima ideia.



— Tem certeza de que quer fazer isso? — Whitney pergunta, sentada no lado do motorista, atrás do volante do Ford Fusion. — Eu e Sadie podemos entrar e arrumar tudo para você.

— Estou bem. — Olho para ela e dou-lhe um sorriso tranquilizador, então viro o rosto por cima do ombro e encontro Sadie me observando atenta. Percebi que ela anda cansada ultimamente, até um pouco estressada. Fico preocupada e me pergunto como ela vai se virar na cidade sem mim e Whitney. Claro, ela morava aqui há muito tempo antes de nós, mas ficamos unidas nesses últimos anos. — Mas eu preciso de vocês duas comigo também.

Sadie põe a mão no meu ombro e aperta.

— Estaremos bem aqui.

Depois de alguns minutos, saímos do carro de Whitney em direção à porta da frente do prédio. Esse lugar contém apenas lembranças ruins, primeiro com Nate, depois com Jake. Sempre que penso no nome dele, me repreendo. Nem é o nome dele, mas chamá-lo de alguma outra coisa parece errado.

Eu quero mesmo esquecer que esse lugar existe, mas para fazer isso preciso pegar minhas coisas e seguir adiante.

Quando coloco a chave na fechadura e giro a maçaneta, me deparo com o cheiro familiar de canela. Depois que Nate saiu, fiz de tudo para remover o cheiro de cigarro e outras coisas. Velas aromatizadas de canela, pot-pourri, usei tudo a que tinha direito.

Mas, ao me movimentar pelo pequeno lugar, memórias das minhas últimas noites aqui vêm à tona. Noites que passei com Jake, os sorrisos, as risadas enquanto não conseguíamos ficar sem encostar um no outro. Saber que todas as palavras ditas não passaram de mentiras me deixa enjoada. A verdade é que ele é um Gunther: só isso já diz tudo. Eles são perigosos e não têm limites.

Estremeço sem querer, ouvindo na mente as palavras sussurradas do irmão.

— Não precisamos fazer isso hoje. — Whitney para ao meu lado, claramente percebendo o desconforto que estou sentindo. Não dá para ignorar a preocupação em seus olhos. — Temos bastante tempo para limpar tudo antes de ir embora.

Estamos esperando o contrato de aluguel dela terminar. Por sorte, faltam apenas algumas semanas. Não sei se conseguiria aguentar mais do que isso.

— Estou bem. — Não estou bem, nem um pouco, mas me recuso a deixar o medo me assolar mais do que já assola. — Vamos lidar logo com isso.

Nós três andamos pelo apartamento, recolhendo as poucas coisas que eu tenho. Costumava odiar o vazio do meu apartamento. Mas, agora, me sinto aliviada: quer dizer que tenho pouca coisa com

que me preocupar na mudança.

Voltar para Ankeny será um recomeço, pelo menos, é o que espero. Quero esquecer tudo em Chicago, porque nada de bom veio dos meus anos aqui. E nada jamais virá.

Capítulo 14

Jake

Fingir que não me importo com o que minha família fez com Blair é uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer. Cada vez que vejo meu irmão ou ouço sua voz, sinto vontade de fazê-lo pagar por tudo. Queria arruiná-lo e vê-lo implorando por perdão. E, então, justo quando achasse que conquistara minha misericórdia, eu poria um fim nele. Isso com meu pai assistindo, esperando a sua vez.

A raiva e o desejo por vingança me corroem. Está me transformando em alguém igual a eles, mas é um sentimento arrebatador do qual não vejo saída.

Sentado em frente ao volante, a alguns carros de distância do apartamento de Blair, o desejo continua crescendo. Ela e as garotas carregam caixas, suponho que com seus pertences, uma após a outra e o vazio dentro de mim piora.

Eu devia ter vergonha de seguir Whitney nesses últimos dias, mas ela é minha única forma de saber por onde anda Blair. Estive esperando por uma chance de falar com ela, mas em nenhum momento ela saiu do apartamento de Whit. Hoje foi a primeira vez, mas ela saiu acompanhada, e sei que Whitney não vai me deixar chegar a um metro de distância de Blair.

Quero honrar meu acordo com Sadie e deixá-la em paz, mas sou egoísta. Quando se trata da Blair, não consigo aguentar.

Eu: Ela vai se mudar para a casa da Whitney? Ou para outro lugar?

Espero, batucando o volante com o polegar, agitado e impaciente. Eu espero o balãozinho aparecer, mas nada.

Eu: Você já contou para ela do seu alter ego?

É um golpe baixo, mas fazemos tudo na hora do desespero. Olho para cima ao mesmo tempo em que Whitney sai pela

porta da frente do prédio, carregando uma caixa pequena nas mãos. Ela vai até o carro, abre o porta-malas e coloca a caixa dentro, com cuidado. Quando ela fecha o porta-malas, olha ao redor e, por um minuto, se fixa na minha direção. Fico rígido e me encolho ainda mais no assento, torcendo para que o vidro fumê me esconda bem. Não é meu carro, é um dos carros do meu pai. Ter uma gama de escolhas veio a calhar, considerando que meu carro seria um óbvio sinal da minha presença.

Quando ela se volta para o apartamento, relaxo aliviado e meu celular vibra, indicando uma mensagem nova.

Sadie: Ela vai se mudar.

É uma resposta vaga e sinto vontade de rir imaginando sua cara. Ela achou que eu ficaria satisfeito com uma resposta dessas, mas devia ter adivinhado que não.

Eu: Começou bem, mas isso é óbvio. Para onde?

De novo, não tenho retorno, o que apenas me enfurece ainda mais. Estou prestes a enviar outra coisa quando o balãozinho aparece, indicando que Sadie está digitando. Minha paciência está por um triz, não apenas com isso, mas com tudo. Faz dias que estou prestes a explodir, fervilhando de raiva.

Sadie: Não posso contar.

Seguro o celular com força, com um aperto no peito e a respiração ofegante.

Eu: Tem certeza de que não pode?

Sadie: Sim.

Coloco a mão na porta do carro sem sequer pensar no que estou fazendo. Saio para a calçada, caminhando com propósito. Olho para o celular, ainda firme na minha mão e vejo o balão reaparecer, me paralisando no meio da rua.

Sadie: Não adianta mais você me ameaçar. Não precisa falar o que eu fiz, eu mesma vou contar. Ela merece alguém melhor, alguém melhor do que você e melhor do que eu. Ela já sofreu o bastante.

Meu corpo amolece, derrotado, releio as palavras que ela

enviou. Ela tem razão, mas continua difícil de aceitar que este é o fim. Eu devia dar meia-volta e deixar Blair ir embora. Devia me esquecer dela e do curto período de tempo que passamos juntos, mas não consigo. Provei um gostinho de como seria uma vida boa com uma garota como Blair e é isso que eu quero. Porra, não consigo controlar o quanto eu quero. É um desespero contra o qual não consigo lutar, não importa o quanto tente, o desejo continua na minha cabeça.

Agora eu preciso fazer tudo que der para ter esse sentimento de volta. Para tê-la de volta e corrigir os erros que cometi.

Capítulo 15

Blair

Paro na porta do apartamento. Os únicos indícios de que alguém algum dia morou aqui são a cama e o sofá. Os móveis estão acabados e cheios de momentos que eu quero esquecer. Não quero nenhum dos dois. Vou comprar outros depois que me acomodar.

Respirando fundo, me viro para encarar minhas amigas e dizer adeus para sempre a esse capítulo da minha vida. As duas sorriem para mim, mas dá para ver que o sorriso de Sadie é forçado e isso me incomoda. Há uma tristeza nela, um vazio de partir meu coração. Ela sempre foi a garota que fazia as escolhas erradas, a primeira a pular sem ver o chão embaixo dos pés. Ela é impulsiva e espontânea: no final das contas, quase sempre isso a mete em encrenca.

Mas dessa vez é diferente. Quando a encaro, ela logo desvia o olhar, como se doesse demais olhar para mim.

— Tudo pronto? — Whitney pergunta, balançando a chave do carro. — Prontas para sair desse buraco negro e recomeçar?

— Mais pronta impossível. — Vou até ela que me puxa para um abraço súbito. Sadie fica de lado, nos dando esse momento, mas eu me recuso a deixá-la se isolar. Enlaço os ombros dela com o braço estendido e a puxo para perto ao mesmo tempo em que Whitney abre o abraço para nós três.

Ficamos um momento em silêncio e nos afastamos, caminhando juntas para o elevador. De novo Sadie olha para o chão ou para a parede quando tento fazer contato visual. Sinto um peso no peito, um medo que não consigo explicar.

Quando saímos lá fora e começamos a descer pela calçada, ela lentamente se separa de nós até estarmos a alguns metros na frente.

Ao chegar à porta do carro, eu a vejo, parada no final da escada, olhos examinando cada lado da rua. Ela retorce as mãos na frente de si, ansiosa.

— Sadie.

Seu corpo dá um sobressalto com a minha voz. Ela ergue os

olhos para me encontrar e é então que eu vejo. Olhos vermelhos e molhados, lábios tremendo descontrolados. Whitney é a primeira a ir até ela, porém Sadie ergue as mãos, acenando frenética, a cabeça balançando de um lado para o outro.

Whitney e eu começamos a percorrer as ruas com os olhos também, procurando o que a assustou desse jeito.

— Não posso mais fazer isso, — Sadie fala, cabisbaixa.

— Fazer o quê? — Whitney e eu nos entreolhamos confusas, quanto mais tempo passamos ali mais o meu estômago embrulha. Tem alguma coisa errada; eu nunca vi Sadie agir assim. Ela parece perdida, assustada.

— Desculpe, Blair. — Quando ela ergue a cabeça, seu olhar encontra o meu. Sinto meu estômago despencar. — Eu só queria experimentar uma vez, fiz pensando na viagem doida que daria. Não achei que ia me viciar no primeiro uso.

Apesar de suspeitar ao que ela está se referindo, me recuso a acreditar. Sadie não é burra assim.

— Cheguei no seu apartamento num dia em que você ainda não estava em casa. Nate estava reunido com uns caras e quando eles me ofereceram, eu aceitei.

— Sadie — Whitney sussurra seu nome, mas ela não desvia o olhar de mim. Posso ver na sua expressão que não é só isso.

— Foi tudo tão rápido.

— O quê? — Meus ombros e costas estão tensos. Até a respiração eu prendi.

— Foi como fechar os olhos por um instante, quando eu abri, já tinha acabado. — Consigo ver a garganta se movendo quando ela engole a saliva. — Eu devia ter parado, mas não consegui. Eu precisava de mais e ele tinha para me dar.

— Mas havia um preço, não? — O ácido na minha barriga subiu até a boca, enquanto eu tentava segurar a ânsia. — Um preço que você não pagou com dinheiro.

Ela assente.

— Então você não é só uma drogada, é uma puta também. — Ela dá um sobressalto com as palavras, talvez duras demais, mas aqui estou eu, olhando nos olhos de uma das minhas melhores amigas, tendo que ouvir coisas que jamais pensei que ela diria. — Você transou com meu namorado para usar de graça. — As lágrimas escorrem pelas bochechas dela. — E depois fingiu ser minha amiga. Todas as vezes que estava com a gente, agiu como se não fizessem sexo pelas minhas costas.

— Era como se eu perdesse o controle. — Ela começa a soluçar e vem na minha direção. — Desculpe Blair, mas não posso continuar fingindo. Não posso continuar recebendo ameaças me forçando a fazer

coisas que eu não quero.

— Quê? — Eu olho desconfiada, minha voz aumentando de volume. — Como assim “ameaças”?

Longos segundos se passam, minha irritação crescendo cada vez mais.

— O que é que você não me contou?

— Nossa ida ao Miller naquela noite e o emprego no bar não foram coincidências. — Sinto como se tivesse levado um soco no estômago e estivesse olhando para uma completa estranha. — Quando me envolvi com Nate, também me envolvi com Gabe.

— Quem é Gabe?

— O irmão do Cyrus. — Ela deixa escapar um soluço incontrolável. — Eles me ameaçaram, mas eu não sabia que iam te machucar, Blair. Não fazia parte do trato. Se eu soubesse...

— Como você podia achar que eles não iam me machucar? Eles são pessoas horríveis, Sadie; cruéis, frias, vingativas. — Ela tenta me interromper, mas eu avanço para cima dela e Whitney me segura. — Você me jogou na cova dos leões, sua puta idiota! — As palavras ecoam nos prédios ao nosso redor. — Você faz parte desse jogo doentio que me destruiu e ainda quer que eu a perdoe?

— Blair... — Whitney tenta conter minha fúria, mas nada vai me parar agora. São dias de medo e terror, dias de raiva e frustração, que desconto nessa pessoa em quem eu achava que podia confiar.

Uma pessoa que me violou assim como Gabe Gunther e seu capanga, mesmo não estando presente. Fez parte desse jogo doentio.

— Vai se foder, Sadie. — Ela fica cabisbaixa, tem a coragem de parecer ferida pelas palavras. — Eu te amava, confiei em você. — Inspiro uma respiração profunda e entrecortada.

— Blair — dessa vez não é Whitney nem Sadie que diz meu nome. É um tom de voz barítono, um que eu ansiava ouvir sussurrando palavras no meu ouvido, na escuridão do quarto. Mas aquela época passou. Quando penso em Jake, só consigo me lembrar de um momento que quero esquecer.

Eu me viro nos braços de Whitney e o encontro a alguns metros de distância. Relaxo no aperto de Whitney, mas apenas para juntar as forças para me libertar. É tudo muito rápido, meu corpo se contrai, ela me solta, e Jake estende os braços para mim quando me vê indo até ele. Mas eu não aceito o gesto, e sim atinjo sua face com a mão.

A palma da minha mão arde, o choque jogando seu rosto para o lado.

— Eu te odeio! — grito, a garganta queimando com cada palavra. — Vocês dois! — Respiro ofegante, enfim relaxando de volta aos braços de Whitney. — Odeio todos vocês. — Os soluços quietos

escapando da boca tremem meu corpo todo. Sou incapaz de segurá-los, a realidade da minha vida e em onde ela foi parar me atingindo com força.

Deixo Whitney me abraçar forte e me levar para o banco do passageiro. Segura dentro do carro, ela fecha a porta e se vira para encarar Jake e Sadie, ainda congelados onde os deixei. Consigo ouvir palavras abafadas, mas não com clareza para distingui-las. Só sei que, seja lá o que ela estiver dizendo a eles, Sadie desmorona no chão. As pernas dela simplesmente perdem as forças e ela desaba no primeiro degrau da escada que leva ao lugar que costumava chamar de lar. A verdade é que nunca foi um lar e agora se tornara mais corrompido do que antes. Como pode um lugar abrigar tanta decepção?

Desvio o olhar de Sadie, porque uma parte de mim, de repente, acredita que seu pedido de perdão foi genuíno. Ainda não estou pronta para aceitar que o que ela fez comigo talvez estivesse fora de seu controle.

Ao fazer isso, meus olhos caem sobre o homem que há pouco tempo passava tanta força e segurança. Jake parece pequeno agora, não literalmente, mas o sentimento que eu tinha quando olhava para ele não existe mais. Vê-lo ali me faz lembrar das coisas pelas quais passei naquela noite fora do bar. Eu odeio que até as boas memórias que tenho dele foram destruídas por um único acontecimento.

Tenho que olhar para outra coisa, meu coração é fraco demais. Por um breve momento, vi a dor em seus olhos. A pior parte é que essa fração de mim que uma vez acreditou que eu e ele poderíamos virar “nós” quer ir até ele.

Minha cabeça e meu coração estão confusos e eu preciso ir para longe.

Tenho que deixar para lá, deixar *tudo* para trás.

Capítulo 16

Jake

Sento à mesa, na frente de dois homens dos quais sei que teria medo se encontrasse em um beco escuro. Os dois são musculosos, não, melhor dizendo, eles são mais bombadões do que qualquer outra pessoa que já conheci. Não sou um cara pequeno. Tenho um metro e noventa, minha postura é larga e intimidada. Mas esses dois, caralho, eles assustam até a mim.

— Como sabemos que é isso mesmo que você quer? — o mais grandão entre os dois pergunta com uma expressão desconfiada. — Quem garante que essa sua chorumela não é uma tentativa de nos distrair? É capaz de vocês estarem juntos nessa armação, tentando nos fazer de idiotas.

— Só o que tenho para dar é a minha palavra.

O outro homem solta um suspiro zombador.

— Desde que nasci, morei no inferno, tudo que quero é sair. Meu sobrenome é Gunther, mas não sou como eles. — Eu me inclino, pousando os cotovelos na mesa e encarando os dois, sem me deixar intimidar. — O que posso afirmar é que ou vocês acabam com a organização ou eu mato todos os filhos da puta sozinho. Um por um.

O homem maior se reclina na cadeira e cruza os braços.

— Vocês decidem — completo, ainda olhando para eles.

— Tudo bem para você todos os membros da sua família serem pegos? — Eu aceno com a cabeça, esperando pelas palavras que quero ouvir. — Você vai precisar se disfarçar, coletar toda informação de que precisamos para garantir que fiquem mesmo atrás das grades. — Dou de ombros, estou disposto a fazer o que precisar.

— Temos uma lista de crimes de cada um de vocês, mas admito que a sua é bem fraquinha. — Dá para ver um resquício de sorriso se abrindo no rosto do babaca.

— Eu disse que não sou como eles e quero sair dessa vida.

A porta atrás deles se abre e outros dois homens entram. Vestindo ternos pretos, esses porcos são sérios, com distintivos preso

nos cintos.

Fiquei parado do lado de fora do apartamento da Blair por um bom tempo depois de ela ir embora. O som da Sadie chorando ao meu lado nem me afetou. Só conseguia ver a tristeza nos olhos de Blair, a decepção, fiquei destruído. Tomei Sadie nos braços e a carreguei para o carro com o qual tinha vindo, sem nenhuma resistência da parte dela. Ela se curvou, se virando para o outro lado quando dei partida e a levei para seu apartamento. Uma vez que ela estava segura, dirigi pela cidade, estacionei o carro na frente da minha casa e chamei um táxi.

Agora estou sentado na delegacia de polícia não com apenas um, mas quatro detetives na minha frente, oferecendo a oportunidade de dismantelar o maior barão do crime da cidade. Os crimes do meu pai, o ódio e a destruição que ele causou nas pessoas, afetaram a cidade. Mas não sinto nenhum remorso bolando esse plano com eles. Não sinto nada pelo meu pai ou meu irmão. Nada pela mulher que apoia um homem como Zeke Gunther. Estão todos mortos para mim.

— Você só tem uma família, garoto — o homem mais velho que entrou a poucos momentos diz, parando ao lado da mesa. Ergo os olhos para encontrar os dele, querendo que ele veja que não há nenhum sentimento dentro de mim por aqueles que quero destruir.

— Eles não são minha família. Eles pegaram a família que poderia ser minha e a destruíram. — Eu formo punhos na mesa, pensando no sorriso de Blair. — Agora, eu quero que eles paguem pelo que me custaram. Ou vocês me ajudam a fazer isso acontecer, ou eu farei sozinho. De uma forma ou outra, eles serão destruídos.

— Ok, Cyrus, pelo visto temos trabalho a fazer. — Os dois homens na minha frente se levantam e eu também.

— Só tem uma coisa que quero que vocês façam. — Vejo a expressão de “eu sabia” em seus rostos, esperando que eu continue. — Não me chamem de Cyrus, meu nome é Jake. Não é Cyrus ou Gunther, só Jake, entenderam?

Aos poucos, cada um deles abre um sorriso e sei que entenderam. Eles entenderam meu desejo por justiça e vingança.

Não sou como minha família: eu não sirvo para esse tipo de vida.



— Você cuidou do problema? — meu pai pergunta quando Gabe entra no armazém, limpando as mãos em um pano que tirou do bolso de trás. Os dedos deixam manchas vermelhas no tecido claro e eu sinto pela pessoa cujo sangue pertencia. Algum pobre coitado que se meteu com as pessoas erradas do mundo do meu pai e não

conseguiu escapar.

— O problema está resolvido. — Gabe sorri daquele jeito sádico e faço de tudo para não pular nele e socar seu rosto até garantir que ele jamais sorria de novo. Mas não posso passar do limite: tenho que ficar calmo. Coletar todas as informações que conseguir sobre as diferentes operações por trás do nome Gunther é a única coisa que vai dar um fim nisso.

É a chave para minha liberdade.

— Ótimo, — a resposta do meu pai é seguida de um clique, o isqueiro acendendo o charuto.

Sempre temos gatilhos na nossa vida, momentos em que você se lembra de coisas que talvez já tivesse esquecido. Um lugar familiar, o sabor de uma comida que já comeu antes; você simplesmente sabe que já viveu aquilo, mas não consegue se lembrar exatamente de quando ou onde. No meu caso, é o aroma reconhecível de charuto cubano Cohiba. Mas o cheiro jamais me trouxe memórias boas da infância, apenas os pesadelos que sofriamos sempre que saíamos da linha. Meu pai não via problema nenhum em apagar os charutos na pele do Gabe ou na minha quando achava que precisávamos entender nosso devido lugar no mundo. As cicatrizes nas minhas costas servem de testemunha.

— Eddie está se livrando das provas agora mesmo. — Faço o possível para não reagir ao meu irmão falando tão tranquilamente sobre a morte de outro ser humano. Morte que ele causou e o pior de tudo é que eu sei que houve muitas outras antes de hoje.

— Encontramos o Nate. — Eu me viro na cadeira para olhar meu pai. — Ele se escondeu com uma patricinha drogada de Bolingbrook. Estão usando a mercadoria com a qual ele escapou e sobrevivendo às custas dos pobres avós da garota.

Diz isso como se tivesse uma consciência e realmente se preocupasse com o casal idoso.

— Andamos vasculhando o território, esperando pelo momento certo para agir.

— O que você pretende fazer com ele? — pergunto, me inclinando e repousando os cotovelos nos joelhos. — Não é como se você fosse conseguir recuperar as drogas e o dinheiro.

Meu pai olha para mim, erguendo o charuto de novo, tragando e depois o abaixando. Nunca achei que seria possível alguém odiar o próprio pai do jeito que eu odeio Zeke, mas garanto que é. Que tipo de pessoa fantasia em matar o pai de mil maneiras diferentes? Porque é isso que se passa diariamente na minha cabeça, todas as horas, cada método mais violento e vingativo do que o anterior.

— Acho que é hora de você ver como lidamos com aqueles que nos traem, Cyrus. — Tento conter a careta ao ouvir aquele nome. Foi

o nome que ele escolheu e que, quando tudo acabar, nunca mais será usado para se referir a mim. — Já que você tem uma certa ligação pessoal com a situação, nada mais justo que enviar você para lidar com o homem que uma vez transou com a garota da qual gosta tanto.

Meu ódio pelo meu pai é absoluto.

— Como anda nossa doce Blair? — Gabe pergunta ao meu lado, e eu sei que ele tem um sorriso malicioso no rosto sem nem precisar olhar para ele. Ele está sempre com esse sorriso, exalando uma arrogância metida que meu pai atribuiu a ele após anos convencendo-o de que é invencível. O idiota nem percebe que Zeke diria qualquer coisa para mantê-lo como seu pau-mandado. — Dei uma passada no apartamento dela há alguns dias, mas ela não abriu a porta.

Viro a cabeça de leve, o suficiente para encontrar seu olhar, mas, em vez de atacá-lo como realmente gostaria, eu o encaro com uma expressão parecida à dele. Ergo o canto da boca, dando a impressão de que suas palavras não têm poder sobre mim.

— Amanhã de noite, você e Gabe vão dar uma saída — meu pai continua, ignorando o jeito como eu e meu irmão nos entreolhamos, esperando para ver quem vai desviar o olhar ou reagir primeiro. — Eddie e Squeak vão junto. Quero que vasculhem a área e tragam aquele coitado para cá. Não importa quem se meter no caminho, façam o que for preciso.

Capítulo 17

Blair

Após os segredos revelados por Sadie, Whitney e eu decidimos ir embora antes. A quebra de contrato não era mais importante. Sabíamos que ficar em Chicago seria um peso para nós. Sadie violou a amizade que havia entre nós duas, mas, com isso, violou a amizade da Whitney também.

Sei que estávamos arrasadas.

Faz pouco mais de uma semana que chegamos a Iowa e, nesse curto espaço de tempo, consegui encontrar a força que costumava ter dentro de mim. Ela foi o suficiente para afastar Jake e até os resquícios de Nate da minha vida para sempre. E me ajudou a aguentar as semanas seguintes até encontrar um chão de novo. Pelo menos, até Jake abalar minhas estruturas e ferrar com tudo de novo.

Adoraria poder dizer que consegui deixar tudo relacionado a esse homem para trás ao sair de Chicago, mas não dá. Queria poder dizer que os quilômetros entre nós tornaram o ato de esquecê-lo mais fácil, mas não posso. Ao violar minha confiança, Jake não apenas arrasou comigo. Não apenas me usou para conseguir as respostas que o pai deturpado queria. Ele me marcou profundamente, marca essa que eu levarei para a vida toda.

Toda manhã, me lembro do pouco tempo que passamos juntos. Não há mais como esquecer que ele existiu. É uma fantasia, um desejo, que se esvaiu.

Tum, tum. Eu fecho os olhos quando o som preenche o ambiente. Estou deitada, pés firmes nos apoios da maca, com Whitney ao meu lado, segurando forte minha mão.

— Esse é o coração do seu bebê. — Respiro fundo e trêmula, a técnica confirma o resultado dos três testes que fiz ontem. — Você está grávida de cinco ou seis semanas, mas o coração já bate forte.

Abro os olhos e me viro para Whitney, uma lágrima escorre pelo meu rosto pingando na maca. Ela força um sorriso, mas a conheço a tempo o bastante para saber o que está pensando. O mesmo

medo que eu tenho.

Medo de que a família Gunther descubra que estou grávida de um herdeiro. De que minha criança algum dia seja levada para uma vida infernal.

— De acordo com as informações sobre sua última menstruação e as medidas, diria que a data de concepção foi entre dezessete e dezenove de abril.

De novo eu fecho os olhos, ela acertou na mosca. Foi esse o período que eu e Jake passamos trancados no meu apartamento. Poucos dias antes de tudo ir por água abaixo.

— Parabéns, que empolgante! — *Será que era mesmo?* É o que penso ao olhar para a técnica, segurando um pedaço de papel. Pego o papel e o viro para olhar as imagens, meu coração parece que vai pular do peito. Sinto vergonha do que pensei há pouco querendo que tudo não passasse de um sonho, ou pesadelo. A foto pixelada branca e preta diminuiu meu arrependimento. Meu bebê, apesar de mal parecer um ser humano e estar mais para uma ameba, é só o que vejo neste momento. *Meu.* Juro para mim mesma, aqui e agora, proteger esse filho ou filha da família do pai. De jeito nenhum vou permitir que a criança seja parte daquele mundo sombrio que deixei para trás em Chicago.

— Obrigada — sussurro olhando para a imagem, sem conseguir tirar os olhos dela.

Meu coração bate rápido, sinto um aperto no peito. A dor dessa realidade é sufocante. Mas não me arrependo, não vou me arrepender. Sei como é ser deixada de lado, foi o que eu vivi. Uma vida em que meus pais não ligavam para mim do jeito que pais deveriam ligar. Não vou deixar a história se repetir. Em vez disso, aprenderei com minhas vivências, juro jamais deixar minha criança se sentir como se ela não fosse querida.

— Um recomeço — sussurro para o nada, uma afirmação para mim mesma.

Quando Whitney aperta minha mão e repete as palavras em um sussurro, sei que ela entendeu. Essa criança, mesmo não planejada, é o sinal de um recomeço para mim. Um recomeço que vou valorizar e amar incondicionalmente. De hoje em diante, farei de tudo para dar à minha criança uma vida tão cheia de amor que ela jamais sentirá a ausência do pai.



— Você quer conversar? — Will, o irmão mais velho de Whitney, se senta ao meu lado no sofá e me encara de braços cruzados. — Porque eu sei que essa história de não saber quem é o pai

é mentira. Não é do seu feitio, Blair.

— Como você sabe? — contesto com a sobrancelha erguida, e ele até tenta ficar sério e se manter no controle, mas não consegue. Ele abre um sorriso com o canto da boca, desvia os olhos por alguns segundos e depois olha de volta para mim. Nós dois sorrimos e ele me empurra com o ombro.

Will é o irmão mais velho que eu nunca tive. Ele é mais protetor que Whitney. Sempre foi o cara que assustava os garotos que queriam nos namorar, aterrorizava os que escapavam sua ira e garantia que eles soubessem que estava de olho. Eu o amo e sei que, não importa o que aconteça, ele será o modelo de homem ideal para minha criança sem que eu precise perguntar. Assim como Warren, o filho do meio na família Flannigan. Os dois estão em casamentos felizes, e Will já tem seu próprio filho. Will é bancário e Warren trabalha na polícia do condado de Polk.

Os dois são honestos, homens de família e eu tenho a sorte de ser considerada parte dela.

— Foi um acidente; o cara, não a criança. Jamais vou considerar esse bebê um acidente, tá mais para uma dádiva, na verdade. — Ele entende o que está por trás das minhas palavras, conhece minha história de vida. — Digamos que o cara não tem uma família muito boa e a chance de meu filho ou filha crescer naquele ambiente é um risco que não quero correr.

— Ele sabe do bebê? — Balanço a cabeça. — Você pretende contar?

Penso na pergunta, sei que essa parte da minha decisão pode parecer egoísta para alguns. Mas não posso arriscar, preciso nos manter a salvo.

— Só quero acreditar na história que te contei. Que, um dia, fui para a cama e acordei grávida na manhã seguinte. Sabe, como se um anjo tivesse descido e me beijado, essa é a história que vou usar.

Ele me encara, avaliando meu rosto por alguns segundos e procurando sinais de tristeza. Mas eu disse a mim mesma para dar um basta naquela época. Estou em casa agora, segura, com aqueles que me amam. Deixei para trás a escuridão e o ódio no segundo em que vi a placa dizendo “Bem-vindos a Ankeny, Iowa”. Chega, acabou.

— Esse cara é perigoso? — Se ele tivesse feito essa pergunta há um mês, teria respondido “um perigo para minha libido, talvez”, mas, agora, não tenho certeza. — Devemos nos preocupar?

— Não, nada disso. — A última coisa que quero é que Warren vá bisbilhotar a vida dos Gunther. Isso pode alertá-los de alguma coisa e não quero que essas pessoas descubram para onde eu desapareci. — A família dele é controladora, gosta de criticar e eu descobri que ele não era o homem doce que achei que fosse. Pelo visto, ele é um

galinha, não quero ficar duvidando se sou a única mulher com um mini-Jake no forno.

Ele me olha desconfiado.

— Sério, estou bem. — Minhas mãos umedecem. — Estou onde deveria estar, com uma ótima rede de apoio. Esse bebê vai receber muito carinho, para mim é o que conta. — Quero que esqueçam esse assunto, mas tenho a sensação de que todos vão me observar atentamente pelos próximos meses.

— Quando você e Whitney vão pegar as chaves da casa nova? — Fico grata por ele ter captado a mensagem e aliviada que o assunto do pai do bebê morreu.

— Sábado de manhã. — Eu me alegro de novo com o assunto da nossa mudança: uma casa geminada de três quartos, dois banheiros e pronta para morar. Ter o contato de uma corretora joia faz a diferença. A mãe da Whitney trabalha na indústria imobiliária desde que tinha dezenove anos, com a ajuda dela, descolamos o lugar perfeito não muito longe da propriedade dos Flannigan pelo melhor preço. As coisas estão começando a melhorar, eu sei que a família dela não vai nos deixar ruir. Eles são ótimos, amáveis, e nos apoiam não importam as circunstâncias.

— Os pais da Marcy querem se mudar para um lugar menor, então ela conseguiu guardar um caminhão de coisas para vocês antes que eles vendessem ou doassem tudo para outras pessoas. — Essas palavras aquecem meu coração. É disso que estou falando, de amor e apoio. — Ela conseguiu um conjunto de sala de estar, mesa de cozinha e cadeiras. Ela disse que tinha coisas para a cozinha também, mas não sei dizer o que, exatamente.

Antes que consiga me segurar, eu o puxo para um abraço.

— Sua esposa é maravilhosa, mas eu não esperava nada menos, porque você é incrível também. — Ele retribui o abraço, me dando uma sensação de segurança pela qual, por mais que eu queira, nunca peço. — Não vai deixar o elogio subir à cabeça, ok?

— Pode deixar — ele responde com uma risada. — Eu já sei que é verdade, não é surpresa você dizer isso.

Reviro os olhos, mas continuo abraçando-o. Acho que preciso de um pouco de conforto. Estou com medo, muito medo, do futuro. Vou ser mãe, a vida de uma criança inocente logo estará em minhas mãos e meu maior medo é que eu vá traumatizá-la de alguma forma. Eu não tenho nem ideia de como ser mãe, de como guiar uma pessoa às escolhas certas... afinal, eu passei a vida toda fazendo as erradas.

Capítulo 18

Jake

A situação está tensa, os nervos, à flor da pele, e eu, à beira da loucura. Quanto mais tempo eu passo na presença do meu irmão, do meu pai e de seus capangas, mas eu sinto minha alma se corrompendo.

Nate desapareceu de novo, dessa vez, da face da Terra. Ninguém ao meu redor sabe como isso ocorreu sem deixar resquícios, mas eu sei. Ele foi removido da casa que dividia com a garota viciada e os avós, e inserido no programa de proteção para testemunhas. A família não tinha nem ideia de que sua segurança fora comprometida no momento em que ele se tornou parte de suas vidas.

Foi difícil, no começo, fingir surpresa e raiva ao chegar na casa e encontrá-la vazia na hora de recolher o troféu do meu pai. Mas, devo admitir, minha atuação melhorou muito. Estou me acostumando a fingir que sou tão terrível quanto eles, aprendendo a jogar sujo sem me importar. É quase natural para mim agora. Acho que muito tem a ver com o fato de que minhas chances de ser feliz se foram. Blair sumiu, Whitney sumiu, Sadie está tão perdida que está definhando e se recusa a me dar sequer uma pista de aonde elas foram.

Eu durmo no armazém, mas no intuito de coletar toda a sujeira que puder sobre eles. A proximidade com eles vem com um preço a se pagar. Estou rodeado de prostitutas, drogas e muito mais. Gritos de dor e prazer ecoam na minha cabeça durante a noite. Consigo sentir o homem que desejo ser escapando pelos meus dedos, a bondade dentro de mim manchando-se a cada dia.

Deitado na escuridão, olho para o teto e imagino Blair. Ela é a única coisa boa a qual ainda me agarro. Apesar de cada dia se tornar mais difícil, o sorriso dela é minha fuga. O jeito como ela me olhou por baixo daqueles cílios longos, tentando esconder o rubor de vergonha que pintava seu rosto com frequência, sua doçura e aquele temperamento calmo me atormentam, mas de um jeito bom. De algum jeito, na minha cabeça, me convenci de que talvez um dia eu a verei

de novo e terei outra chance. Mas, na verdade, sei que a perdi. Ela nunca mais vai olhar para mim e ver o homem que eu quero me tornar por ela. Eu apenas a farei se lembrar do sofrimento que passou na noite em que Gabe foi ao seu encontro.

Uma mão suave subindo pela minha coxa me obriga a fechar os olhos. Eu sei que não é a Blair. Não perdi totalmente a cabeça ainda, mas fingir ajuda. Fico parado, permitindo que a garota me tome nas mãos e esfregue para cima e para baixo. Faço de tudo para acreditar que essa é minha linda garota, aquela que eu desejo. Eu nos imagino de volta no apartamento. Esse toque e o dela não são nem um pouco parecidos, mas me obrigo a acreditar.

Coloco a mão na cabeça da garota e a guio em direção ao meu pau. Ela deixa escapar um gemido pouco antes de me chupar. Não posso deixá-la falar. Se ela falar, minha esperança de gozar já era.

É golpe baixo, na verdade, mas é para isso que elas vieram para cá. Elas sabem e aproveitam. A cada chupada, a sensação de atingir o fundo da garganta, chego mais perto do ápice. Seguro firme no cabelo dela, ela não tem a chance de dizer uma palavra, eu continuo impulsionando os quadris para cima.

Só o que vejo são os olhos de Blair. Mas eu sei que, se fosse ela aqui comigo, não estaria agindo como estou agora.

Enrijeço as coxas, tensiono a barriga e enfio o pau na boca da garota, o desejo de gozar me tomando por completo. Com a cabeça erguida, mão apertando o cabelo dela, deixo escapar dos meus lábios em um sussurro o nome de Blair. Por trás do prazer de chegar ao ápice, a dor da sua ausência me acerta em cheio e me deixa enojado com as minhas escolhas.

Assim que cai a ficha do que aconteceu, eu me sinto sujo e com asco de mim mesmo. Solto a garota, me viro de lado e passo a mão no rosto. Ela põe a mão no meu quadril com um som contente, mas eu a empurro.

— Sai fora — vocifero, torcendo para que ela não queira mais nada. Preciso que ela vá embora; preciso apagar os últimos cinco minutos da minha mente. Porra, preciso que tudo desapareça.



Parado na fila da loja de bebidas alcóolicas, estou cumprindo meu papel. Garrafa de uísque na mão, engradado de cerveja debaixo do outro braço, continuo olhando para frente, sem demonstrar reação ao homem falando baixo atrás de mim.

— Vai ser hoje à noite — o detetive Farris diz, também segurando uma bebida e esperando na fila.

É muito arriscado falar ao telefone ou ir à delegacia. Em vez

disso, nas aparências, não somos nada mais do que dois homens na procura de bebidas para a noite.

— Precisamos que você vá como sempre, participe da festa como de costume. Temos escutas por todo o lugar, graças a você, e, assim que tivermos uma boa chance de atacar, invadimos.

Faz semanas que espero por isso. Seis semanas e três dias, para ser mais exato.

— Tudo vai acabar hoje à noite, Jake.

Eu aceno com a cabeça e me aproximo do balcão, depositando os itens em cima. Eu me afeiçoei aos homens com quem trabalhei nas últimas semanas; eles são fodas, não posso negar. Apesar de estarem do lado certo da lei, não têm medo de pôr a mão na massa se for preciso. Hoje à noite, sei que vou vê-los em ação e a adrenalina correndo pelo meu sangue faz minhas mãos tremerem. Está na hora da vingança, hora de destruir minha família e eu vou assistir de camarote.

Entrego o dinheiro para o caixa, pego o troco e recolho meus itens, sem em nenhum momento demonstrar que acabou de ocorrer uma conversa. Eu nem sequer olho para trás ao sair da loja. Não posso arriscar. Caminho até o SUV me esperando no acostamento e entro, olhando para Gabe. Vem em mente uma visão do meu punho se chocando no rosto dele, sangue jorrando em mim e eu sorrio. Ele, claro, leva esse sorriso como um sinal de amor fraternal e ergue a mão em punho para darmos um soquinho. Eu dou um soquinho nele, com mais força que necessário, aceitando o gesto.

— Hoje à noite, vamos beber até cair — ele diz, engatando a primeira. — Amanhã, a gente bota as cabeças para funcionar atrás desse coitado que vai sangrar. — Eu viro o rosto para esconder meu riso debochado e olho para a frente da loja da qual eu acabei de sair. Ao mesmo tempo, Farris sai de óculos escuros. Ele dá um breve aceno com a cabeça, enquanto o carro começa a andar.

Estou pronto. Na real, estou mais do que pronto.



Dentro de algumas horas, o armazém fica lotado de gente. Eu me reclino, fingindo fazer parte da festa, assentindo quando falam comigo, rindo sem achar graça dos comentários sarcásticos e nas histórias horrendas que eles têm para contar.

Meu pai está sentado do outro lado do cômodo, com uma moça ao seu lado e uma morena no colo. Minha mãe sabe das atividades extraconjugais com essas mulheres, mas sempre fez vista grossa. Os dois são nojentos e não me surpreenderia se ela tivesse participado no passado. Minha família é doentia, disso não tenho dúvidas.

É quase meia-noite quando surge uma confusão na entrada do armazém. De repente, as portas se abrem e muitos agentes armados entram depressa. A melhor palavra para descrever a cena é “caos”, todo mundo fugindo, procurando pela saída mais próxima. Mas não tem saída, membros do FBI e da SWAT cercam o perímetro de todos os ângulos.

Olho para meu pai e vejo que ele não se mexeu. Em vez disso, ele me encara diretamente do sofá. Se eu fosse um homem fraco, talvez sentiria medo do ódio no seu rosto. Ele sabe, tenho certeza.

Um som de tiro ecoa no ambiente e eu olho para a direita a tempo de ver Gabe entrando em um corredor que leva à garagem, a mesma garagem onde estão os seis carros que meu pai tem à disposição. Não posso permitir que ele fuja. Afinal, ele é o que mais quero ver se fodendo.

Vistorio a sala e, no segundo que encontro Farris, posso ver que ele entende o que pretendo fazer. Ignoro quando ele balança a cabeça, tentando me alertar em silêncio. Vou atrás de Gabe antes que eu possa refletir se é uma boa ideia e corro pelo longo corredor por onde ele saiu.

Tiro a arma que guardei a salvo no bolso de trás da calça horas atrás. Minhas mãos tremem segurando-a na minha frente, mas não de medo. Essa é uma das poucas vezes em que eu me sinto grato por estar na família que estou. Aprendi há muito tempo, antes de sequer compreender as atividades da minha família, a mexer em uma arma de fogo.

Quando entro na garagem, meu irmão se vira para me encarar e parece aliviado de ver que sou eu.

— Vamos. — Ele acena, dando a volta no Escalade preto. Eu tiro vantagem da confiança que ele tem em mim para diminuir a distância entre nós, ainda segurando firme a arma.

Assim que chego atrás dele, pressiono o cano do revólver na parte de trás da cabeça e ele congela. Eu consigo ver sua respiração funda através dos ombros subindo e descendo e ele se vira para mim. Tenho o cuidado de não permitir que ele se aproveite da situação. Arma apontada na sua testa, seus olhos fixos nos meus.

— Você engatilhou, maninho? — Seu rosto retoma a expressão arrogante, me observando atentamente.

— Que tal você tentar alguma coisa e descobrir? — Eu o desafio a testar minha paciência. Só preciso de um leve movimento para alegar autodefesa. Eu quero que ele pague pelo que fez e, na minha opinião, a prisão não é uma punição rígida o suficiente para meu irmão.

Ele ri, mas consigo ouvir o nervosismo na risada e me sinto satisfeito. Eu quero desfrutar do medo dele, anseio por isso.

— Eu disse que te mataria se você encostasse nela. — Minhas narinas dilatam de raiva quando ele abre ainda mais o sorriso e lambe os lábios como se estivesse se recordando da noite em que atacou Blair.

— E, mesmo assim, aqui estou, vivinho pra contar a história. — Ele ergue as mãos do lado do corpo, num gesto que diz “vá em frente”. — Você sempre foi fraco, Cyrus.

Ao ouvir o nome, eu forço a arma contra a cabeça dele.

— Você se enganou, irmãozinho, *you* é o fraco. Sempre fazendo tudo que ele mandava na hora que ele mandava. Você foi pau-mandado a vida toda, buscando a aprovação do papai. — O sorriso dele se dispersa, substituído por uma expressão de raiva. — Eu nunca precisei do incentivo dele. Fui eu mesmo e acho que você sabe disso. Você não conseguia suportar que eu era forte o suficiente para viver sem ele. Que não precisava dele para me apoiar.

— Vai se foder — Gabe fala cuspidando em um acesso de raiva pura. — Você não sabe de nada.

— Eu sei que você foi longe demais ao ir atrás da Blair, essa porra de limite não tem concerto. — Minhas mãos tremem, tudo que eu quero é puxar o gatilho. Quero ver seu corpo sem vida desabar no chão numa poça de sangue. O sangue que eu derramei.

— Abaixa a arma, Jake.

Não preciso olhar para saber que é o detetive Farris que acaba de entrar. Eu vejo Gabe olhar atrás de mim.

— Ele já sugou muito de você, todos eles. Não lhe dê o poder de sugar mais.

— Atira, maninho — Gabe desafia. — Por mais que tente negar, você é um Gunther. Você é sujo. — Ele pressiona a cabeça contra o cano da arma. — Atira, seu covarde.

A vontade de obedecer me consome. Porém, naqueles segundos de clareza, vejo os olhos dela me encarando com nada além de esperança. A esperança de que eu sou o homem que aparentei ser, que eu a quero e preciso dela assim como ela quer e precisa de mim.

Pauso por um segundo, o suficiente para girar a arma e atingir a cabeça do meu irmão com o cabo. Observo satisfeito o corpo de Gabe cair no chão, um rastro de sangue escorrendo pela têmpora. Não é o sofrimento que queria causar nele, mas terei que me contentar com isso.

Eu me recuso a ser o homem que ele tentou me convencer a ser.

Parte 2



Capítulo 19

Blair

Um ano depois.

Cubro os olhos e me remexo no centro da sala de estar. Se houvesse alguém assistindo, ia achar que fiquei louca, mas não ligo. Eu amo esses momentos que passo sozinha com Isabelle. São meus momentos favoritos.

Minha doce garotinha nasceu há cinco meses e dois dias. Aquela, com certeza, foi a melhor noite da minha vida. Levou muitas horas e um bocado de dor insuportável para ela chegar, mas posso dizer com sinceridade de que valeu a pena cada segundo. Ela era, é, e sempre será minha maior realização. Seu rostinho adorável me traz tanto alegria quanto sofrimento, porque é impossível ignorar as semelhanças com o pai. Desde o segundo que a colocaram no meu peito e eu olhei para suas bochechas fofas, sabia que não poderia negar quem ajudou na concepção. Ela é uma cópia do papai e fica mais parecida com ele a cada dia que passa.

Whitney também percebeu. Consegui ver em seu rosto ao meu lado no quarto do hospital. Ela pôs a mão no meu ombro e nós choramos juntas em uma mistura de amor e sofrimento.

Sei que, lá no fundo, apesar de odiá-lo pelas mentiras que contou, sempre vai haver um lugar especial no meu coração para Jake. Ele me deu minha filha, um presente que não posso ignorar. Isabelle é tudo para mim. Ela é a razão pela qual eu me levanto todas as manhãs e me motivo para me tornar melhor do que fui no dia anterior. Ela me encoraja, me dá propósito, ela é meu anjo.

— Bu! — digo, tirando as mãos do rosto e me inclinando para perto dela. Imediatamente, ela começa a chutar com suas perninhas grossas e estender as mãos para frente. Um chiado feliz escapa de sua boca que me faz rir junto.

— Esse gratinho é capaz de rachar uma taça de vidro. — Whitney dá a volta no sofá e se joga na almofada, tentando não derramar o café. Sorri quase que orgulhosa para Isabelle, e eu percebo

o amor que ela tem pela minha filha. Minha garota não é só meu recomeço, ela é o de Whitney também. Somos um trio, um time. Ela divide as tarefas de cuidar do bebê, fica feliz de bancar a babá quando tenho que sair, e, se nós duas precisamos trabalhar, Isabelle fica com a tia Marcy ou a Vovó Be, mãe da Whitney. Isabelle tem uma família amorosa ao seu redor e eu estou em paz.

Há uma parte de mim, escondida lá no fundo da qual eu não falo, que gostaria, mais do que tudo, que as coisas tivessem sido diferentes. Que queria que Jake fosse o homem que fingiu ser. Eu acredito que aquele homem teria sido um ótimo pai para nossa filha. No pouco tempo em que estivemos juntos, ele me deu a impressão de que poderíamos ser muito felizes. E daí, num piscar de olhos, essa ilusão foi quebrada.

— Que horas você trabalha hoje? — Whitney pergunta com um bocejo, erguendo a xícara de café à boca. Ela ficou até tarde na noite passada com um cara e voltou apenas às cinco da manhã de hoje. Bem-feito, quem mandou passar a noite acordada com um dia cheio à espreita?

— Eu começo às duas. — Tento esconder o sorriso, me inclinando para beijar a bochecha da Isabelle, fazendo-a rir outra vez. — Você vai trabalhar dois turnos hoje, né?

— Sim — ela solta um grunhido e Isabelle vira seu corpinho e ergue a cabeça, procurando a tia favorita. — Se eu não tivesse gastado metade do meu salário ontem à noite, ia pedir uma folga hoje.

— Você precisava mesmo de roupas novas, sapatos e bolsa combinando, para ir a um encontro com um cara que não dá a mínima para o que está vestindo? — Ela provavelmente usou a roupa por uma hora, duas no máximo e logo jogou tudo em uma pilha no quarto dele.

— Eu fiquei gostosa, não tente negar. — *Não era minha intenção.* — Falando em encontros, quando você vai ver Shawn de novo?

— Eu nunca disse que veria. — Decido ignorar o olhar fuzilante que eu sei que ela está me lançando e me concentro na minha filha.

— Tudo bem você namorar e conhecer um cara legal, sabia?

Eu aceno, mas mantenho o foco nas perninhas da minha filha, pegando os pezinhos e os balançando. Um sorriso se abre na boca dela, formando bolhas de saliva que acumula no canto dos lábios.

— Não quer dizer que ela vai parar de ser sua prioridade.

— Eu sei — digo, ansiedade crescendo dentro de mim. A última coisa que preciso no momento é de um homem. Estou perfeitamente feliz trabalhando no restaurante durante o dia e passando todas as noites com minha menina. Ela é a melhor companhia que alguém poderia ter. Tá, tudo bem, eu me sinto

solitária, mas não o suficiente para me jogar em uma situação e me forçar a confiar em um homem.

Não sei se algum dia estarei pronta para isso.

Aqueles dias, aquela noite, ainda me atormentam. Às vezes, acordo me sentindo presa e sem conseguir escapar, respirando ofegante e olhando ao redor do quarto, apenas para perceber que estou segura. São esses os segredos que carrego, os momentos que escondo dos outros, porque não quero que ninguém saiba que ainda não fui capaz de superar aquela época da minha vida. Não vale a pena me aproximar de um homem, baixar a guarda.

— Um dia desses — digo, pegando Isabelle e me levantando. — Mas, por ora, é esta gorduchinha que me faz feliz. — Assopro um barulho na bochecha dela, o que a faz rir de novo. — Ela é toda a felicidade de que preciso.

A verdade é que, se eu arranjar um homem, tenho a sensação de que vou perder de passar tempo com Isabelle. Tempo que eu poderia estar usando para amá-la e dormir de conchinha com ela, pois, na minha opinião, meu anjinho já perdeu várias coisas e nem sabe. Mas eu sei e sinto como se tivesse falhado com ela na minha incapacidade de escolher o pai certo.



— Como vão as coisas? — Sr. Henderson ergue a cabeça de onde estava concentrado e assente. — Vocês gostariam de mais bebidas?

— Obrigada. — Sua esposa sorri gentil para mim. — Adoraríamos. Muito obrigada.

Eu adoro meus fregueses mais velhos. Eles são tão melhores que os jovens da faculdade. Tão agradecidos e gentis, reconhecem os menores gestos.

Pego as xícaras deles e volto para a cafeteria posicionada ao lado do bar. Encho os copos depressa e volto para minha posição no momento em que Shawn e alguns amigos se sentam à mesa um pouco para lá dos Henderson.

Meu coração acelera de repente, mas não de empolgação. Shawn quer um segundo encontro. Ele foi bem persistente ao me acompanhar até a porta depois de sairmos para jantar há algumas semanas. Ficou esperando um bom tempo, me dando um olhar que perguntava: “e o beijo”? Só para esclarecer, não houve beijo.

Esta é a primeira vez que o vejo desde aquela noite. Até então, conseguira evitá-lo. Agora, não tenho saída, e, quando ele ergue a cabeça, nossos olhos se encontram no pequeno ambiente. Ele abre um sorriso e eu me sinto uma babaca por menosprezá-lo.

Shawn é um querido, mas ele não atiça nada em mim. Eu gosto dos bad boys e sei que esse foi meu problema no passado. Mas tem algo tão atraente em um cara confiante e de atitude, com tatuagens combinando. É uma escolha que sempre volta para me incomodar, mas não consigo resistir ao chamado.

Respiro fundo e solto o ar devagar, caminhando pelo restaurante na direção dele. Ele me observa como um garoto empolgado e eu contenho a revirada de olhos. Alguém deveria dizer para esse homem que se remexer na cadeira como uma criança não agrada nenhuma mulher, pelo menos, não essa mulher aqui.

— Olá, Blair! — ele quase grita, antes mesmo que eu chegue até a mesa e eu faço uma careta com o jeito que o som ecoa. Alguns outros fregueses se viram para nós, e meu rosto fica vermelho. — Como você vai?

— Bem — respondo com um sorriso forçado. — E você?

— Ainda esperando aquele segundo encontro.

Lá vem a ansiedade. Minhas mãos começam a tremer e eu faço de tudo para escondê-las. Nunca fui boa em me livrar de situações desconfortáveis. Eu congelo e, no final das contas, acabo concordando com coisas que eu geralmente evito apenas para dissipar o clima chato.

— Ando ocupada com o trabalho e a Isabelle.

— Que tal transformarmos o encontro em uma saída de família, ela pode vir também. — Sinto meus muros se erguendo na defensiva. — Eu já falei, gosto de crianças.

Ao longe, ouço o sininho indicando que um prato está pronto e uso isso para escapar.

— Tenho que ir. — Não espero por uma resposta, saio apressada em direção à cozinha, grata pela interrupção.

Depois de alguns minutos me acalmando, vejo Scarlett e me ofereço para cobrir o próximo turno dela se ela atender à mesa de Shawn. Também a deixo servir a mesa dos executivos que dão as melhores gorjetas da história do restaurante Spencer. Lá se vai o dinheiro que eu estava guardando para a mobília do quarto.

Capítulo 20

Jake

Dou uma batidinha antes de abrir a porta com cuidado.

— Oi. — Mantenho os olhos na parede perto da porta de propósito, caso ela esteja se trocando. — Me diga que está vestida dessa vez.

— Se você incluir pijama na definição de vestida, sim. — Sadie está sentada na cadeira do lado esquerdo da cama e dá um sorriso de canto, retribuindo meu olhar.

— Bem, melhor pijama do que o que estava vestindo ontem.

Ela desvia o olhar rapidamente, não sem que eu perceba o rubor no seu rosto. Nunca mais eu entro sem anunciar minha presença. Comecei a gostar de Sadie durante o último ano, mas não de um jeito que fosse além da amizade. Não sinto a necessidade de vê-la com pouca roupa, muito menos só de roupa íntima. Foi como ver uma irmã seminua, e, corrija-me se estiver errado, mas não é uma sensação agradável.

Eu sinto como se devesse algo a Sadie. Afinal, foi por minha causa que ela terminou a amizade com Blair. Só de pensar no nome, a dor que eu sinto desde o dia em que ela foi embora sem olhar para trás lateja.

Tanto Sadie como eu atingimos o fundo do poço depois disso. Depois que minha família foi presa, sem chance de pisar fora de uma prisão de máxima segurança, eu desmoronei. Admito que fiz coisas que gostaria de voltar atrás e refazer. A culpa me corroeu, a minha parcela de responsabilidade pelo que aconteceu com Blair. Eu devia tê-la avisado, devia tê-la escondido em um lugar seguro, mas fracassei. Uma parte de mim se sente culpada pela alegria de saber que minha família está atrás das grades.

Daí eu me lembro das coisas que eles tiraram de mim e o sentimento passa.

Nada disso me impediu de cair em maus lençóis. Sei, sem sombra de dúvidas, que eu teria me juntado ao meu pai e irmão se

não fosse pelo detetive Farris. Ele não desistiu de mim: não me deixou virar a pessoa que jurei jamais tornaria. Foi essa persistência e lealdade que me trouxe para o lugar onde estou agora.

Sadie merece algo melhor também, e estou tentando convencê-la disso.

— Como está se sentindo hoje? — Sento na beira da cama.

— Melhor do que ontem. — A tristeza em seus olhos é sempre a mesma. — Mas esse é o objetivo, né? Um passo de cada vez.

Daqui a uma semana, Sadie irá concluir o programa de reabilitação de seis meses. Desenvolvido não só para ajudar com o vício, mas também para encontrar a fonte de seus problemas e ajudá-la a enfrentá-los sem drogas, álcool ou sexo.

— Não olhe para trás e sim adiante — recito a mesma frase que a ouvi dizer várias vezes.

— Concentre-se nas coisas boas e perdoe-se pelas ruínas.

— Isso aí.

Ela ergue o rosto para encontrar meu olhar e sorri de novo. Mas, dessa vez, parece menos forçado que antes.

— Então, você já pensou no que vai fazer depois que acabar?

Surge um breve desconforto no seu rosto, e ela morde os lábios. Assente e forma punhos com as mãos no colo.

— Isso me atormenta todos os dias.

Ela também está procurando seu lugar no mundo, se perguntando o que vai acontecer em seguida. Espero que o que estou prestes a fazer possa um dia nos conceder a paz que tanto queremos.

— Estava pensando que... — Espero ela me encarar de novo. Seus cílios longos tremem quando ela pisca, olhos esmeralda fixos nos meus. — A melhor opção para nós é sair da cidade, recomeçar em outro lugar.

— Nós dois?

— Aham. — Eu me inclino e repouso os cotovelos nos joelhos, dando uma boa olhada nela. — Iowa, talvez?

Ela arregala os olhos por um breve momento, surpresa. Tentei por muitas vezes, mais do que consigo me lembrar, fazê-la admitir para onde Blair tinha ido, mas ela nunca quebrou a lealdade que sentia por Blair. Ela se recusou a machucá-la mais do que já tinha e isso só me fez perceber o quanto ela se arrependia das escolhas que fez, dos erros que cometeu.

— Você se esqueceu que eu tenho outros jeitos de descobrir. — É minha vez de sorrir. — Então, o que acha? Já foi para Iowa alguma vez?

— Eu não posso ir para lá, Jake. — Seu lábio treme quase que de imediato e meu coração aperta naquele espacinho que sei que tenho reservado para ela. — Elas estão melhor sem que eu atrapalhe a

estabilidade que construíram. Você também. — Seus olhos enchem de lágrimas. — Sua presença lá só vai trazer memórias de um tempo que eu sei que elas querem esquecer.

Talvez ela tenha razão, mas faz semanas, meses, que eu cogito encontrá-la.

— O que minha família fez com ela também é algo que me atormenta. Ela me odeia por causa das mentiras que contei e meu papel nisso tudo, eu sei. — Faço uma pausa, organizando os pensamentos, os pensamentos que analisei por dias. — Não há um dia em que eu não pense nela, Sadie. Toda vez que fecho os olhos, eu juro que ouço sua risada. Olho para os lados na certeza de que vou encontrá-la, e fico decepcionado quando não encontro. Eu tentei esquecê-la, mas estou aqui, um ano depois, com o mesmo sentimento da primeira vez que a vi. Obcecado e fascinado por ela. Acho que não vou conseguir seguir adiante se não tentar.

— E se ela não estiver mais lá?

— Ela está. — Conferi a localização de Blair mais de uma vez.

— E se ela se recusar a ver você? — Ela solta uma respiração entrecortada. — Disser para você ficar longe dela?

— É uma chance que estou disposto a correr.



Sou um garoto da cidade, sempre fui. Nunca saí de Chicago, a não ser pelas viagens esporádicas que fiz quando criança. Ankeny, Iowa, é como um outro mundo para mim. Não se veem mais arranha-céus, no lugar deles, pequenas lojas e lanchonetes. Crianças brincam nos quintais e parques sem medo de serem machucadas. É muito pacífico, quase surreal.

Dou uma olhada no banco do passageiro do meu Dodge Challenger e vejo Sadie com a mesma expressão de encanto no rosto. Ela vira a cabeça de um lado para o outro, examinando as áreas por onde passamos. Ficou tão isolada durante o tratamento que imagino que isso pareça mais um sonho do que realidade.

— O que acha de pegar alguma coisa para jantar antes de irmos para o hotel? — Ela apenas assente, ainda fascinada pelos arredores.

Dirijo pelo cruzamento, procurando o primeiro restaurante ou lanchonete, minha barriga roncando e causando uma risada na Sadie.

— Que tal ali? — pergunta, apontando para a esquerda.

Uma placa luminosa azul com detalhes em vermelho dizendo “Spencer” nos chama. Neste momento, até mesmo um burrito de posto de gasolina seria capaz de me satisfazer. Não percebi como estava com fome, passei a viagem toda com o estômago embrulhado, parecia

impossível me concentrar em outra coisa.

Mas, agora que chegamos, estar novamente no mesmo lugar que Blair me anima e me aterroriza ao mesmo tempo.

— Por mim pode ser. — Entro no estacionamento e paro no primeiro lugar disponível. O cheiro de fritura paira no ar. Sadie sai do carro primeiro, dando a volta pela frente e acenando. Ela parece mais tranquila agora que deixamos a cidade para trás, suponho que sinta que abandonou as tentações que a seduziam. Ela não precisa mais voltar para a vida que a levou às drogas, entre outras coisas.

— Vamos, vovô. — Ela inclina a cabeça para o lado e põe as mãos nos quadris, mostrando-se impaciente. Eu adoro vê-la assim, tranquila. Nós dois batalhamos muito nesse último ano e acabamos encontrando uma em comum no final. Ela logo se tornou minha melhor amiga, assim como Farris.

Paro ao lado dela, empurrando-a com o ombro, e ela ri alto, uma risada que alivia minha leve ansiedade.

Isto é, até caminharmos na direção do restaurante. Eu tropeço e me choco com as costas de Sadie quando ela para. Não preciso limpar os olhos para confirmar o que estou vendo. Acho que senti a presença dela antes mesmo que ela saísse do restaurante.

Blair.

Seu cabelo parece mais longo, apesar de preso em um rabo de cavalo. Ela veste uma calça preta social e uma camiseta azul que lhe aperta a cintura. O impacto de vê-la me atinge com tanta força que eu perco o fôlego.

Mas o pior é ver o homem alto ao seu lado. O homem com o braço por cima dos ombros dela, enquanto caminham juntos. Os dois sorriem alegres, e a risada dela ecoa pelo estacionamento, me acertando como um soco no estômago.

Ela parece feliz.

— Você ainda acha que foi uma boa ideia vir aqui? — Sadie sussurra por cima do ombro, me observando atentamente. Mas eu não respondo, porque não consigo. Continuo exatamente onde estou, observando Blair sair com um cara aleatório. A cena toda na minha frente se desenrola como um filme em câmera lenta.

Capítulo 21

Blair

— Marcy está começando a ficar com desejo de tanto passar tempo com Isabelle. — Will arregala os olhos, erguendo as sobrancelhas até o cabelo. — Ela fica me dando indiretas.

— É mesmo? — Eu me afasto dele, apertando o botão que destranca o carro. — E o que você acha?

— Você me conhece, eu ou ignoro ou mudo de assunto. — Dou um empurrão no seu peito. — Quê? Matthew já dá um trabalhão. Acho que ele me deixou com medo de ter outro.

— Ele não é tão ruim. — Tento controlar a expressão, mas Will me conhece muito bem. De novo ele arqueia a sobrancelha daquele jeito perturbador, como quem diz “você não me engana”. — Só é um pouco terrorista e, aliás, por sua causa.

— Você precisa passar o dia com Marcy aí vai ver que não sou só eu.

— Ah, por favor, sua esposa é quieta e tranquila. — Ele baixa a cabeça, olhando para o chão.

— Ela enganou a todos vocês, — murmura e eu acabo rindo. Estar aqui, junto com os Flannigan, foi a melhor escolha que já fiz na vida. Não só por mim, mas por Isabelle também.

Percebo um movimento por cima do ombro de Will e olho para cima a tempo de ver um homem e uma mulher andando pelo estacionamento. Há algo de familiar na garota correndo atrás do cara. Estão escondidos pela escuridão e pela quantidade de veículos ao redor, mas, por algum motivo, não consigo desviar a atenção.

— Pro quê está olhando? — Will não espera eu responder e se vira, também observando o casal entrando em um carro de vidro fumê. O barulho do motor preenche o silêncio e o carro dá ré e dirige na direção oposta, pneus chiando com a fricção da partida. — Você os conhece?

Balanço a cabeça, voltando minha atenção para Will.

— Acho que não, mas a garota me parecia familiar. — Não

consigo descartar a sensação de que já a vi em algum lugar. Foi como se eu já tivesse presenciado até mesmo aquele jeito de correr atrás do cara. A sensação de déjà vu se firma dentro de mim.

— Bom, melhor irmos andando. — Eu me aproximo e dou outro abraço em Will. Ele não sabe como foi bom ter vindo me buscar. Serviu como desculpa para que eu escapasse sem precisar lidar com Shawn e com o constrangimento de negar um segundo encontro outra vez. — Whitney vai dormir na casa daquele cara hoje de novo, imagino que ela está me esperando para sair.

— Pelo visto, as coisas estão sérias entre aqueles dois. — Will me aperta gentil, segurando a mochila ao meu lado com a outra mão. — Não sei se gosto de você e Isabelle sozinhas em casa o tempo todo. — Ele me observa indo em direção ao carro, manifestando seu jeitão de irmão mais velho.

— Estamos bem — asseguro, mas ele não parece convencido.

Depois que Will garante que estou segura no carro, faço a viagem de cinco minutos até em casa. Foi uma noite longa e eu sempre me sinto assim. Na metade do turno, já estou sentindo saudades da Isabelle.

Fico com a mesma empolgação de sempre ao chegar em casa quando paro o carro e pego a bolsa do banco. Eu me apresso para porta da frente e, quando estou prestes a subir os dois degraus da varanda, paro. O mesmo motor que ouvi a pouco tempo ecoa de novo. Olho por cima do ombro e vejo o carro escuro do restaurante parado na frente da casa do vizinho, no acostamento.

Seria coincidência? Algo nessa situação me dá calafrios.

A janela escura torna difícil de enxergar o interior, mas isso não me impede de tentar.

— Você vai entrar ou não...

Dou um pulo surpresa ao ouvir a voz de Whitney e me viro, levando a mão ao peito. Ela para de falar, a mão no quadril e a sobrelanceira arqueada, curiosa.

— Que susto você me deu. — Passo por ela e ela ri, entrando na nossa casa. Decido não dizer nada do carro, com medo de que ela pense que perdi a cabeça. Em vez disso, me concentro no meu anjinho sentado no meio do chão, chutando empolgada as pernas.

Assim que ela me vê, dá um gritinho e faz o mesmo movimento das pernas com os braços.

— Eu tentei fazê-la capotar, mas não teve jeito. — Whitney se senta no sofá e põe os pés na almofada. — Depois de quinze minutos, desisti, e resolvemos assistir TV.

Pego Isabelle do chão.

— Você está dando trabalho para a tia Whit? — Sua mãozinha vai direto para a boca, baba escorrendo pelo queixo. — Vai passar a

noite no Trevor? — pergunto para Whitney.

— Daqui a pouco eu vou — ela diz, dando de ombros. — O irmão dele está lá e, da última vez que falei com ele, estavam assistindo a um jogo ou algo assim. Se eu for agora, vou ser obrigada a interagir e você me conhece, esportes não são a minha praia.

— Nesse caso, se importa se eu tomar um banho rápido enquanto está aqui?

Em vez de responder, ela ergue a mão e faz um gesto de “me dê”. Eu passo Isabelle para ela e caminho em direção ao quarto, sorrindo e olhando por cima do ombro. Elas estão lá sentadas, minha filha segura e aninhada na dobra do braço da Whitney, as duas olhando para frente. A cena me faz pensar em como tenho sorte de tê-las em minha vida.

Pego as roupas e me apresso para o banheiro, parando perto da janela para espiar lá fora. Fico aliviada de ver que o carro preto não está mais no acostamento. Não sei por que, mas algo nisso me deixa com uma sensação esquisita no estômago.



Com a bolsa e a mala de bebê por cima do ombro, Isabelle firme nos braços, caminho até a porta da frente. Ela está fazendo bolhas de baba e se remexendo no colo, a mão no meu cabelo e a outra solta em cima do ombro. Por isso que prendo o cabelo o tempo todo. É a primeira coisa que ela agarra quando tem oportunidade.

Saio na rua, fecho a porta atrás de mim e testo a maçaneta para garantir que trancou. Neste momento, Isabelle decide dar um de seus gritos infames de rachar vidro e meu coração quase pula do peito. Tenho a sensação de que, quando ela finalmente conseguir falar, não vou conseguir quietá-la nunca mais, de tão barulhenta que é.

— Um dia desses, mocinha, você ainda vai matar sua mãe do coração.

Coração esse que ainda bate acelerado enquanto eu caminho até o carro e a coloco no bebê conforto. Confirmando que ela tem um chocalho em mãos e o bico na boca e fecho a porta, entrando também. Olho no espelho retrovisor para garantir que consigo vê-la pelo reflexo do espelho preso no assento. Isabelle fica tão fascinada balançando o bichinho de pelúcia dela que eu paro por alguns segundos, apenas observando e então dou ré pela entrada da garagem.

Quando ela começa a resmungar, como sempre faz presa ao bebê conforto, eu ligo as músicas infantis e começo a cantar junto para distraí-la. Se alguém tivesse me dito no ano passado que estaria fazendo isso agora, teria chamado a pessoa de maluca. Eu achava que não queria filhos. Não depois da vida que tive enquanto crescia: era

assustador só de imaginar. Conheço as realidades severas da vida, os momentos ruins e a maldade. Não queria ser responsável por trazer uma criança para mundo em que eu vivi. E, apesar disso, não consigo imaginar minha vida sem Isabelle. Ela é a parte boa de cada dia e noite.

— Estamos quase lá, filha, — eu a acalmo, procurando por um lugar para estacionar na frente do banco. Tenho a impressão de que vai ser uma tarefa e tanto resolver minhas coisas com essa mocinha junto o dia todo. Ela odeia ficar presa ao bebê conforto.

A sra. Wilmar me espera atrás do balcão com um sorriso animado.

— Ela fica mais bonitinha a cada semana, juro. — Ela se inclina por cima do balcão com os braços estendidos. — Deixe-me ver esse anjinho enquanto você ajeita suas coisas. — É assim todas as semanas. Ela já está na casa dos cinquenta, e todos os netos moram em outros estados, o que a impede de vê-los quando quer. Acho que Isabelle preenche o vazio que ela sente.

— Essas madeixas pretas estão ficando encaracoladas. — Eu a observo correr os dedos pelo cabelo de Isabelle. — Não é a mesma cor que o seu, mas parece que ela vai ficar cheia de cachinhos como você, Blair.

Assim espero, porque, se não fosse o trabalho de parto, nem acreditaria que ela é minha. Isabelle é, com certeza, a cópia do pai dela. O cabelo escuro, a curva do maxilar, aqueles olhos — são os mesmos de Jake.

— É, talvez. — Desvio o olhar, preenchendo rapidamente a papelada. Eu já sei que logo vêm as perguntas. Betty Wilmar é uma senhora amável, mas é também muito intrmetida.

— O papai dela tem cabelo escuro, certo? — Aceno com a cabeça, porque toda semana voltamos ao mesmo assunto. — Jamais vou entender como um homem pôde abandonar uma joia tão preciosa quanto essa mocinha. Ele não sabe o que está perdendo. — Um vazio se abre no meu peito e eu passo o cheque e o comprovante do depósito pelo balcão. — Que pena que ela não tem um papai para protegê-la.

E lá vem o soco no estômago.

Eu pego Isabelle nos braços.

— Ela tem coisa melhor, Will e Warren. Eles são os melhores tios que uma menina poderia querer. — Não olho para Betty porque não quero que ela veja as lágrimas que brotaram da nossa conversa.

Eu poderia trocar de banco, mas, infelizmente, acho que seria mais do mesmo, só que com uma pessoa diferente. Parece que todo mundo só conversa sobre assuntos que não lhe dizem respeito.

— Aqui está, querida. — Betty conta os sessenta dólares que eu

pedi e coloca o recibo do lado. — Minha oferta de ficar de babá para esse anjinho continua de pé, caso precise de um tempo para si.

— Valeu. — Eu coloco tudo na bolsa rapidamente. — Mas prefiro passar todo o tempo possível com ela, sinto muitas saudades quando tenho que ficar longe. — Dou uma olhada em Betty e a vejo sorrindo para mim. — Tenha um bom dia, Betty.

— Você também, querida.

Saio, respirando fundo para me acalmar. Tudo aqui é ótimo, tranquilo e seguro. Tudo, com exceção de que as pessoas acham que eu fugi da cidade, fiquei grávida e voltei para criar minha filha sozinha. Não é como se fosse mentira, mas eu odeio que minha vida tenha se tornado alvo da opinião dos outros. Também não consigo aguentar a ideia de que a Isabelle será obrigada a ouvir esses comentários que, por ora, eu tento filtrar.

Viro minha menina para a frente e a abraço apertado.

— Eu te amo tanto que você nem vai ter a chance de sentir a falta dele. — Sei que, por mais que queira que seja verdade, haverá um dia em que ela vai precisar do pai.

Respiro fundo e solto devagar, colocando-a segura de volta no bebê conforto e dirigindo para o próximo destino. Vou ignorando os olhares de pena da população mais velha da cidade um após o outro. Desconsidero os mais jovens que presumem o pior e escolho ignorar os sussurros que ouço ao meu redor.

Em vez disso, sorrio para Isabelle, faço cosquinha na sua barriga e beijo suas bochechas sempre que paramos e saímos do carro. Lembro do que deixei para trás na cidade e aprecio a presença dela aqui, segura.

Quando chego ao mercado a pego no colo e vou em direção à entrada, segurando-a perto do corpo. Pego um carrinho e a coloco no assento, checando três vezes se as alças estão seguras. Mesmo sabendo que a fivela está presa, mantenho as mãos ao lado dela.

Eu me concentro nela, brincando de *gugudadá* sempre que fica agitada. Nem me abalo quando ela berra, porque seus gritos são uma distração muito bem-vinda.

Estou tão concentrada que nem percebo o momento em que não estamos mais sozinhas... até ouvir aquela voz.

— Ela é minha?

Congelo com a mão na embalagem de leite ainda dentro do refrigerador.

— E, antes que você minta, vou deixar claro que sei a resposta para essa pergunta só de olhar para ela.

Sinto uma súbita vontade de correr, olhando para os lados sem olhar para trás.

— Você ia me contar em algum momento que tenho uma filha?

Meus olhos se enchem de lágrimas e observo Isabelle, que agora presta atenção no homem que eu sei que está parado a alguns centímetros atrás de mim. Ela não chora, apenas chupa o bico, fazendo os barulhos fofinhos de sempre. Mas eu não consigo me virar, não sei o que dizer ou como reagir. Eu nunca imaginei que me encontraria nessa situação.

— Eu queria sentir raiva por não ter nem ideia da minha paternidade, mas não consigo. Ela é linda.

Eu aperto os olhos, forçando as lágrimas a irem embora. Uma única escapa e escorre pela minha bochecha.

— Qual é o nome dela?

Abro os olhos ao mesmo tempo em que ele estende o braço por cima do meu ombro e encosta na perna dela com as pontas dos dedos. Um toque gentil, como se para garantir que ela é de verdade e que não são os olhos dele lhe pregando peças.

— Isabelle — sussurro o nome, minha garganta rouca por causa dos sentimentos desordenados dentro de mim. — O que está fazendo aqui?

Uso essa chance para espiar por cima do ombro e me arrependo imediatamente. O olhar penetrante de Jake me encobre, o mesmo olhar que vejo todas as noites quando vou dormir. Eu perco o fôlego.

Ele está igual, mais forte, se é que é possível. Não só fisicamente, há uma determinação em seus olhos, uma postura poderosa, na encarada proposital que me lança.

— Eu vim por você.

Capítulo 22

Jake

Minhas mãos tremem e minhas pernas oscilam, mas eu permaneço o mais parado possível. Olho nos olhos da mulher com quem sonhei durante todas as noites do último ano, adrenalina correndo pelo meu corpo. Meu desejo por ela, minha atração, nunca diminuiu e a ausência não enfraqueceu sua imagem na minha mente. Ela está lá, sempre lá, profunda e intensa.

— Eu não sou o mesmo homem que você deixou plantado na rua um ano atrás.

Blair começa a balançar a cabeça, olhando para o anjinho que sei que é nossa filha. *Porra, eu sou pai.* Minha cabeça está girando. Ela é tão linda quanto a mãe, tão doce e... meu Deus.

— Você tem que ir embora.

Volto minha atenção para Blair e vejo um medo nela que não tinha notado há alguns segundos.

— Por favor, nos deixe em paz.

— Não posso fazer isso. — Ao ouvir as palavras, os olhos de Blair se enchem de lágrimas que me apertam o peito de maneira inimaginável. — Sei que tem outra pessoa. — Tento não rosnar pensando em outro homem tocando nela. — Vi vocês saindo juntos ontem à noite. — Ela franze o cenho, confusa. — Você pode ter seguido adiante ou encontrado alguém, mas eu não. Não consigo.

Ela olha para o chão e eu estendo a mão para tocar seu queixo. Ela dá um sobressalto com meu toque e seria menos dolorido levar uma facada no coração do que vê-la com medo de mim.

— Eu jamais a machucaria.

Os ombros dela tremem e ela usa a mão para empurrar meu braço.

— Eu preciso que você vá embora. Preciso que você dê meia-volta e saia. Por favor, se liga tanto quanto diz, se esqueça da gente.

— Você não pode mantê-la longe de mim, Blair. — Por acaso, ela espera que eu esqueça que tenho uma filha? Saí hoje de manhã

para encontrar Blair. Passei a noite toda me revirando na cama com ela em meus pensamentos. Quando o sol nasceu, sabia que ia procurá-la. Queria que ela soubesse que eu estava aqui, mesmo que tivesse seguido adiante, queria dizer que sinto muito, que nunca parei de pensar nela. Eu quero que ela saiba que eu a amo, acho que desde a nossa primeira noite juntos. Talvez até antes disso.

Jamais imaginei que ela sairia de casa com um bebê nos braços. Depois do baque, dirigi por um tempo, seguindo-a até cada parada, tentando acreditar no que estava vendo.

— Eu sou o pai dela, Blair, eu mereço conhecê-la. Eu mereço ser parte da vida dela, mesmo que não possa ser parte da sua. Não dá para fingir que ela não existe.

— Não é de você que eu a protejo. — Ela finalmente olha para mim, aumentando a voz. — É da sua família, da vida que você vive que quero mantê-la segura. Eles não podem saber sobre ela ou onde nós estamos. Não vou deixar nenhum de vocês machucá-la.

— Eu jamais permitiria que isso acontecesse.

Ela ri sarcástica e eu entendo de onde vem essa reação. Já havia prometido segurança a ela uma vez, e minha família estragou tudo.

— Eu disse que essa parte da minha vida acabou. Não sou o mesmo cara de antes.

— Bom, me perdoe por não acreditar em você.

Vejo-a se virar para nossa filha e soltar a fivela que a prende no carrinho. Quando ela ergue Isabelle e a coloca no peito, eu seguro a vontade de me aproximar. Neste momento, é como se tudo que eu sempre quis fosse segurar minha filha. Ela é uma parte de mim, de Blair, mesmo que a mãe não queira admitir que ela tenha sido concebida por duas pessoas que, a certo ponto, gostaram muito uma da outra.

Antes que eu consiga entender o que está acontecendo, Blair passa por mim, deixando o carrinho cheio de compras para trás. Eu fico dividido entre ir atrás dela e garantir que não tenha nada no carrinho de que minha filha precise.

Então, me dou conta da situação e vou atrás dela, correndo para alcançá-la.

— Blair, espera. — Ela nem sequer pausa. Aqueles ao nosso redor nos observam confusos, enquanto eu a sigo. Ela passa por alguém antes de sair que pergunta se ela está bem e recebe uma confirmação. Claro, a moça me fuzila com o olhar quando passo por ela, como se eu fosse o próprio diabo. Mas não tenho tempo para ligar para isso. Só ligo para as duas fugindo de mim. Por sorte, Blair precisa de tempo para colocar Isabelle no bebê conforto antes de sair, o que me dá uma chance de alcançá-la.

Eu fico ao lado dela, esperando-a deixar nossa filha segura com o cinto antes de distraí-la. Mas não imaginava que ela se viraria para mim.

Estamos no meio do estacionamento, pessoas se aglomerando ao nosso redor e ela me empurra com raiva. Lágrimas escorrem das suas bochechas, narinas dilatadas.

— Nos deixe em paz! — grita, socando meu peito, e eu não faço nada para impedi-la. — Estamos seguras aqui, ela está segura. Isabelle nunca vai ser parte da sua família, parte da vida nojenta que você tem. Ela é minha e não vou deixar você machucá-la.

Eu a seguro pelos pulsos e me abaixo para ficar na mesma altura de seus olhos.

— Eu jamais machucaria a ela ou a você.

Seus ombros tremem tentando conter os soluços. Os olhos de Blair estão vermelhos e inchados, as bochechas, reluzindo com as lágrimas que caíram.

— Me perdoe pelo que minha família fez com você, pelo papel que eu tive naquela farsa. Mas, porra, Blair, você tem que saber que eu nunca quis que Gabe te machucasse. Se eu não estivesse no escritório do meu pai com duas armas apontadas para mim, teria ido até você no mesmo instante. Ter que esperar sem saber o que diabos estava acontecendo com você foi a pior sensação que já tive na vida. Mas não tinha como ajudá-la estando morto.

Seu lábio trêmulo me faz sentir tão impotente, como se estivesse sendo partido ao meio. Sinto outra remessa de ódio contra meu irmão e contra meu pai, por mandá-lo atrás dela para início de conversa, fazendo minhas mãos tremerem de raiva.

Não ligo mais para seus ataques e puxo-a para meu peito.

— Estão todos atrás das grades, presos pelo sofrimento que causaram. Eu fiz isso acontecer, fiz com que eles pagassem não só pelo que fizeram com você, mas com todos os outros que se envolveram no mundo deles.

Blair se debate nos meus braços, mas eu a seguro ainda mais, precisando dela perto de mim.

— Quase morri sabendo que não conseguia ir até você. Eu queria matá-lo pelo que podia estar fazendo. — Faço uma pausa e ela relaxa contra mim. — Quase o matei.

Ela respira trêmula e eu me deixo relaxar só um pouquinho.

— Aquele dia que você saiu com a Whitney, a última vez que te vi, eu entreguei minha família para a polícia. Implorei por ajuda antes de matá-los todos sozinho. Eu queria vingança contra meu pai e meu irmão. Queria que eles sofressem — sussurro no ouvido dela, olhando para minha filha sentadinha quieta no carro, nos olhando. Mesmo nesta situação, não consigo segurar o sorriso que se abre em

meu rosto. Eu sou pai. — Eu fui sincero, Blair. — Fecho os olhos, apenas por um segundo, antes de olhar outra vez para nossa garotinha. — Não sou o mesmo homem, não vou dar para trás. Aquele mundo acabou. Para mim, as únicas duas pessoas que importam de agora em diante são você e Isabelle.



— Você é pai? — Sadie pergunta maravilhada, se sentando ao meu lado na cama do hotel. Ela parece tão chocada quanto eu. — E Blair é mãe?

— Aham. — Um sorriso se abre em meus lábios quando penso naquela bebezinha morena. — E ela é perfeita. — Na verdade, perfeita é pouco. — Não dá para negar que ela é minha, tem a minha cara. Mesma cor de cabelo, mesmos olhos. Sério, até o narizinho dela é uma réplica do meu, só que menor.

— Minha nossa.

— Com certeza. — Eu dou uma risada e vejo Sadie olhando para o nada e matutando todas as novidades que contei para ela. — No início, fiquei puto, sentado no carro vendo Blair colocar uma bebezinha no bebê conforto. Fiquei enfurecido com a chance de ela ter tido uma filha com outro cara, com o cara que vimos. Eu sabia que não tinha o direito de ficar brabo, mas, porra, não queria admitir que não tinha chance nenhuma. Me senti derrotado, enxotado da vida que eu queria. Primeiro, minha família me tirou a chance de ser feliz, depois veio um estranho, amou minha mulher e faz uma filha com ela. Mas quanto mais eu a seguia, mais eu conseguia ver a garotinha e foi como se eu tivesse perdido o chão. Entrei na loja e dei uma olhada mais de perto e foi ali que eu soube que ela era minha. Apesar da raiva por Blair tê-la escondido de mim, a felicidade foi muito maior. — De novo, eu sorrio. — Eu sou pai. — Balanço a cabeça e dou risada. — Ela é meu recomeço, Sadie. Isabelle é meu novo início.

— Mas e a Blair?

Passo a mão nos cabelos, puxando os fios da nuca.

— Em um mundo perfeito, ela seria capaz de deixar para lá tudo que aconteceu e me perdoar. Lidaríamos com as coisas que tivemos que enfrentar e acharíamos um jeito de criar nossa filha juntos. Mas não sei se essa é a realidade. Tem também a questão do cara com ela, de quem ela ainda não falou nada e com quem negou ter uma ligação quando mencionei. O que eu sei é que nada vai me impedir de ser parte da vida da minha filha. Vamos ficar aqui Sadie, mesmo ela não querendo. Eu não vou ir embora e perder outro minuto da vida da Isabelle. Já perdi demais.

— Talvez eu devesse ir...

— Você fica. — Eu pego a mão dela e aperto. — Eu já liguei para Farris e avisei onde vou estar. Com sorte, vou conseguir um emprego pelo Condado de Polk ou na cidade de Ankeny. Seja o que for, não me importo, porque vou estar junto da minha menina. E eu disse a verdade quando falei que estaria aqui por você, sempre. Não vamos voltar para aquela vida, nem eu, nem você. Estamos em casa.

Capítulo 23

Blair

— Que história é essa de “Jake voltou”? — Whitney diz possessa e eu consigo ver as faíscas saindo de seus olhos.

— Ele está aqui, em Ankeny.

Ela caminha de um lado para o outro na frente do sofá, sacudindo as mãos, abrindo a boca para falar e logo depois fechando de novo. Suas bochechas vermelhas são um sinal de que a pressão está subindo e eu tento não rir. Porque, sinceramente, nada nessa situação é engraçada, mas a cara dela está ridícula.

Resumi o que aconteceu com Jake, dentro e fora da loja. Pelo visto, uma amiga da Marcy assistiu tudo de camarote, e até eu chegar em casa, Will e Warren foram esperar na frente da minha. Pouco depois, Whitney parou no acostamento e praticamente pulou do carro em movimento.

Agora, estão todos aqui, observando e esperando minha reação. Os dois rapazes não parecem nem um pouco contentes, na verdade, parecem em estado de alerta. Os dois emanando ares de irmão mais velho.

— Então, vocês vão nos contar quem diabos é esse cara?

— O pai da Isabelle. — Whitney joga as mãos para cima, se virando para olhar o irmão. — Ele é um mentiroso e a família dele é maluca. São gente do pior tipo, e a última coisa de que precisamos é que eles façam parte da vida da Isabelle.

— Ele disse que estão na cadeia. — Whitney se vira de novo para olhar para mim dessa vez. Os três me encaram em silêncio. — Disse que, naquele último dia em que o vimos fora do meu apartamento, as coisas mudaram. Naquele dia em que transportamos as minhas coisas. — Whitney assente, indicando que se lembra. — Ele falou que foi direto para a polícia e pediu a ajuda deles para garantir que todos pagassem pelo que fizeram.

— E você acredita nele? — Whitney pergunta agitada, mas ela passou por tudo isso ao meu lado e sabe bem o que aconteceu. Nas

noites em que peguei no sono chorando, foi ela me abraçou, que ouviu palavra por palavra, mais de uma vez, minha recapitulação do que Gabe fez comigo naquela noite fora do bar.

— Não sei. — Ela parece desapontada com a possibilidade de eu acreditar nele. — Mas que bom que eu tenho uma pessoa que pode ir atrás de respostas. Alguém que pode descobrir se ele está dizendo a verdade. — Eu me viro para Warren, e ele me olha desconfiado. — Antes de automaticamente presumirem que ele está aqui para me machucar, não faria isso por mim?

— Eu não gosto nadica de nada dessa história, Blair. — Warren é, e sempre foi, o mais quieto dos irmãos. Mas, quando ele estiver descontente com alguma coisa, você vai saber. Às vezes, o seu silêncio me deixa inquieta, porque eu sei que estão rolando mil planos na sua cabeça. — E daí se ele foi responsável por colocar a família atrás das grades? E daí se ele está aqui agora, dizendo justamente o que acha que você deve ouvir? Mesmo assim ele vai te machucar. Deixou que aqueles animais te machucassem, por mais que você não queira dizer como. Nada disso soa certo para mim. Por mim, ele dava o fora.

— Por mim, também — Will fala antes que eu possa concordar ou discordar. — E não quero que você e Isabelle fiquem aqui sozinhas. Acho que você deveria arrumar uma mala e vir para minha casa ou ficar com nossos pais até Warren conferir essa história.

— Vocês são uns exagerados.

— Não, — Warren se levanta apressado. — Somos cuidadosos.

— E eu sou uma adulta capaz de fazer as próprias escolhas. — Os dois me olham desconfiados, como se desse para me intimidar até eu concordar. — Vamos ficar bem.

— Então eu vou dormir no sofá. — Will se joga e espreguiça os braços em cima do encosto do sofá, se acomodando e eu dou risada.

— Não vai, não.

O silêncio paira sobre nós. Whitney olha para os dois irmãos, esquecida por entre a testosterona correndo solta na sala. Will e Warren continuam em uma conversa silenciosa usando apenas expressões faciais. Quem olhasse de fora acharia tudo muito cômico, mas eu sei que estão planejando alguma coisa que eu vou acabar odiando no final.

— Qual é o nome dele? — Warren pergunta, enfim, cruzando os braços. — E o da família, também.

— Gunther é o sobrenome. — Relaxo apenas um pouquinho, sabendo que Warren vai fazer o que pedi. — Zeke, Gabe e Jake. — Pauso, vindo à mente uma lembrança de Gabe daquela noite. — Cyrus. — Só de falar o nome minha boca fica ácida. É um nome que me faz lembrar do lado de Jake que preferia não conhecer. — Seu nome é Cyrus, mas ele usa o nome Jake.

De novo, Warren olha para Will e pega as chaves, saindo brabo pela porta. Ele a bate com mais força que o necessário.

— Acho bom você abastecer a geladeira com minha cerveja favorita — Will afirma convicto, pegando o controle da televisão. — Ah, prepare uma desculpa para Marcy para eu não voltar para casa hoje.

— Você não vai dormir a noite toda no sofá. — É minha vez de pôr as mãos no quadril.

— Não. — Sinto um alívio no peito. Isto é, até ele continuar: — Vou ficar até Warren voltar, ele vai dormir no sofá para que eu possa ficar com minha esposa. A esposa dele trabalha no hospital hoje à noite, então ele tá livre.

— Vocês dois são tão... — eu rosno, batendo o pé frustrada como uma criança de dois anos. — Meu Deus, vocês precisam parar com isso.

— Nem pensar. — Ele não cedeu, eu já devia esperar. Os irmãos Flannigan são bem cabeça-dura. Em vez disso, vou para o quarto como uma adolescente contrariada e fecho a porta atrás de mim.

Malditos sejam os homens. Todos eles.



Acordo com o som da Isabelle chiando. Olho para o relógio na mesa de cabeceira e entro em pânico quando vejo que são quase oito da noite.

Empurro as cobertas e me frustro com o emaranhado nas minhas pernas que quase me derruba da cama. Dá para ouvir o som dos homens conversando quando dou a volta no corredor e encontro não só Will, mas Warren e Trevor também. No chão perto do sofá, Whitney está sentada com Isabelle, balançando-a na cadeirinha de descanso.

— O que foi? — Todos se viram para me encarar agora que não estou mais escondida no quarto. — Por que estão me olhando desse jeito?

— Eu, bem... — Warren se atrapalha com as palavras e sinto um frio na barriga. Coisa boa não é. — Ele não estava mentindo sobre a família, Blair. Nem sobre seu envolvimento na prisão deles. — De repente, fica difícil de respirar. — Ele é policial. — *Quê?* — Novato, recém-contratado. Tipo, faz duas semanas que está trabalhando, mas de licença da delegacia de Chicago. Pelo visto, ele tem contatos influentes e, depois de bisbilhotar um pouco, descobri que pedi transferência para o Condado de Polk e para o departamento de polícia da cidade.

— O quê? — Sinto como se tivesse sido transportada para um mundo de fantasia.

— Ele não só trabalhou com a polícia para derrubar a família e a rede criminosa, ele também se juntou à equipe. Seu nome legal é Jake, não há mais nenhum Cyrus Gunther. Ele fez a troca.

Eu me encosto na parede para não desabar no chão, assimilando essas informações. *Ele é policial?*

— Está hospedado na pousada Holiday, duas semanas de estadia pagas. — Warren continua falando, mas não olho para ele. Minha cabeça gira com toda a informação que ele me trouxe. Nada disso parece real. Como pode alguém sair de um lado da lei para o outro?

— Eu queria dizer para você ficar longe dele — Will diz, parando na minha frente e se ajoelhando para ficar na altura dos meus olhos. — Mas sei que não posso. Algo me diz que ele não vai desistir e suponho que se eu estivesse no lugar dele e alguém falasse para ficar longe da Marcy e do Matthew, eu também não daria bola. Porque não há nada nem ninguém capaz de me manter longe. Uma parte de mim quer ter empatia por esse cara, mas não vou mentir para você, Blair, estou receoso.

— Eu também. — Ele parece satisfeito com minha confissão e me puxa para um abraço.

— Não importa o que aconteça, lembre-se de que estou aqui. Todos nós estamos.

— Tem mais uma coisa que você precisa saber, Blair. — Warren põe a mão no meu ombro, chamando minha atenção quando Will se afasta. — Ele não está no hotel sozinho. — Sinto meu corpo ficar gelado. — Tem uma mulher com ele.

Não tenho o direito de me importar, sei disso. Jake não é meu e acho que nunca foi. Mas saber que, se ele for parte da vida da Isabelle a mulher com ele também será e isso me incomoda mais do que tudo. Já vai ser difícil dividir minha filha com ele, não sei se consigo dividi-la com essa namorada também.

Capítulo 24

Jake

— *Uma filha* — Farris repete pela terceira vez e consigo imaginá-lo balançando a cabeça sem acreditar. — *Aposto que foi um baita choque, isso sim. Você foi lá atrás de uma mulher e agora tem uma filha também.*

— Então me diga que tem boas notícias para mim. — Eu me sento na espreguiçadeira de frente à piscina, observando Sadie fazer outra volta. Ela vem para a piscina quase todos os dias no mesmo horário desde que chegamos. Por uma hora, nada de um lado para o outro, com poucos intervalos entre cada volta. Parece terapêutico, então não faço questão de perguntar.

— *Dizem que o Condado de Polk vai abrir uma vaga.* — Farris é meu informante, já que tem diversos amigos e membros da família nos departamentos de polícia dos Estados Unidos. É muito bom quando os amigos têm uma vasta rede de contatos. — *Dois caras estão para se aposentar, mas preciso que você espere um pouquinho. Pelo visto, há um impedimento.*

— Que tipo de impedimento?

Ele suspira fundo e eu ouço o som de papéis folheados através do telefone.

— *Você conhece um cara chamado Warren Flannigan?* — Só o nome já acende alertas vermelhos na minha cabeça.

— Flannigan é o sobrenome da melhor amiga da Blair. — Não deve ser coisa boa.

— *Isso explica por que o cara anda metendo o nariz no seu passado.* — Sim, explica. — *Pelo visto, sua garota também tem contatos.*

Eu sorrio; se ela perdeu tempo averiguando o que eu falei, não me descartou completamente ainda.

Olho para cima a tempo de ver Sadie saindo da piscina e vindo na minha direção. Ela está com uma aparência muito melhor do que a que tinha na cidade, mais viva, corada. Ela também ganhou um peso necessário, mas não ousa comentar. Não parece mais aquela garota

frágil e sem vida de um ano atrás. Ela tem um brilho no olhar.

Seguro a toalha para ela, que a pega e balança a cabeça, jogando a água do cabelo molhado para os lados. Eu pulo da cadeira, arrastando-a para trás, e ela ri.

— Frouxo — murmura, saindo em direção ao nosso quarto.

— *Como vai a Sadie?* — Percebi que Farris anda perguntando bastante sobre ela. Eles tiveram um casinho na cidade. Nenhum dos dois admite, mas é óbvio.

— Por que você não vem nos visitar em Iowa e descobre? — Ele não responde de primeira, mas dá para ouvir o sorriso no rosto quando diz:

— *Veremos.*

Desligo a ligação depois que ele me garante que está fazendo o possível para conseguir um lugar para mim no departamento do Condado de Polk. Se não funcionar, vou procurar outro emprego, porque uma coisa é certa: eu não vou a lugar nenhum. Agora que sei que tenho uma filha, encontrei meu lar. Onde ela estiver. O que quer dizer que é hora de encontrar uma residência permanente que não seja a pousada Holiday.

Passo pelo quarto de Sadie e vou para minha porta. Apesar de geralmente deixarmos aberta a porta que conecta nossos quartos, há momentos em que precisamos de privacidade. Aproximo o cartão da fechadura da porta, mas de repente paro e olho para a esquerda.

A alguns passos de distância, Blair, olhando para mim reticente.

— Talvez eu não devesse ter vindo, mas...

— Não — interrompo, — tudo bem. — Abro a porta do quarto e faço sinal para entrar. — Vamos lá para dentro. Teremos mais privacidade.

De novo Blair hesita, olhando para a porta aberta como se achasse seria um grande erro passar pelo batente.

— Só conversar.

Nossos olhares se encontram e, depois de respirar um pouco, seus ombros relaxam e ela aceita minha proposta.

Tento não olhar seu traseiro quando ela entra no quarto, mas é como se a força da gravidade me atraísse. Lembro-me de uma época em que poderia puxá-la para perto quando quisesse. Que saudade daqueles momentos.

— Desculpe a bagunça. — Entro apressado atrás dela, recolhendo depressa as roupas espalhadas pelo quarto. Sou péssimo em organização, mas, em minha defesa, não havia mais ninguém no meu quarto senão Sadie e eu e ela não conta. — Aqui. — Faço sinal para a cadeira visível no canto do quarto. — Sente-se.

Ela senta, mas cuidadosa.

— Que surpresa ver você aqui. — Eu me sento na cama na frente dela. — Não me lembro de ter lhe dito onde estava ficando. — Ela olha para tudo, menos para mim, mas é tarde demais: já percebi o desconforto em seus olhos. — Quem é o cara que você arranjou para me espionar?

— Na verdade, foi para garantir que você estivesse dizendo a verdade. — Blair ergue o rosto e me encara, dando de ombros. — Mas, respondendo à pergunta é o irmão da Whitney. Ele trabalha para o departamento de polícia do Condado de Polk.

Eu aceno com a cabeça.

— Com isso, ele também descobriu que você é policial agora. — Ela arqueia a sobancelha a reação me faz rir. — E, claro, que você estava ficando aqui, neste hotel.

De novo ela olha para longe, evitando dizer algo a mais.

— Então ele também lhe disse que eu pedi transferência para Iowa? — Ela assente desta vez, olhando para o colo em vez de para mim. — Saiba que, se isso não funcionar, vou procurar outro trabalho fora da polícia, porque não pretendo sair daqui. A não ser que você e Isabelle saiam.

— Esse é nosso lar.

— Então, é o meu também. — Nós nos entreolhamos, esperando que o outro ceda primeiro. Uma batida alta e irritante na porta que une os quartos interrompe o transe.

— Vamos, Jake, — a voz de Sadie é abafada pela porta, mas dá para ouvi-la com clareza. — Tô morta de fome depois do exercício que fiz e é você que vai me alimentar. — Estou ciente do duplo-sentido nas palavras dela. O passado mal resolvido de Sadie e Blair dificulta a situação.

— Desculpe, — Blair se levanta depressa, caminhando até a porta. — Acho que devo ir embora.

— Não. — Eu estendo o braço e pego sua mão e ela para de costas para mim. — Você não precisa ir.

Outra batida na porta soa pelo quarto.

— Me dê comida ou serei obrigada a pedir lanche de todos os restaurantes da cidade com seu cartão de crédito — Sadie grita. — A escolha é sua.

— Olha, acho que é melhor. — Vejo a forma como Blair observa a porta entre nós e Sadie. Então ela vira o rosto e olha para nossas mãos unidas por cima do ombro. — Sinceramente, nem sei por que vim aqui.

— Mas alguma coisa te trouxe aqui.

O silêncio paira entre nós de novo e, devagar, ela solta minha mão e cruza os braços. Ela se vira, olhando para mim com tanta determinação que um vazio se abre no meu estômago.

— Não posso impedi-lo de ver Isabelle. — Blair inspira fundo, trêmula. — Nem penso em tentar. — Sinto um alívio me consumindo. — Mas vou insistir na segurança dela e das pessoas que se tornarem parte da vida dela junto com você.

— Eu tenho esse direito também, sabia? — Ela semicerra os olhos e eu reconheço sua cara de quando fica irritada. — O direito de protegê-la dos caras que você trouxe para a vida dela. — Eu sei ao que ela se refere quando diz que vai bater o pé em relação a quem se envolverá com Isabelle. Tem a ver com a voz atrás da porta que ouviu há poucos minutos, ela só não quer admitir. Então, eu também me deixo entender.

— Bom, ainda bem que os únicos homens na vida dela são o avô e os tios, — ela responde. O alívio continua crescendo. — A Isabelle vem em primeiro lugar, desde que o dia em que nasceu. Eu jamais poria uma pessoa na vida dela que eu não achasse que merecesse. Isso não vai mudar.

Ela abre a porta do quarto e sai para o corredor, comigo logo atrás. Percebo o jeito como ela olha em direção à porta da Sadie antes de rapidamente baixar a cabeça para esconder o interesse.

— Quando posso vê-la? — pergunto.

— Eu trabalho hoje à noite. — Ela respira fundo, os ombros erguendo e relaxando. — Saio às sete. Se você me encontrar no trabalho, posso pedir para o Will levá-la.

— Will?

Ela dá um sorrisinho de canto.

— O irmão mais velho de Whitney. Ele e a esposa ficam com Isabelle quando ela não pode. — Lá se vai mais da minha tensão. — Às vezes ela fica com os pais da Whitney. Eles são a única família que eu já tive, portanto são a família dela também.

Eu sei muito pouco da infância da Blair. Ela sempre relutou em dividir detalhes do passado comigo: suponho que não haja muitas boas memórias para contar. Mas uma coisa é certa: ela falava muito dos pais da Whitney e de como foram bons com ela, então me sinto em paz sabendo que eles são parte da vida da minha filha. O fato é que nenhum de nós tem uma família para dar para Isabelle, então essas pessoas são as substitutas perfeitas.

— No Spencer as sete, — confirmo assentindo.

— Eu sei que não tenho o direito de pedir isso, mas, por ora, podemos esperar para apresentar sua namorada para nossa filha? — Ela provavelmente não queria que eu visse o jeito como suas narinas dilataram ao dizer a palavra “namorada”, mas eu vi. É o suficiente para me dar esperança. — Sei que ela é pequena demais para reconhecer a tensão entre nós, mas tudo nessa situação já é sobrecarga demais, e eu acho que... — Ela para, sem saber como continuar.

— Eu vou sozinho — digo, erguendo o rosto dela pelo queixo, forçando-a a olhar para mim. — Mas, só para deixar bem claro, ela não é minha namorada, só uma amiga próxima. — Apesar de ela assentir, eu percebo a relutância no gesto. — Tá mais para uma irmã.

— Não é problema meu. — Ela dá um passo para trás, livrando o rosto da minha mão. — Só não quero que haja mais constrangimento.

Capítulo 25

Blair

Deixo cair o prato, que bate no balcão e derruba os talheres. O barulho ecoa pelo pequeno ambiente, fazendo a queda parecer bem mais barulhenta.

— Por acaso você se banhou em óleo de bebê antes de vir?

Continuo olhando para o balcão cinza quando Krista para ao meu lado. Passei meu turno todo um caco e pioro a cada segundo.

— Estou distraída hoje, só isso.

— Distraída é pouco — ela diz, rindo. — Wilber disse que vai grudar azulejos antiderrapantes nas suas mãos para ver se você para de derrubar as coisas. — Wilbur é nosso chefe de setenta e dois anos, um cara muito legal. Ele é como um avô para nós, que nos mima e nunca fica bravo, mesmo quando deveria. — Graças a Deus seu turno termina em uma hora.

Ela sai depressa depois de pegar o que precisava e eu olho para o relógio, confirmando o que ela falou. Quarenta e oito minutos... é o tempo que tenho até apresentar Isabelle para o pai. O momento em que ele a viu há alguns dias é uma confusão na minha mente.

Acho que é o desconhecido que me aterroriza tanto. O que faremos agora? Como vou dividi-la com ele?

— Ele chegou. — Eu me viro e derrubo um garfo no chão. Krista para atrás de mim, sobranceiras arqueadas, olhando para o chão entre nós. Diversos talheres caídos aos meus pés, mãos trêmulas e, invisível a todos, meu estômago todo embrulhado. Não só o estômago, tudo dentro de mim está embrulhado, a ponto de eu querer me curvar no chão.

— Quem chegou? — Sei que ela se refere a Jake, mas torço que, por algum milagre, ela esteja falando de Will ou de outra pessoa.

Krista pega meus braços.

— Antes de mais nada, você tem que se acalmar.

Eu aceno com a cabeça, mas continuo tudo, menos calma.

— Jake acabou de se sentar na sua zona e Carol levou uma

bebida para ele. — Aceno de novo.

— Ele está sozinho?

— Sim. — Ela sorri, porque me conhece muito bem. — Isso tudo é porque você está nervosa de deixá-lo ver a pequena? Ou porque está preocupada que ele tenha outra pessoa e você seja obrigada a assistir os dois?

— Por causa da Isabelle — digo, mas sei bem que as palavras soam como uma pergunta. — Tá, um pouco dos dois. — Meus ombros caem, meu coração bate acelerado, de repente eu me sinto exausta. — Não posso me permitir sentir as coisas que estou sentindo, não por ele. Não depois de tudo que aconteceu.

Krista não diz nada, deixa que eu continue meu monólogo.

— Ele não pode simplesmente aparecer aqui um ano depois e esperar que voltemos ao que tínhamos antes de tudo dar errado. Ele mentiu, fingiu ser outra pessoa, não posso esquecer isso. Ter uma filha não muda nada, virar policial, mudar de vida, isso não muda o passado. Não tem como mudar o passado. Né?

— Não é para mim que você deve perguntar, Blair. — Krista nunca me deixa escapar da verdade. — É você que tem as respostas para essas perguntas, meu bem. É a sua vida e a de Isabelle em jogo.

Eu odeio que não haja uma solução fácil para essa bagunça, mas entendo o que ela quer dizer. Sou eu que sofro com as memórias do que aconteceu, com o medo. Eu que fui injustiçada. Eu que decido.

— Ele veio pela Isabelle — digo com firmeza, me endireitando e enrijecendo os ombros. — Não tem a ver comigo ou com ele. Tem a ver com dar a minha filha a chance de conhecer o pai e criar um vínculo com ele. Nada mais importa.

Ignoro sua expressão de “tem certeza” de sempre. Eu me abaixo e recolho a bagunça, limpando o que derramou no chão e jogando o pano e o resto na cesta.

— Tenho clientes para servir — digo por cima do ombro, saindo pelas portas vaivém para a área do restaurante.

Imediatamente meus olhos o encontram, como se fosse a única pessoa na minha zona. Parecendo sentir minha presença, ele ergue o rosto e abre um sorriso na hora. Ainda guardo rancor, guardo a mágoa por ele não ter sido honesto desde o início, mas nada é capaz de amenizar a atração que sinto por esse homem. Na primeira vez em que o vi no balcão do Miller, juro que ele pôs a mão no meu peito e capturou meu coração. Eu quero odiá-lo, garantir que o que senti por ele jamais volte, mas sei, neste momento, que vai ser difícil me manter firme.

Obrigo minhas pernas a caminharem, mas a cada passo meu estômago fica mais contraído.

— Desculpe, sei que estou adiantado. — Ele não me deixa falar

nada quando paro ao lado da mesa. — Tentei passar as horas dirigindo pela cidade, até visitei umas casas com um corretor.

Ele já tinha mencionado que procuraria uma residência permanente aqui na cidade, mas ouvir de novo provoca minha ansiedade.

— Mas daí eu acabei vindo para cá e foi difícil esperar no carro por mais de uma hora, então cá estou. — Jake dá de ombros, se reclinando no assento e jogando o braço por cima do encosto do banco.

Passei o percurso até a mesa repetindo na mente as palavras que eu queria dizer, mas de repente não me lembro mais. Em vez de falar algo, fico lá parada, certa de que pareço uma tola olhando para ele.

— Acho que vou comer alguma coisa. — Ele aponta para o menu em cima da mesa. — O que recomenda?

— Tanto faz, — minha voz oscila. As sobrancelhas dele se erguem e a testa enrugua. Eu pigarreio, tirando o bloco de notas do avental e me concentrando nele. — Não dá para confiar na minha opinião, porque Wilber é meu chefe favorito de todos e eu jamais diria coisa ruim sobre ele ou o cardápio. — *Escolha qualquer coisa de uma vez.*

— Nesse caso, eu vou querer... — Os lábios se mexem, mas eu não ouço nada. Ou até ouço, mas o cérebro não registra. — E posso pedir um extra de pimenta-jalapenho junto? Só frango, sem camarão.

Cedo ou tarde, o cara vai perceber que eu estava encarando sua boca, seus olhos, suas mãos, então aceno com a cabeça e olho para o bloquinho.

— As *fajitas* são minhas favoritas. — Olho para o lado e vejo Carol, colocando um chá gelado na mesa. Ela me dá uma piscadinha e sinto minhas bochechas corando. Com certeza, ela sacou meu problema. Fico agradecida de ela ter vindo me salvar, assim não preciso dizer para Jake repetir. Pior seria trazer algo que ele nem pediu.

— Vou repassar o pedido. — Eu me afasto e deixo os dois conversando. Em algum momento, todos na cidade vão saber quem ele é para mim e minha filha. É uma questão de tempo.

Pelos próximos trinta minutos, faço o possível para ignorar a presença de Jake. Atendo os outros clientes como se meu mundo não estivesse prestes a mudar. Continuo sorrindo, apesar de forçado. Rio com os outros clientes que contam histórias engraçadas ou piadas. Até faço questão de perguntar como vão as coisas, indo de uma mesa para a outra.

Cinco minutos antes do turno terminar, olho para a porta a tempo de ver Will e Marcy entrando, com Matthew e Isabelle junto.

Eles param perto da porta, olham para trás, e Shawn entra em seguida.

Meu coração despenca do peito.

Já que ele conhece os rapazes, viu Isabelle algumas vezes. Então, quando ele se inclina para conversar e acariciar a bochecha dela, olho de imediato para Jake para ver se ele percebeu.

A forma como ele dilata as narinas naquela direção confirmam que ele definitivamente percebeu.

— Ela é a cara da mamãe. — Dou um sobressalto ao ouvir a voz de Shawn. Nem percebi que eles se aproximaram. Só me vem à cabeça que ele é um completo idiota. Tirando o mindinho curvado, Isabelle não se parece nem um pouco comigo.

Shawn coloca a mão no meu quadril e se inclina, estalando um beijo na minha bochecha. O gesto me desconcerta, e eu arregalo os olhos surpresa.

— Contamos para o Shawn que o pai da Isabelle está na cidade — Marcy diz com uma expressão que pede mil desculpas. — Ele resolveu vir junto para ver se conseguia falar com você antes de sair.

— Você anda evitando meus convites para um segundo encontro. — Shawn sorri, mas o que eu quero é dar um soco na cara dele. Como pode existir uma pessoa tão obtusa?

Não dá tempo de recusar. Nem preciso me virar para saber que Jake está atrás de mim. Will, Marcy e até mesmo o Shawn estão olhando por cima do meu ombro.

— Eu sou Jake. — Aquela voz rouca e profunda ressoa e me cobre como um cobertor. — O papai dessa belezinha aqui. — Ele aponta para Isabelle, aninhada no peito de Will.

Shawn fica ali deslocado, com um olhar descontente no rosto. Ele parece achar que, quando se trata de mim e Isabelle, tem mais prioridade do que Jake.

— Eu sou Will. Acredito que você conhece minha irmã, Whitney.

— Sim. — Jake aperta a mão que Will ofereceu com firmeza.

— Essa é minha esposa, Marcy, e nosso filho, Matthew.

— Prazer em conhecê-los. — Jake se aproxima, e eu sinto o calor do seu corpo ao meu lado. Marcy abre um sorriso e encontra meu olhar, balançando as sobranceiras. *Sim, eu sei que ele é agradável, agradável aos olhos.*

— Eu sou Shawn. — Ele vira o corpo em confronto com Jake e acena na minha direção. — Sou um amigo *íntimo* da Blair. — Desta vez, eu que olho desconfiada para Shawn. Ele não pode estar falando sério. — Engraçado que ela nunca sequer mencionou o pai da Isabelle. Só disse que ele não estava mais na jogada.

— Shawn, eu...

— Eu definitivamente estou na jogada, — o tom de voz de Jake de repente me faz lembrar de outra voz, uma que não é dele. Fico coberta de calafrios, me sentindo de volta naquela noite horrível que aconteceu um ano atrás. Minhas mãos tremem, por mais que eu tente escondê-las. — E, se eu soubesse que tinha uma filha, teria aparecido muito antes.

Capítulo 26

Jake

Quem esse cara pensa que é? E ele realmente acha que essa tentativa patética de declará-la como sua vai funcionar? Estou pouco me fodendo para o relacionamento que ele tem com a Blair. Bem, eu ligo um pouquinho, mas neste momento ele não parece tão íntimo do grupo quanto está tentando demonstrar. A expressão na cara deles diz o contrário.

Consigo ver as mãos de Blair tremendo ao seu lado. Não é hora de fazer escândalo. Não é hora de mostrar para esse cara que pouco me lixo para o que ele pensa que tem que eu não tenho. Ele não tem nada.

— Agora que sei que tenho uma filha... — Coloco a mão no ombro da Blair e aperto suavemente. Ela relaxa ao meu toque, a confirmação de que estou certo. Esse cara não é nada demais. — Vim para ficar.

Will deve ter percebido o clima tenso, porque dá um passo à frente, escondendo Shawn de mim. A partir daí, só consigo ver Isabelle. Seus lindos e grandes olhos me encaram, enquanto ela mastiga os dedos inseridos na boca.

Sinto um aperto no peito ao vê-la, uma menina perfeita que não sabe nada do meu passado. Tudo que eu fiz, todas as palavras erradas que falei, nada disso importa. Essa é minha chance de consertar tudo. Ela é inocente e pura e minha. Aperto o ombro de Blair mais um pouco, lutando contra as emoções crescendo dentro de mim.

Eu quero pegá-la no colo, mas tenho tanto medo. Eu nunca me senti tão sensível na minha vida, a visão dela embaça conforme meus olhos enchem de lágrimas.

— Você quer segurá-la? — é Will quem pergunta e, mesmo sem ver com clareza, tudo que eu quero é segurá-la. Aceno com a cabeça e pisco, sentindo as lágrimas escorrendo pelas bochechas, e Isabelle é colocada em meus braços.

No meio do restaurante, damos um show para os fregueses, mas eu não estou nem aí. Este é meu momento, do qual não abro mão.

Eu a abraço e sinto a baba no meu pescoço. A única palavra que vem em mente é “minha”. Talvez seja errado, mas não ligo, apenas reajo. Coloco a mão livre no quadril da Blair e a puxo para perto, abraçando firme as duas pessoas mais importantes na minha vida.

— Obrigado — sussurro, não só para Blair por ter me dado uma dádiva tão preciosa, mas para Will e Marcy, pelo simples fato de amarem essa garotinha; minha filha.

— Vamos para um lugar mais reservado. — Não questiono quando Will de repente nos guia para os fundos do restaurante. — Wilber disse que podemos usar o escritório dele.

Olho para cima quando somos empurrados para dentro de um cômodo com uma mesa no centro e um sofá grande no canto.

— Disseram para levarem o tempo de que precisarem. — Aceno com gratidão, ainda sem querer soltar Blair ou minha garotinha.

Ouç o barulho da porta fechando atrás de nós, e Blair tenta se afastar, mas eu seguro apertado.

— Ainda não. — *Por favor, ainda não.* Quero segurá-las por todo o tempo do mundo. Quero compensar o tempo perdido, os momentos em que ela precisava de alguém e eu não estava lá. — Não tem como pôr em palavras o quanto eu me arrependo, — tento forçar as palavras, voz trêmula. — De tudo. Eu te machuquei, Blair. Eu devia ter lutado mais para mantê-la segura. Eu devia ter ido à polícia antes do que aconteceu. Eu jamais devia... — respiro fundo, Isabelle começando a se debater contra mim.

Solto Blair, mesmo sendo a última coisa que quero fazer.

Balanço minha filha gentilmente, me sentindo esquisito enquanto tento acalmá-la. Nunca segurei um bebê na vida. Nunca tive a oportunidade. Mas, com ela, existe uma pitada de naturalidade na estranheza. Talvez por eu saber que ela é parte de mim.

— Ela é incrível, Blair.

— É sim, — a voz dela treme e eu desvio a atenção da minha filha para ver os olhos de Blair vermelhos e molhados das lágrimas que escorrem. — Ela gosta quando batem nas costinhas. — Blair demonstra como confortar nossa filha com minha própria mão. — Eu canto para ela às vezes, bem, principalmente no carro, porque ela odeia ficar no bebê conforto, somente cantigas de criança. De noite, quando está escuro e ela tem dificuldade de pegar no sono, também canto ou converso com ela.

— Conversa? — pergunto quando ela se cala ao perceber o que disse. Ela acena com a cabeça. — Sobre o quê?

— Qualquer coisa. — Cruza os braços e observa nossa filha em vez de olhar para mim. — Tudo. — De novo, ela pausa. — Eu contei coisas sobre você. — Olha para mim. — Com exceção da parte que quero esquecer.

Sinto a culpa e o arrependimento tomando conta outra vez. Sei que o perdão que pedi há poucos minutos já foi esquecido. Que vai demorar. Falar sobre nossa filha é o mais importante. Por ora, não vejo problema, mas vou continuar dizendo como sinto muito quando ela não tiver outra escolha senão me escutar. Vou dizer todos os dias se for preciso, até que, de alguma forma, possamos deixar o passado para trás.

— Quando é o aniversário dela?

— Dezenove de janeiro. — Blair sorri, penteando o cabelo de Isabelle para trás e beijando sua testa. — Ela nasceu às duas e cinquenta e dois, quase dezoito horas de trabalho de parto.

Fecho os olhos para outra onda de arrependimento pelos momentos que perdi.

— Não quero perder nem mais um segundo da vida dela. — Gostaria de dizer o mesmo da vida de Blair, mas contenho as palavras... por ora.

— Então, como vamos fazer isso? — Entendo o que ela está perguntando, e seria tão fácil, neste instante, dizer que quero uma vida cheia de memórias apenas dela e de Isabelle. Seria fácil dizer que deveríamos esquecer o passado e começar de novo. Mas sei que é impossível. Se eu quiser isso, minha filha e ela e mais nada entre nós, tenho que fazer do jeito certo.

— Vamos descobrir — asseguro, pegando sua mão. Olhando para ela e Isabelle, me sinto mais repleto de amor e gratidão do que jamais senti com outras pessoas na vida. — Vou aceitar o que você me der, Blair, porque uma vida inteira não é tempo suficiente para amá-la do jeito que eu quero. Preciso que ela entenda o quanto eu já a amo, e esse amor só vai crescer a cada dia.

Sei que ela me entende, vejo o amor seus olhos enquanto observa nossa filha. Nós que fizemos isto, apesar de tudo estar desmoronando naquela época, criamos juntos esta mistura perfeita de nós dois. Criamos esta vida e posso garantir, com certeza absoluta, que farei de tudo para mantê-la segura. Para manter as duas seguras. Não vou fracassar. Não vou fracassar com Blair, não de novo.

Capítulo 27

Blair

— Foi bem intenso. — Whitney se senta no sofá ao meu lado e se vira para me encarar, dobrando as pernas na almofada. Ela me oferece uma taça de vinho e eu pego sem hesitar. Trago-a direto aos lábios e tomo um gole demorado, apreciando o sabor doce.

— Sempre fui honesta com você. — Aceno com a cabeça, porque é verdade. — A cena de hoje à noite tanto partiu como emendou meu coração. O jeito como ele a segurou como se fosse sua salvação, dava para ver em seus olhos, Blair. Foi amor à primeira vista.

— Eu sei. — As lágrimas embaçam minha visão e eu fecho os olhos, respirando fundo.

— E você também. — Abro os olhos de novo e a vejo me encarando. — Ele ama você também.

Balanço a cabeça.

— Você não viu o que eu vi. Ele fez merda, e a verdade é que não sei se serei capaz de perdoá-lo pelo papel que ele teve naquela bagunça. Mas não acredito nem um pouco que ele teve a intenção de te machucar. Acho que, de um jeito maluco, ele achou que a manteria segura se aceitasse a tarefa daquele pai doentio. Porque, se não fosse ele a aceitar, teria sido outro e nós duas sabemos que as coisas poderiam ter sido muito piores. Ele foi forçado a fazer a coisa errada ou permitir que uma garota inocente se perdesse em um mundo de destruição.

— Eu ainda assim me perdi. — Tomo outro gole de vinho, deixando o líquido aliviar minha garganta seca.

— Nós duas vimos a cara dele quando apareceu no meu apartamento naquela madrugada. — Ele estava horrível e meu coração se apertou pensando no que deve ter acontecido para deixá-lo naquele estado. — Claramente ele lutou contra alguém para ir até você.

Tudo que ela está dizendo é verdade, mas isso não diminui a

dor da traição.

— Não vou impedi-lo de ver nossa filha. — Não depois de tudo que vi. Ele a ama e, lá no fundo, sei que ele jamais a machucaria.

— E quanto a você?

— Por ora, é só o que posso oferecer a ele.

Ele ainda me faz lembrar de um tempo que preciso esquecer. Quando olho em seus olhos, por mais lindos que sejam, eles trazem à tona a expressão odiosa e insensível de Gabe. São olhos viciantes, ao mesmo tempo doces e brutais. Brutais porque são os mesmos olhos de um homem malvado. Doces porque são os mesmos olhos da nossa filha.

Whitney e eu permanecemos em silêncio, meu coração e mente batalhando um contra o outro sobre o que fazer a seguir — sobre como dividir Isabelle com ele sem perder a independência que construí. Uma grande parte de mim quer mais do que apenas dividi-la com Jake. Mas o medo, o desespero torturante, me leva de volta um ano atrás. Não quero ser aquela garota nunca mais.

— Will disse que Shawn tentou forçar um relacionamento. — Eu baixo a cabeça, segurando a risada. — Como se ele fosse seu dono ou algo assim. *Ela é minha, dá o fora*, só faltou bater no peito e mijar na sua perna.

— Foi tão ridículo. — Ergo o rosto e encontro seu olhar, seu sorriso. — Ele é um cara legal, sério. Mas, sinceramente, eu quero esmurrar seu irmão por me convencer a aceitar o primeiro encontro. Ele parece uma mosca que você não consegue matar.

— Will disse para meu pai que achou que ia precisar ser o árbitro de uma batalha entre conquistadores. — Consigo imaginar o pai deles sorrindo, enquanto Will contava a história para ele. — A única coisa que meu pai disse é que qualquer homem que se mete entre pai e filha merece uma surra.

— Parece mesmo algo que ele diria.

De novo o silêncio paira sobre nós, sentadas no escuro, bebendo vinho.

— Tem certeza de que está bem? — Aceno com a cabeça, mas não tenho certeza. Sinto como se fosse possível ficar bem algum dia, mas por enquanto estou dividida, sensível. — Não importa o que acontecer, a escolha que você fizer, saiba que estou do seu lado.

— Eu sei. — Ela sempre esteve.

— Vou para a cama. — Whitney se inclina e beija minha têmpora. — Eu te amo, Blair e amo aquela garotinha no outro quarto como se fosse minha. Não me importo com o que acontecer, nada nem ninguém vai passar por cima disso. Vocês duas vêm em primeiro lugar para mim, sempre.

Aquelas palavras tornam ainda mais difícil a luta contra o

vazio dentro de mim. Nunca fiquei tão confusa sobre o que fazer. Tem muita coisa em jogo, principalmente minha filha. Eu quero que ela tenha uma vida com pai e mãe amorosos, era algo que eu queria desde o começo. Mas nunca achei que pudesse virar realidade. Agora, estamos aqui, eu e o pai dela amando-a. Acrescente meus sentimentos instáveis por Jake e as coisas ficarão complicadas. Por ora, vou guardá-los dentro de mim e ignorar como isso é difícil quando ele está perto.

Por Isabelle, eu faço qualquer coisa.



— Vamos só passear pela quadra — Jake diz, colocando Isabelle no carrinho. — Prometo.

Ele olha para mim e percebo que ainda não disse nada. Estive apenas acenando com a cabeça o tempo todo, observando como ele é cuidadoso com nossa filha. O jeito que ele solta as perninhas dela antes de prender o cinto. Ele testa a alça em X no peito dela, não deixa sua segurança ao acaso. Eu me perdi totalmente nele entrando em modo protetor com ela.

— Você quer vir com a gente?

— Não. — Respiro fundo e ele sorri para mim. — Desculpe, não quis parecer desconfiada...

— Entendo. — Ele se levanta. — Você sabe meu número, mas não vai precisar. Prometo, uma volta na quadra.

— Tudo bem. — Dou um passo para trás. — Este é seu tempo com ela. Confio em você. — Até ele parece surpreso com o que falei. — Ah, para. — Ele ri quando reviro os olhos. — Vou subir e tomar um banho, talvez pintar as unhas dos pés. — Ele olha para meus pés e eu remexo os dedos, o que o faz sorrir mais ainda.

— Quer dizer, você vai entrar e ficar atrás da janela, espiando a cada cinco minutos para ver se já voltamos?

Ele tem razão, só que eu provavelmente vou ficar indo de um lado para o outro entre cada espiada. É difícil para mim deixar dela, mesmo que por um curto espaço de tempo.

— Eu nunca a dividi com outra pessoa.

— Nem quando está no trabalho?

— São as horas mais difíceis do meu dia. — Ele ri, mas o triste é que é verdade. Quase morro quando tenho que deixá-la com alguém. Eu o faço com uma bola na garganta e uma ardência no peito.

— Mantenho o convite — ele diz com a cabeça inclinada. — Você pode vir junto. — Jake olha para mim, meu coração acelera e Isabelle chia, chamando a atenção de nós dois.

De repente, fico muito feliz pelos gritinhos da minha filha. Eu

me aproximo para lhe dar um beijo na testa e dou o bico para Jake.

— Vai que precise. — Ele pega e eu tento não tremer quando seus dedos roçam a palma da minha mão.

— Diz tchau para a mamãe, filha — Jake fala, ainda olhando para mim. Seus olhos caem para minha boca, ele para por alguns segundos e então se vira, empurrando o carinho pela porta. Fico onde estou, observando-o ir embora. A calça jeans aperta seu traseiro bem do jeito que eu gosto e a camisa escura mostra os músculos se contraindo. Eu me pergunto se ele ainda é o mesmo sem roupas.

Um calafrio percorre meu corpo e eu me viro, correndo para dentro. É só um passeio, mas sinto como se já tivesse passado uma vida inteira.

Quando finalmente ouço a batida na porta da frente, sei que são eles. Vi há poucos segundos Jake trazendo-a. Tento esperar um tempo antes de abrir a porta, mas, no segundo que me viu, ele me descobriu.

— Disfarçou bem, Blair, mas eu vi você observando pela janela. — Escondo o sorriso e pego Isabelle de seus braços. — Ela aguentou dois minutos antes de começar a berrar. — Jake entra e eu nem questiono, indo para a cozinha. — Que pulmões saudáveis.

— Realmente. — Dou uma olhada nele por cima do ombro e paro na frente da geladeira. — Experimente acordar com esses gritos às duas da manhã. — No mesmo instante, sua expressão se enche de arrependimento, e eu me sinto péssima de ter mencionado. — Você quer dar comida para ela?

— Aham. — A expressão de perda de alguns segundos atrás some, substituída por um sorriso de pura empolgação. Nunca achei que ficaria excitada ao ver um homem querendo alimentar a própria filha, mas foi o que aconteceu. Isabelle e ele juntos são uma tentação, considerando minha escolha de sermos apenas amigos.

— Temos papinha de maçã, pêssego e banana.

— Banana. — Ele pega Isabelle e ela vai tranquila. É uma visão e tanto. Pego a papinha de banana do armário e uma colher, apontando para a cadeira de bebê. — Não posso dar com ela no colo?

— Depende — digo rindo. — Você está a fim de se cobrir com isso? — Balanço a embalagem de papinha e ele também ri.

— Bem pensado. — Ele vai até a cadeira e, com um gesto delicado, a coloca com segurança. — Ok, — Jake esfrega as mãos animado e olha para mim por cima do ombro. — E agora?

Hora de treinar o papai, penso. Ofereço a papinha e a colher.

— Alimente a sua filha. — Percebo na hora o jeito como suas narinas dilatam como se estivesse contendo as emoções que ouvir a palavra “filha” traz. Mas, antes que possa mencionar, ele pega os utensílios das minhas mãos e se vira para Isabelle.

— Bem mocinha, vamos lá.

Capítulo 28

Jake

— Isso é... — Whitney estende a mão, toca minha testa e a traz de volta para si. Eu a observo torcer o nariz, cheirando o creme no dedo. — Banana?

Atrás de mim, Blair dá risada e eu lanço um olhar que deixa claro que não quero falar sobre isso, mas não adianta.

— Ele deu almoço para nossa pequena. — Blair dá um passo para trás quando eu avanço para cima dela. — Ele achou que “tá na mão”, e “tava” na mão mesmo, e no resto do corpo, também. Ficou insistindo em dar comida no colo depois que ela se recusou a comer sentada na cadeira.

Whitney dá um risinho e Blair segura a barriga, gargalhando. Uso a chance para atacar, eu a jogo por cima do ombro de repente e ela grita e se remexe, tentando se libertar.

— Ai, meu Deus, me põe no chão.

— Eu tinha dito que não íamos tocar no assunto.

— Você disse — ela fala ofegante. — Eu não concordei. É engraçado demais para manter em segredo.

— Como é que você conseguiu a façanha de se sujar de banana atrás do braço? — Olho por cima do ombro e vejo Whitney encarando uma parte do meu braço. Nem respondo, porque, francamente, não tenho a mínima ideia.

— Isabelle jogou a colher e comemorou quando ele se virou para pegar. — Blair treme de tanto rir. — Foi um jato de banana direto nele.

Dou um tapa na sua bunda e ela dá outro gritinho, quase imitando nossa filha.

— Me põe no chão, seu homem das cavernas.

De jeito nenhum. É a primeira vez que me sinto calmo desde que cheguei a Iowa. Não vou soltá-la.

— Eu vou para a casa do Trevor — Whitney declara e gostaria de agradecê-la por nos dar um tempo sozinhos. Sei que ela não está

fazendo isso por minha causa, mas me sinto grato pela oportunidade mesmo assim.

— Whitney — Blair choraminga, chutando as pernas, ainda tentando se libertar dos meus braços.

— Tchau, — dá para ouvir a risada na sua voz.

Começo a caminhar até a escada que leva ao banheiro do andar de cima e Blair põe as mãos nas minhas costas, se apoiando para ver aonde estamos indo.

— O que está fazendo?

— Eu vou limpar essa meleca — respondo sem hesitar. — Já que sujei o cabelo, as costas e sei lá mais onde, vou precisar de ajuda.

Ela fica quieta e eu não me manifesto. Entro no banheiro, coloco-a no chão e procuro um pano. Encontro um na cesta ao lado da privada.

— Aqui. — Eu me inclino na pia. — Ajude.

Ela estende o pano para umedecê-lo na pia e eu ignoro o tremor em suas mãos. Aproveito o momento para sentir seu cheiro, que me faz falta desde o dia em que ela foi embora.

Quando Blair se endireita e oferece o pano úmido, eu balanço a cabeça e aponto para ela. Ela hesita; sei que está questionando cada segundo que se passou e os que estão por vir. Em vez de deixá-la se esquivar do serviço, eu coloco a mão sobre a dela e a guio para minha testa. Observo-a atentamente, seu olhar encontra o meu em vez de cuidar por onde passa o pano. Depressa para não mudar de ideia, coloco as mãos no seu quadril e ela respira fundo. Estamos sozinhos, nossa filha adormecida no berço, o que só aumenta o clima de intimidade entre nós.

Fecho os olhos quando o pano roça minha bochecha e desce até o pescoço. Talvez não fosse a intenção dela me deixar inquieto com seu toque, mas foi o resultado que conseguiu.

— Senti sua falta — confesso, abrindo os olhos e vendo-a me observar. — Senti falta do jeito como me sinto quando estou com você.

— Jake, — meu nome em seus lábios é uma súplica.

— Ninguém nunca me fez sentir inteiro como você. Não mereço, Blair, mas, porra, eu quero outra chance. — Consigo vê-la se retraindo ao baixar a mão. — Quero uma chance de lhe mostrar como nós dois juntos seria bom.

— Não consigo.

Puxo o corpo dela para perto, surpreendendo-a e interrompendo suas palavras.

— Não consegue ou não quer?

Seus olhos se enchem de lágrimas, e ela aperta os lábios, talvez receosa do que dirá a seguir. Eu me inclino, olhos fixos nela, ansiando

pelo gosto dos seus lábios. Quando estão prestes a se tocar, sua respiração na minha boca, ela baixa a cabeça.

— Os dois — sussurra em resposta à pergunta de alguns segundos atrás.

— O que te impede de conseguir?

Ela se afasta e uma grande parte dentro de mim quer segurar seu quadril com força, mas eu a deixo criar a distância da qual precisa.

— Toda vez que olho para você, me lembro daquela noite. — A confissão da Blair me parte ao meio. — Eu me lembro das coisas que ele disse, do jeito como me tocou. É como se eu fosse levada de volta à lembrança no mesmo instante, me sinto totalmente suja outra vez.

— Meu Deus, não. — Eu tento ir até ela, mas Blair se afasta.

— É você na minha frente, mas são as ameaças dele que eu ouço.

— Ele se foi, Blair. Todos eles. — Que arrependimento não ter atirado no meu irmão. A prisão não é punição o suficiente.

— Ele não se foi. — Ela leva a mão à cabeça e aponta, lágrimas escorrendo pela bochecha. — Está aqui, sempre aqui. Quando olho em seus olhos, mesmo sabendo que não é ele, eu me lembro.

— Deixe-me apagar essas memórias, por favor — imploro, cada vez mais perdendo o controle. — Fazer você lembrar de nossos momentos juntos, de quem éramos.

— Você não vai conseguir. — Blair balança a cabeça.

— Por que não? — De repente, me sinto ansioso com a possibilidade de todas as minhas chances com ela desaparecerem.

— Porque aqueles momentos eram mentiras. Estávamos apenas brincando de faz de conta. Aquelos momentos se foram. — É minha vez de balançar a cabeça.

Ela se afasta ainda mais, chocando-se contra a parede. Coloco a mão no pescoço dela e a puxo para mim, seu corpo vindo de encontro ao meu. Com a testa encostada na dela, tento de tudo que é jeito transmitir o que estou sentindo sem tomar atitude em relação às emoções lutando dentro de mim.

— Nada do meu tempo com você, do que fomos naquela época, foi mentira. Eu fui eu mesmo e tudo que eu disse, cada toque, foi prova do meu amor. Eu ainda te amo. E sei que sempre vou amar. — Tento a sorte, mesmo sabendo que vou me arrepender depois, e cubro seus lábios com os meus. Ela vira a cabeça, afastando a boca da minha, mas eu a sigo. — Sim, — eu a beijo de novo, calor me preenchendo. — Eu te amo pra caralho, Blair e é isso que eu quero. Eu quero uma família, por favor, não me tire essa possibilidade. Você e Isabelle são minha família, a única que eu tenho e a única que eu

quero.

Ela estremece quando eu beijo seus lábios outra vez. Coloco a mão no centro das costas dela para mantê-la comigo. Preciso que ela entenda, que aceite meus sentimentos. Sua rejeição me aterroriza.

— Não sei se posso dar o que você quer.

As palavras me partem ao meio, e eu paro de beijá-la, apenas segurando-a em um abraço desesperado.

— Me desculpe — ela sussurra.

Não quero desculpas. Quero seu amor.



— Você tá um caco, cara. — Eu me viro na cama do hotel e vejo Farris. Ele tem uma expressão no rosto de quem foi às nuvens. Imagino que tenha passado a noite anterior aninhado na cama com Sadie. Eu estava certo sobre seus sentimentos por ela. O cara está caidinho. Acho que o fato de ela precisar dele o encanta ainda mais, ele curte esse tipo de coisa. Além disso, adora as briguinhas deles, e Sadie é de encher o saco.

— Tem algum motivo para você estar parado do lado da minha cama às, — eu me inclino e olho para o relógio na mesa de cabeceira, — sete da manhã?

— Sadie disse que você precisava de um amigo. — Ele dá de ombros. — E também temos que conversar.

— Sobre o quê? — Tento rolar para o outro lado, mas ele põe a mão no meu ombro para me impedir.

— Seu trabalho novo. — Isso prende minha atenção. — Achei que você ia gostar de saber que conheci um de seus chefes ontem.

— É um babaca?

— Talvez. — aguardo ele continuar. — Um pé no saco, adora burocracia, segue as regras direitinho. Não curte muito quando as pessoas pelas quais é responsável acham que conseguem passar a perna nele.

— Então é um clone seu. — Coloco o braço no rosto para tapar a luz do quarto. Pelo visto, estou em uma maré de azar. Primeiro Blair ontem à noite, agora isso.

— O cara é um chato quando as coisas não vão conforme ele quer. — Ele está adorando que eu vou trabalhar com um babaca. — Ainda bem que você já conhece minhas manias, então não vai ser nenhum problema trabalharmos juntos.

Respiro fundo, pensando se seria possível convencer Blair de se mudar, já sabendo que provavelmente não. E então cai a ficha do que Farris disse.

Ergo o braço e o espio com olhos desconfiados.

— Trabalhar junto? — O sorriso dele aumenta. — Você é meu chefe de merda?

— Aparentemente, sim.

— Mas... — Pauso e me sento na cama, balançando a cabeça sem acreditar. Ele deve ter perdido a cabeça. — Você aceitou um emprego em Ankeny? — Ele assente. — Mas você ama trabalhar em Chicago.

— Sim. — Ele senta na cama ao meu lado. — Mas, às vezes, devemos fazer escolhas difíceis, não apenas por nós mesmos, mas por aqueles que amamos. Você está aqui e a mulher no quarto ao lado também. Não posso fingir que não fiquei arrasado quando ela veio para cá com você e trouxe meu coração junto. Ela me tem na palma da mão. Acho que me teve assim que a encontrei encurralada em seu apartamento, no fundo do poço. Eu a amo, Jake.

— Como se eu já não soubesse.

— Então, ela me disse que você está passando trabalho com sua mulher.

— Ela não é minha — corrijo. — Deixou isso bem claro ontem à noite.

Ele ri, e eu olho para ele, me perguntando qual é a graça.

— Você vai desistir fácil assim?

— O que mais posso fazer?

— Lutar até ela aceitar — ele diz, como se fosse óbvio.

— Aceitar o quê?

— Que você a ama e que seus momentos juntos não acabaram. Que o lugar dela é com você, que sua vida é com você. — Se ao menos fosse tão fácil convencê-la. — Eu já te vi quando está determinado a conseguir algo, nada te abala. Eu te vi derrubar homens do mesmo sangue que o seu sem se desesperar. Essa mulher te tem nas mãos, isso diz tudo.

Eu o olho fixamente, esperando para ver que besteira ele vai dizer agora.

— Seu coração pertence à ela e à filha. Você merece a família que os outros tiraram de você, Jake. Não desista até conseguir. Agora, vamos tomar café da manhã. Conheço o lugar perfeito.

Devia ter dito não, mas, enquanto me vestia, passei a fantasiar de que chegaria no Spencer e conseguiria mostrar para Blair que me descartar na noite passada foi um erro.

Eu realmente devia ter pensado melhor.

Quinze minutos depois, estou na mesa do restaurante onde ela trabalha, e ela, parada na porta que leva de volta para a cozinha. Fuzilando minha mesa com o olhar, como se tivesse visto o diabo. Porém, não sou eu que a enraiveci tanto, é apenas quando vou até ela e abro meu bocão que pioro as coisas.

— O que ela está fazendo aqui? — Blair diz, olhando por cima do meu ombro, onde Farris está sentado junto com Sadie.

— Foi ela que veio comigo. — Blair volta sua atenção para mim e me encara com raiva, talvez até decepção. — Ela não é a mesma pessoa que você deixou em Chicago.

— Que *eu* deixei?

— Você me entendeu. — Tento acalmar os ânimos, mas só a deixo mais irritada.

— Antes de mais nada, nós a convidamos para vir. Mas isso foi antes de descobrir que ela estava viciada em sabe-se lá quais drogas e fodendo meu ex-namorado para consegui-las. Me desculpe por não oferecer um ombro amigo e dizer que a traição dela não me deixou arrasada.

— Podemos conversar em outro lugar?

— Não, não podemos. — Ela nem sequer cogita. — Eu estou no trabalho, e você, com seu grupinho. Mas, só para deixar claro, ela não vai chegar perto da minha filha.

— Nossa filha — corrijo.

— Nem pense em discutir comigo. — Ela dá um passo à frente, olhos fixos nos meus. — Mas bom saber suas lealdades.

— Está sendo injusta.

— Injusto é ela dormir não só com um, mas dois homens no meu passado. — A insinuação me irrita. — Dele, ela recebia drogas, de você, um teto, imagino.

— Eu disse antes e vou dizer de novo, nós somos apenas amigos.

Estamos de frente um para o outro, nos encarando com raiva, cada um se recusando a ceder.

— Ela não vai chegar perto da Isabelle.

— Mas Shawn pode?

— A única vez em que ele a viu foi quando estava com o Will. Nós saímos uma vez, só isso. Não estou interessada nele.

— Acredito em você. — Ela me olha desconfiada. — Que surpresa, não é? — Não espero a resposta, porque preciso de um espaço para mim. Se não, vou acabar fazendo algo muito idiota, tipo tirá-la daqui e trancá-la dentro de um quarto até que ela se obrigue a enfrentar nosso passado.

Tudo sobre ele.

Capítulo 29

Blair

Toda vez que saio da cozinha, eu me recuso a olhar na direção de Jake e Sadie. No que ele estava pensando ao trazê-la para cá? Ele achou que eu não me importaria depois de tudo que ela fez? Como se desse para, simplesmente, esquecer as mentiras que ela contou, as transas com Nate, provavelmente comigo no quarto ao lado, como se não fosse nada.

Eu me ocupo atendendo as mesas da minha zona. Graças a Deus, eles se sentaram em outra. Se tivessem sentado na minha, eu seria muito capaz de fingir uma gripe ou, pior, me demitir.

— Hora do intervalo. — Carol estende a mão para mim. — Me dê os pedidos e descanse cinco minutos.

— Estou bem.

— Você não consegue me enganar tão fácil. Vai.

Entrego meu bloquinho, me viro e volto direto pela porta da qual acabei de sair. Eu devia ter me mudado para outro país e trocado de nome, juro. Meu passado e todas as outras coisas que eu quero esquecer estão voltando para me assombrar. Sei que estou agindo feito louca, porque não gostaria que Isabelle ficasse sem o pai, mas por um dia de merda gostaria que minha vida fosse livre de dramas.

Abro a porta dos fundos e saio no beco, respirando o ar quente. Wilbur fez uma área para funcionários embaixo do toldo, uma mesa de piquenique na grama onde podemos nos refugiar durante o intervalo. Vou até lá e me sento, repousando a cabeça nos braços. Fecho os olhos com força, tentando ver pontos positivos no que está acontecendo. Só que, quanto mais eu analiso a situação, mais irritada eu fico. Houve tantos momentos em que ele podia ter me contado que era Sadie no quarto de hotel ao lado dele, mas ele escolheu ocultar esses detalhes.

— Blair. — Meu corpo congela e eu fico de cabeça baixa para tentar disfarçar minha reação. Consigo ouvir o som de seus pés no asfalto do beco. — Não vim aqui para causar problemas.

— Então, por que veio? — Eu me viro para encará-la e percebo de imediato como ela está diferente. Acho que minha raiva me fez ver apenas a garota viciada que me traiu. Seu cabelo está mais curto, estilo *longbob* que realça o rosto e deixam suas bochechas mais cheinhas, saudáveis.

— Eu não quis, a princípio. Disse para Jake que seria um erro e que você já tinha sofrido demais. — Não serei enganada pela sinceridade dela. Antes, contara apenas mentiras, e, devo admitir, ela é ótima atriz. — Ele veio me pegar na clínica já com as malas prontas para a viagem.

— Clínica?

— De reabilitação. Passei um longo tempo indo de um centro de tratamento para outro depois que você e Whitney foram embora. — Ela olha para baixo, uma expressão de vergonha lhe tomando o rosto. Eu a conheço há tanto tempo que reconheço quando ela precisa se acalmar. — Daí o Jake e o Lark me encontraram...

— Quem é Lark?

— O cara lá dentro com o Jake. Ele o chama de Farris, detetive Farris, às vezes, mas é a mesma pessoa.

Aceno com a cabeça, dando-lhe permissão para continuar. Não sei se ela conseguirá dizer alguma coisa que me faça odiá-la menos, mas me sinto arrasada a ponto de deixá-la extravasar tudo só para acabar de uma vez.

— Eles me encontraram no meu apartamento, escondida num canto, paranoica e ligada em alguma porcaria que um cara que conheci no bar me deu. Eu estava no fundo do poço e, sinceramente, naquele momento, só queria que minha vida acabasse. Queria fechar os olhos e nunca mais abrir. — Olho para o chão entre nós, forçando as lágrimas a irem embora. — Não desejo sua pena nem espero que me perdoe.

— Então o que você quer, Sadie?

— Quero que saiba que eu estava tão perdida naquela época em que te machuquei que nem conseguia entender o que fazia de errado. Só o que me levava adiante era a próxima viagem, não importava de onde viesse ou o que tivesse que fazer para consegui-la. Mas me desculpe por tê-la machucado nesse meio-tempo, porque você não merecia. Você sempre foi boa comigo, você e a Whitney.

Ela respira fundo e trêmula, desviando o olhar.

— Acho que vim aqui dizer que eu e Jake nunca fomos mais do que amigos. Ele é a pessoa que me mostrou que eu precisava de ajuda, e ele e Lark garantiram que eu recebesse essa ajuda. Não quero que as coisas que aconteceram entre nós sejam um empecilho para o relacionamento que você e Jake poderiam ter.

— Ele é o pai da Isabelle. — Seu olhar encontra o meu de

novo. — Não há nada além disso entre nós.

— Acho que você sabe que não é verdade, sem que eu ou outra pessoa precise dizer.

— O que eu sei é que você me levou até ele de propósito, você o ajudou a me colocar no bar. Daí participou da farsa enquanto ele fingia ter sentimentos por mim, enquanto ele me fazia acreditar que estava segura com ele. — Ela tenta falar, mas eu interrompo. — E, então, eu fui atacada do lado do Miller pelo irmão dele, enquanto você estava drogada em algum lugar e ele...

— Levava uma surra dos capangas do pai por tentar ir até você. — A cortada que ela me dá me surpreende. — Ele ficou em um quarto escuro, encarando homens armados, se perguntando se sobreviveria a um tiro por tempo o suficiente para chegar até você e levá-la para um lugar seguro. Desde o início, tudo que ele quis foi garantir que eles não te alcançassem. Foi por isso que aceitou o serviço para começar, para poder ficar com você e conseguir as respostas que eles queriam.

— E, no final das contas, eles ainda assim me alcançaram.

Sadie olha para mim, sentindo o efeito das minhas palavras dentro de si e trocando o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Ele não é como os outros. Eu soube desde o início que ele só tinha boas intenções quando se tratava de você. Foi por isso que o ajudei. Eu estava presa no mundo de Gabe, conhecia bem como ele era. O pai deles queria que Gabe fosse atrás de você e não parasse até conseguir o que queria. — Fico com o estômago embrulhado só de pensar. — Acredite, Gabe não é bonzinho.

Eu a vejo esfregar o braço e me pergunto como ela sabe.

— Por que você não me falou, Sadie? — Ela podia ter me avisado. — Você precisava ter me avisado quem eles eram, o que queriam.

— Porque, se eu fizesse isso, nenhuma de nós sairia ilesa. — A severidade das palavras me atinge em cheio. — Eu já testemunhei as consequências de atrapalhar os Gunther. Não por vontade própria, eles quiseram garantir que eu entendia do que eram capazes se não cooperasse. Por mais difícil que fosse esconder a verdade, era pior ainda imaginá-los machucando você.

Eu estremeço.

— Não vou pedir seu perdão, mas peço que não puna Jake pelos pecados da família. Ele sonhou com o dia em que te encontraria de novo depois de você deixá-lo naquela rua. Não importava o quanto ele pedisse, eu jamais disse para onde você tinha ido. Ele descobriu sozinho. — Contatos influentes... Lembro-me de Warren mencionar. — O que ele queria na época era ficar com você, e só o que quer agora é ficar com você e Isabelle. Ele quer uma família, Blair, vocês duas são

a única família que ele tem.

Sadie não espera pela minha resposta. Para eu listar todos os motivos de não poder dar a ele o que ela está pedindo. Em vez disso, ela se vira e vai embora, me deixando sozinha com meus pensamentos, minhas dúvidas e meus arrependimentos.



— Ela dormiu? — Entro na sala de estar e olho pela janela da frente, respondendo com um aceno. — Quer conversar?

— Sobre o quê?

— Jake. — Só o nome já faz meu estômago embrulhar. — E por que você continua insistindo que não sente a mesma coisa que ele sente por você. Ou por que você fica dizendo para si mesma que ele é apenas o pai da sua filha, um pedaço do passado que você deixou para trás ao se mudar? Ou podemos falar sobre por que você está mentindo para si mesma e como isso me irrita.

Eu me viro para encarar Whitney e ela me olha com a determinação de alguém que chegou ao limite do que consegue aguentar.

— Por dias, semanas, eu tenho assistido você lutar contra isso na sua cabeça. Eu tenho visto você se enterrar em uma pilha de preocupação, recusar o que realmente quer e eu costumava dizer que seus momentos mais tristes foram em Chicago, mas agora não sei mais. — Eu me sento na cadeira e baixo a cabeça, respirando fundo. — Você está perdida, Blair, porque está negando o que seu coração quer.

— Eu não consigo esquecer...

— Não esqueça — ela interrompe. — Perdoe. Ele a ama, ama Isabelle. Não estou dizendo para mergulhar de cabeça sem tomar cuidado, mas pare de se apegar ao passado. Ele está aqui, e a família toda na prisão, porque ele garantiu que era para lá que eles iam; Meu Deus, Blair, ele virou policial. É um bom homem. Você precisa parar de punir a ele e a si mesma pelo que aconteceu. Ele está aqui por você e por Isabelle. Dê uma chance para o cara provar que não é o homem que achávamos que era.

— Tenho medo, — a confissão arde na garganta junto com todas as emoções que estou reprimindo.

— Eu sei. — Whitney levanta e vem na minha direção, se ajoelhando na frente da minha cadeira. — Acho que você já perdeu coisas demais. Por que perder essa chance de ser feliz?

Capítulo 30

Jake

— Não importa o que eu diga, ela encontra um motivo para dizer que não vamos dar certo. — Consigo sentir minha mente e corpo amolecendo, formigando pelo álcool. — Digo que a amo, ela diz que eu a lembro daqueles tempos sombrios em Chicago. Eu digo que preciso dela e Isabelle na minha vida, ela afirma que não consegue me dar o que eu quero.

— Sadie falou que eu era bom demais para ela — Farris interrompe, me tirando da onda de desânimo. — Então eu lhe mostrei meu lado mau.

— Não precisa falar, cara. — Ergo o copo de cerveja e tomo um gole, enquanto ele ri. — As paredes são finas, seu cretino. Não quero imaginar os dois fazendo as coisas que ouvi.

A porta de um carro bate e reclino a cabeça na espreguiçadeira. Provavelmente não deveríamos estar perto da piscina externa tomando uma cerveja após a outra, mas é disso que preciso neste momento. Eu quero lavar a alma, mesmo que por algumas horas.

— Aquela mulher parece familiar.

Ergo a cabeça e tudo ao meu redor gira, enquanto tento me equilibrar.

— Porra, acho que bebi demais. — Dou risada de mim mesmo, segurando o braço da cadeira para me concentrar.

— Não é a amiga da sua garota? — Finalmente consigo ver Farris com clareza e ele está olhando para o estacionamento.

— Quê? — Me inclino e acabo cambaleando para frente, botando as mãos no chão para não cair de cara no concreto ao redor da borda da piscina. Definitivamente não foi uma boa ideia ficar bêbado.

Farris já saiu da cadeira e está indo em direção à entrada do hotel. Cogito ir atrás, mas resolvo ficar parado. Não quero arriscar um mergulho noturno.

— Ei, — a voz de Farris ecoa pelo ambiente. Ele abana o braço

e só aí consigo ver do que ele está falando. Whitney corre para a área gradeada ao redor da piscina. Seu rosto está desfocado e tento piscar para dissipar a névoa. Ainda de pijama, ela se encosta na grade respirando fundo para se acalmar.

— Você não é capaz de atender o telefone? — Imediatamente coloco a mão no bolso de trás, vazio. — Eu te liguei. Blair, também.

— O que houve? — Me levanto e cambaleio de um lado para o outro, chutando a cadeira e tropeçando no pé dela.

— Ah, que ótimo, você está bêbado. — Ela joga as mãos para cima e, de repente, estou de volta em Chicago, levando uma bronca do lado de fora do seu apartamento. — Esquece.

Quando ela se vira e começa a ir embora, obrigado minhas pernas a se mexerem.

— O que houve, Whit?

— Pergunte amanhã de manhã, quando estiver sóbrio e conseguir compreender o que eu digo.

— Não. — Chego até a grade e passo um trabalhão tentando abrir o portão, amaldiçoando a tranca que tenho certeza de que não seria problema para um eu sóbrio. — Espere um minuto, porra. — Olho para Farris, que me observa confuso. — Vai abrir essa merda ou não?

Ele ri e ergue a alavanca, fazendo o portão se abrir por completo.

— Espertalhão do caralho — murmuro correndo, tá, tropeçando, na verdade, em direção a Whitney, Farris logo atrás. — Você veio por um motivo, diga logo.

Whitney bufa, pondo as mãos no quadril.

— Sua filha está com febre de 39°C. — Fico alarmado. — Blair a levou para a emergência e achou que você ia querer ir junto. Na verdade, antes de mais nada, ela *precisa* de você lá.

Ora, parta meu coração ao meio, por que não?

— Vamos. — Dou um passo em direção ao carro, mas ela põe a mão no meu peito.

— Você não vai a lugar nenhum desse jeito. — Ela gesticula, indicando meu estado. — Precisa beber um café, água, sei lá. Mas só vai ver Blair e sua filha quando conseguir caminhar em linha reta sem ajuda.

Uma parte de mim quer discutir com ela, mas ela tem razão.

— Vamos. — Sinto um puxão que me faz tropeçar de novo. — Vamos te deixar sóbrio. — Permito que Farris me leve para frente do hotel, mas, antes de entrar, eu grito para Whitney.

— Ei! — Ela está parada perto do carro, aparentemente mandando uma mensagem para alguém. Ergue o rosto e olha para mim. — Pode avisar que logo eu vou para lá?

— Aham. — Ela acena de um jeito dramático, gesto típico seu.
— Pode deixar, agora vê se toma jeito, suas garotas precisam de você.

Minhas garotas. Eu amo como isso soa.

— Eu preciso delas também. — Precisar é pouco. Eu as quero tanto que não consigo me concentrar em mais nada.



Depois de duas horas e uma caralhada de café, paro do lado de fora do quarto da minha filha. O corredor está quieto, vazio. Já passa das três da manhã e eu queria ter vindo antes, mas Whit tinha razão. Não podia aparecer aqui na condição que estava.

Me inclino perto da porta, tentando ouvir algum indício de que elas estão acordadas. Não ouço nada além do silêncio, então, abro a porta e espio. Isabelle está aconchegada, presa em um cobertor dentro do berço que mais se assemelha a uma jaula. Talvez seja meu lado protetor, mas não gostei de ver minha garotinha no que parece uma camisa de força. Contenho a vontade de entrar e achar um jeito de tirá-la de dentro. Passaria a noite toda com ela no colo se isso significasse libertá-la daquela coisa.

— Oi, — um sussurro quieto interrompe minha irritação e, assim que vejo Blair curvada na poltrona de couro, vou até ela sem hesitar. Ela arregala brevemente os olhos quando me ajoelho e a puxo para um abraço.

— Ela está bem?

— Está com infecção viral. — Eu a solto, mas continuo com as mãos nas suas pernas, dobradas na frente do corpo. — Desidratada, porque não consegui fazê-la comer nada. A febre também não ajudou.

Olho para minha filha quando ouço o som dela se movimentando.

— Querem mantê-la aqui durante a noite. — Aceno com a cabeça, observando minha filha atentamente. — Se a febre baixar, ela pode ir para casa amanhã.

— Desculpe por não estar aqui. — Mais um item na lista de cagadas que consegui fazer com Blair e Isabelle.

— Tudo bem.

— Não. — Desvio o olhar da Isabelle e me deparo com Blair me observando. — Não está tudo bem. Escolhi a noite errada para afogar as mágoas. — Ela inclina a cabeça, mas não diz nada. — Quando a gente quer demais uma coisa, mas não pode tê-la, é foda.

Ela parece querer dizer alguma coisa, mas não lhe dou a chance.

— Você se importa se eu ficar?

— Depende. — Ela ergue a boca em um sorriso, olhando para a

cadeira onde está sentada. — Você acha que a gente cabe nessa poltrona? — Tento não demonstrar a animação que sinto de ficar tão perto dela. Mas, porra, é um sentimento forte.

— Que tal você levantar e me dar seu lugar? Daí você pode se aninhar no meu colo. — De novo aquele sorriso se abre em seus lábios e eu me pergunto por um segundo se pressionei demais quando não deveria. Então, ela se levanta devagar, minhas mãos deslocadas pelo movimento.

Quando ela põe as mãos nos meus ombros e olha para mim de cima, sinto meu coração acelerar.

— Estou tentando me lembrar do homem que você era, o cara do meu apartamento que me fez me sentir segura.

Eu fecho os olhos e respiro fundo.

— Talvez você possa me ajudar.

Aceno com a cabeça é o que eu quero mais que tudo.

— Não posso prometer nada, Jake, mas estou disposta a tentar.

Ela é o meu ponto fraco.

Abro os olhos e a vejo me observando com uma expressão suave, uma expressão que reconheço de nossos momentos juntos. É o jeito que ela olhava para mim logo antes de beijá-la.

— Vamos viver um dia após o outro. Se eu tiver você e Isabelle, não ligo para quanto tempo passar. Quero vocês duas mais do que quis qualquer coisa na vida.

Blair me surpreende ao se inclinar apenas o necessário para me dar um beijo suave na boca. Um beijo muito curto, mas que diz um milhão de palavras.

Capítulo 31

Blair

— Bom dia, delícia.

Espio através das mechas de cabelo que se soltaram do rabo de cavalo e vejo Marcy e Whitney paradas na porta do quarto de Isabelle.

— Espere, não se mexa. — Marcy procura algo na bolsa. — Preciso tirar uma foto. Primeiro, é a coisa mais fofa que eu já vi, segundo, quero saber por que Will não me abraça desse jeito.

Sinto Jake se mexendo embaixo de mim e olho para o lado, dando de cara com um sorriso e seus olhos fechados.

— Não é educado dizer que meu amor é maior, né?

Eu lhe cutuco a barriga com o cotovelo e ele deixa escapar uma risada. Não vou comentar a ereção matinal nem um pouco escondida pelos seus movimentos. A forma como ela cutuca meu quadril tira toda minha concentração das duas mulheres na nossa frente, ainda observando.

— Nem preciso perguntar como foi a noite passada, dá para ver que foi muito boa — Whitney afirma, arqueando a sobrancelha, divertimento estampado no rosto.

— Ela dormiu bem depois de tomar remédio.

— Não era dela que eu estava falando — Whitney murmura, indo até o berço. — Mas bom saber, também.

Não quero me mexer, ficar aninhada com Jake é tão agradável. Mais do que isso, na verdade. Foi o melhor sono que tive em um bom tempo, apesar de pouco espaço para me mexer. Seu calor é reconfortante e, se não tivéssemos companhia, acho que teria ficado onde estava. Mas é hora de levantar.

Estou tentando aceitar o conselho da Whitney e perdoar o passado. Quero mais do que tudo acreditar que há algo entre Jake e eu, mesmo que cercado de mentiras. Minha filha e eu merecemos que eu dê uma chance para nossa família.

Isabelle olha para nós observando-a por cima do berço. Dou risada, me lembrando do comentário que Jake fez da filha enjaulada

como um bicho selvagem. Quando olho para ele e o vejo sorrindo, sei que está pensando a mesma coisa.

Nossa menina começa a chutar as perninhas e fazer beicinho e me dá uma vontade absurda de tirá-la dali para consolá-la. Mas não dá tempo. *Papai ao resgate*. Ele toma atitude mais rápido do que imaginávamos, segurando a beirada do berço, abaixando-a e pegando a gorduchinha no colo em questão de segundos.

Meu coração está cheio de amor. Meus olhos se enchem de lágrimas, e coloco a mão no peito, tentando aliviar a dor que sinto.

— Tudo bem, meu bem — ele consola. — Shh. — Jake a embala de um lado para o outro, dando tapinhas nas costas, gentilmente como ensinei.

— Nossa — Marcy suspira e Whitney olha para Jake como se estivesse vendo um unicórnio em carne e osso. Uma expressão chocada e maravilhada.

Quando Isabelle deita a cabeça no ombro dele e descansa os punhos na sua camiseta, ele beija a cabeça dela e uma lágrima cai dos meus olhos. Essa cena, essa troca de carinho, é a coisa mais preciosa que já vi. É perfeita, sem sombra de dúvidas algo que vai ficar para sempre na minha memória.

Jake olha para mim por baixo dos cílios, lindos demais para pertencerem a um homem, e sorri. Como se tivesse lido minha mente, ele dá uma piscadinha e fecha os olhos, aproveitando todos os segundos da nossa filha em seus braços.



— É pequeno — Jake diz, passando a mão nos cabelos e dando uma volta completa no meio da sala de estar.

— Não — corrijo, endireitando Isabelle no meu quadril, estabilizando seu corpinho agitado. — É superpequeno. — Com dez passos eu atravesso a sala de estar, chegando à cozinha. — Cabe um sofá aqui? — Aponto para o espaço por onde acabei de passar e ele franze as sobrancelhas. Alguns segundos depois, ele acena com a cabeça, contando silenciosamente com os lábios e olhando para mim.

— Não, — ele ri. — Uma cadeira, talvez, mas um sofá, não. Porém, quero um lugar perto de você e Isabelle e isso é o melhor que consegui arranjar.

É muito gentil da parte dele se dispor a morar em um lugar pequenininho para ficar perto de nós. Mas isso é ridículo.

— E Sadie? — Um tópico que não vem à tona desde aquela manhã no Spencer, mas tenho que perguntar.

— Farris tem um apartamento na cidade e ela vai se mudar com ele. — De novo ele olha ao redor, deixando morrer o assunto. —

Eu medi o quarto e cabe uma cama de casal lá, é um bônus. — Ele está mesmo tentando encontrar uma coisa boa nessa situação horrível e dou risada.

— Cabe um berço?

Ele para, olhando para o quarto e de volta para mim. Ergue a mão para o cabelo de novo, coçando a cabeça como se estivesse pensando.

— É estranho pôr o berço no corredor?

— Você não vai pegar esse lugar. — Balanço a cabeça, me virando em direção à porta da frente.

— Espera, quê? — Antes que eu abra a porta, ele bloqueia meu caminho, se inclinando na porta, de costas. — Por quê?

— Por que ele é do tamanho do meu armário e o da Whitney juntos. É ridículo.

— Você é fofa quando fica exaltada. — Isabelle chia, mas Jake está olhando para mim. — Além do mais, se tudo for conforme os planos, algum dia nós três procuraremos um lugar maior, permanente.

Ele coloca a mão no meu pescoço, trazendo meu rosto para perto e eu sinto o coração acelerar.

Claro, Isabelle sempre tem que participar e escolhe este momento para dar uma batidinha no rosto do Jake e puxar o meu cabelo.

— Acho que ela gostou da ideia. — Ele ignora a sua reação empolgada e roça os lábios nos meus. — Sem falar que, em um lugar pequeno, nós não temos opção senão ficarmos grudados quando estivermos juntos.

Que carismático.

Sorrio contra seus lábios e ele decide me beijar. Nunca tive dificuldade de me perder no Jake charmoso e querido. Quando ele me beija, é como se minha cabeça não conseguisse compreender nada além da sensação de seus lábios nos meus.

— Já assinei o contrato de seis meses, então estou preso aqui. — Claro que assinou, não foi para saber minha opinião que ele nos trouxe aqui. — Que tal pedirmos comida e passar a noite no colchão inflável com a nossa garota. — *Ah, as coisas simples da vida.*

— Por que está presumindo que quero passar a noite?

— Não estou presumindo, estou torcendo. — É justamente este tom relaxado e brincalhão que eu amava nos nossos momentos do passado. Jake me dá uma sensação de segurança e estar aqui com ele me faz lembrar que o cara que conheci na cidade é o mesmo aqui comigo. A diferença é que não há mais a nuvem sombria que é sua família pairando sobre nós. Agora, estamos livres.

— Você tem uma bomba de ar para inflar o colchão?

— Eu amo quando você fala sacanagem. — Empurro o peito

dele que pega meu quadril. Tento desembaraçar meu cabelo que Isabelle continua puxando com força.

— Acho que deveríamos trazer o berço da Izzy. — Não olho para ele, com medo de perder a coragem. — Ela se remexe toda enquanto dorme.

— Esse é o único motivo? — Fecho os olhos quando ele beija minha bochecha e leva a boca até minha orelha. — Ou tem outro?

— É puramente para nossa segurança. — Suspiro, seus lábios tomando o lóbulo da orelha e chupando. — Eu não quero passar a noite toda acordada com ela chutando e... — Minhas palavras desaparecem.

— Eu prefiro passar a noite acordado com você.

Sim, aham, pode ser para mim.

Capítulo 32

Jake

Subo pelo corpo dela, com cuidado para não ir rápido demais. Colchões infláveis são péssimos para quem quer ser delicado. Blair balançando de um lado para o outro com cada movimento meu seria engraçado se ela não estivesse vestindo apenas uma regata apertada e uma calcinha minúscula.

Minha droga de cabeça não para de girar.

Olho para Isabelle dormindo tranquila no berço.

— Ela vai dormir não importa o barulho.

Ótimo, porque a última coisa que eu quero é ser interrompido no que estamos prestes a fazer.

— Senti tanto sua falta — sussurro na escuridão, beijando seu maxilar. Ela reclina a cabeça, se abrindo para mim e seu corpo pressiona contra o meu. — Senti falta de tocar em você, te ter nos meus braços. — Minhas mãos tremem com a força do desejo que estou reprimindo. Sinto como se a qualquer minuto o maluco desesperado dentro de mim vai se soltar e acabar com tudo rápido demais.

— Eu também senti sua falta.

Paro, fitando-a, seus olhos se fixos nos meus. Ela abre as pernas, encaixando perfeitamente meu quadril e eu me alojo no espaço disponível. Quando ela engancha as pernas atrás de mim, não consigo segurar o impulso para baixo. Minha ereção tão enrijecida que dói, mas é sempre assim quando se trata de Blair. Meu corpo sempre reage a ela, não importa se ela está vestida ou não. Sinto uma atração profunda, uma ligação que não consigo conter.

Ela brinca com o cabelo da minha nuca e me puxa para perto.

— Me beije — exige, e eu obedeço. Um beijo devagar, primeiro, mas logo ela quer mais, deslizando a língua pelos meus lábios. Juntos, balançamos os quadris em um vaivém, imitando o embalo com nossas bocas, um gostinho do que está por vir.

Seus mamilos endurecem por baixo do material fino da camiseta, me provocando conforme ela se mexe. Quero prová-los,

brincar com eles, lamber o bico endurecido. Sem pressa, acarício o lado de seu torso com as pontas dos dedos enquanto a beijo. Subo as mãos por dentro da camiseta, pressionando a mão rente ao corpo dela. Sua respiração ofegante me encoraja a continuar. Ela está tão desesperada quanto eu.

Há momentos em que eu acho que é um sonho, ela e eu juntos aqui. Achei que jamais teria a oportunidade de tocá-la outra vez, mas aqui estamos. Sou o homem mais sortudo do mundo.

Com cuidado para projetar uma calma que não estou sentindo, subo a mão até alcançar seu seio. Uso o polegar para provocar o bico endurecido. Quando eu aperto e belisco com delicadeza, ela prende a respiração no meio do nosso beijo.

— Sim — sussurra em meus lábios, iniciando outro beijo mais profundo, mais desesperado. — Não pare. — Sorrio, a mesma coisa se passa na minha cabeça. Nem pensar que eu vou querer parar.

Vou descendo e beijando o pescoço dela e o colo exposto até encontrar o mamilo e mordê-lo com gentileza. Ela não perde tempo e começa a explorar também. Enfia a mão por dentro do elástico da Boxer, me toma em suas mãos e aperta. Devagar, ela começa a subir e descer a mão, parecendo feliz com o gemido que escapa da minha boca.

— Vai devagar — digo e ela imediatamente balança a cabeça. Seus movimentos ficam cada vez mais rápido e apertados. *Meu Deus, ela quer me matar.*

Percebo que ela está puxando a calcinha com a outra mão e ergo o quadril para observar o espaço entre nós.

— Quero mais. — Ela tenta se livrar da roupa íntima apressada e eu me sinto hipnotizado por seus movimentos e seu desespero.

Então, lá está ela embaixo de mim, nua e esperando, ainda apertando meu pau.

Estendo a mão para cima e pego a camisinha que deixei ali, levando-a até a boca. Com cuidado, abro o pacote com uma destreza que não sabia que tinha e a coloco. Minha boxer está arriada e eu a teria tirado se estivesse tentando ser sedutor. Mas neste momento há um desespero no ar que nenhum de nós consegue conter. Precisamos estar conectados, é uma necessidade, um dever.

Eu fico louco ao senti-la quente e pronta para mim. A cada movimento do quadril, ela desliza pela minha ereção, minhas pernas tremendo de adrenalina.

— Preciso de você. — Blair olha para mim e põe as mãos no meu peito. — Faça tudo desaparecer.

Entendo o que ela quer dizer: ainda há tantas coisas entre nós, agora é o momento de apagá-las. Nossa chance de reestabelecer nossa ligação e lembrar quem nós somos.

Nós.

Mexo o quadril para trás, me alinho e tomo um impulso gentil para frente, penetrando-a devagar. Nós dois gememos com o aperto do corpo dela ao meu redor.

Os movimentos vão ganhando rapidez com cada estocada, sua cabeça, inclinada para trás, seus seios, arrebitados contra meu peito. Sua doce expressão de prazer é o suficiente para me fazer perder a cabeça.

Seu quadril se embala como se ela estivesse procurando alguma coisa, como se estivesse desesperada para conseguir. Ela aperta meus ombros com as mãos, unhas beliscando minha pele e tudo que vejo é ela. Estou perdido nela.

— Perfeita.

Percebo na hora quando ela fecha os olhos com força e vira o rosto. Ainda há uma resistência entre nós que eu odeio, mas consigo entender. Ela quer confiar em mim, só preciso garantir que ela não tenha motivo para o contrário.

— Eu te amo, Blair — sussurro em seus cabelos, ainda me movendo dentro dela. — Estou apaixonado por você.

Seus lábios trêmulos me apertam o coração.

Direi quantas vezes for necessário até ela perceber a profundidade dos meus sentimentos. Não me importo que ela não retribuiu as palavras. Temos tempo, sei que chegaremos lá. Já enfrentamos tantas coisas. Sei que ela me ama: consigo ver o amor em seus olhos quando ela me vê. Ela tenta esconder, tenta ser forte, mas eu vejo.

Blair é meu consolo, meu pedaço de paraíso. Vou esperar por ela, não importa quanto tempo leve. Ela vale a pena. Minha garotinha, minha família, tudo isso vale a pena.



Sentado dentro da viatura, ao lado da academia, tenho uma vista direta para o cruzamento. É um bom lugar para se esconder. Um por um, os carros diminuem até parar e dão partida outra vez.

Já faz quatro horas que meu turno começou e, desde o momento em que fechei a porta do apartamento de Blair depois da minha visita, sinto a ausência das duas. Passou-se quase um mês, mas ainda fico estupefato de ser pai. Parece surreal, eu tenho uma filha e há também a mulher que me deu essa dádiva. Cheguei nesta cidade achando que não era capaz de amar Blair mais do que já amava, mas, assim que a vi segurando nossa filha, soube que estava errado. Muito errado.

As duas se tornaram meu porto-seguro, o motivo da minha

existência. Amor e apreço não são palavras fortes o bastante para descrever meu sentimento por elas.

O som de uma buzina interrompe meu devaneio, e eu olho para cima a tempo de ver um acidente acontecendo no meio do cruzamento. Ligo a sirene, pego o rádio e faço o registro. Dirijo o carro devagar, bloqueio o tráfego da pista com o carro e estaciono.

Neste momento, saem os passageiros dos carros ao redor, se aglomerando freneticamente. Uma moça corre na minha direção, balançando os braços e apontando para o carro prata a alguns metros.

— Ele passou o sinal, atingindo direto a lateral daquela pobre garota.

— Senhora, vou precisar do seu depoimento, mas, por enquanto, mantenha a calma. Espere dentro do veículo, por favor.

Deixo a mulher sozinha e vou em direção aos dois veículos envolvidos no acidente. Avalio a situação e encontro o motorista da caminhonete segurando o ombro e gemendo de dor.

— Senhor... — Ele olha para mim e logo sinto o bafo de álcool. O homem está tão bêbado que parece estar suando trago. — Preciso que fique dentro do veículo. — Sua cabeça pende numa espécie de aceno.

Rapidamente vou até o SUV prata que foi empurrado pelo cruzamento contra um poste. Olho pela janela de trás e meu coração congela. Conheço este tecido rosa. Há um cobertor caído no chão, que eu enrolei na Isabelle quando me inclinei por cima do berço para lhe dar um beijo de tchau hoje de manhã.

Um grito ecoa pelo carro, Marcy, recobrando consciência no banco da frente, olha para o banco de trás.

— Meu Deus — ela grita e continua puxando o cinto de segurança. Sua reação é o alerta de que eu precisava para entrar em ação.

O som de sirenes, policiais e ambulâncias soam pela área. Uma buzina dispersa as pessoas aglomeradas e outra viatura se aproxima do acidente, seguida por paramédicos.

— Marcy, preciso que fique parada. — Estendo a mão e destranco a porta dela por dentro. Coloco a mão na dela. — Não sabemos a gravidade dos seus ferimentos, então fique parada.

— As crianças... — Ela começa a tremer, ainda se mexendo no assento.

— Eu sei. — Tento assegurá-la de que tudo está bem, mas sinto como se estivesse morrendo por dentro.

Quando o paramédico se aproxima do carro, eu me afasto devagar e abro a porta de trás. Deixo que eles a examinem enquanto checo as crianças. Matthew vira a cabeça de um lado para o outro frenético, olhos arregalados de medo, aterrorizado demais para gritar,

falar ou se mexer.

Ao lado dele, no bebê conforto, está Isabelle. Gotas de sangue cobrem a lateral do seu rosto e um pouco do braço e da perna. A janela do passageiro se estilhaçou com o impacto contra o poste e cacos de vidro voaram, atingindo os dois. A bochecha de Matthew também está coberta de gotas de sangue.

— Está tudo bem — digo para Marcy, apesar de não ter certeza. — Duas crianças — comunico à paramédica que me olha da janela do motorista. — Um menino de três anos e uma menina com pouco mais de seis meses. — A mulher me observa confusa. — A garotinha é minha filha.

Só há um único outro momento da minha vida em que me senti tão impotente. Naquela noite que ainda assombra Blair e acende uma raiva perigosa dentro de mim. Isabelle vira a cabecinha para os lados, como se estivesse recobrando consciência e começa a gritar, não os pequenos gemidos que soltava há pouco. Não é seu gritinho feliz, o que ouço com frequência e que me faz sorrir toda vez. É o tipo de grito que corta o coração de um pai, um pai que não quer nada além de pegar a mão dela e trazê-la para perto, dizer que tudo vai ficar bem. Porra, é como se eu estivesse morrendo.

— Precisamos movê-los, senhor. — Olho de novo para a paramédica, e ela acena na minha direção. Por cima do ombro, vejo um homem atrás de mim com o mesmo uniforme que ela.

É uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer, mas me afasto e deixo os dois trabalharem. Matthew é removido primeiro e entregue ao paramédico mais próximo. Marcy já está presa à maca e sendo levada para ambulância. Ela está nervosa, procurando as crianças.

— Estou aqui com eles — digo para ela, na esperança de que relaxe para poder ser levada e receber ajuda. Marcy está um caco, sangue escorrendo pela cabeça, e não consegue mexer os braços. Ela tem que ir logo. — Vou ficar o tempo todo com eles, prometo.

Apesar de relutante, ela cede e se deixa ser movida para dentro da ambulância.

Um choro conhecido parte meu coração e vejo Isabelle ser erguida do bebê conforto e ser carregada nos braços pelo paramédico. Não consigo me segurar, vou em direção às crianças, que estão sendo examinadas.

— Jake? — Farris aparece ao meu lado e põe a mão no meu ombro.

— É a minha filha — é só o que consigo dizer, minha garganta está se fechando ao ponto de ser difícil de respirar. Meus olhos estão fixos nela.

Ela está se debatendo, tentando virar a cabeça na minha

direção independente de como tentam segurá-la. Ela quer a mim e merda, eu a quero também.

Matthew está de pé ao lado da paramédica, brincando com o estetoscópio pendurado no pescoço dela. Seu rosto brilha com o antisséptico administrado nos pequenos cortes.

— Parece que as crianças tiveram sorte, tirando os cortes do vidro que quebrou com o impacto.

Ouçó uma confusão, alguém berrando sem coerência, ergo o rosto a tempo de ver um policial forçando o motorista do outro veículo dentro de uma ambulância. É difícil conter a raiva por esse bêbado desgraçado. Meu trabalho é ficar calmo, mas aquele canalha passou um sinal vermelho e atingiu três pessoas importantes para mim.

— Ele vai fazer exames no hospital, nossa parte começa quando ele for liberado. — Não desvio o olhar do homem, mas aceno com a cabeça para mostrar que ouvi o que Farris disse. — As crianças vão para o hospital também, por garantia.

Olho para Isabelle e ela estende os braços para mim. Sem hesitar, a pego no colo e beijo sua cabeça, respirando seu cheirinho doce de bebê. Os gemidos fracos, a respiração entrecortada, me fragilizam.

As lágrimas, parecidas com as da mãe, me cortam o coração.

— Preciso ligar para Blair. — Isabelle deita a cabeça no meu ombro.

— Ok, papai. — Farris acaricia a bochecha dela. — Vá com as crianças, eu pego a viatura. Vou seguindo atrás e ligo para Blair e Will.

Capítulo 33

Blair

— Ela vai precisar de cirurgia.

Encosto em Jake e coloco a mão nas costas da minha menina. Minha garganta parece em carne viva depois da montanha-russa de emoções que senti nas últimas horas. Ela está deitada com a cabeça apoiada no peito do papai, dormindo tranquila desde que cheguei.

A ligação que recebi de Lark foi uma das mais assustadoras que já atendi. Meu coração ainda bate forte. Para ser sincera, nem me lembro da vinda para o hospital. Só lembro do Wilber me colocando no banco da frente da caminhonete e dizendo que tudo ia ficar bem.

— Marcy sofreu uma fratura do úmero proximal. Geralmente não é uma fratura que exige cirurgia, mas, no caso dela, será necessário.

Todos ouvem atentos o médico relatando os ferimentos de Marcy. Só consigo olhar para Will e Matthew. Ele segura o filho firme no colo, mãos tremendo, olhos vermelhos de medo e de lágrimas derramadas no percurso até aqui. Meu coração sente por eles.

— É uma fratura de duas partes, o que significa que o osso se deslocou do ombro. — Nem consigo imaginar a dor que ela deve ter passado. — Ela também levou pontos no lado esquerdo da cabeça, fechamos um corte seguindo a linha do cabelo, provavelmente causado pelo impacto da janela. Vamos continuar monitorando o ferimento na cabeça. Ela demonstrou sinais de desorientação quando chegou, o que pode ser preocupante.

— Ela já acordou? — Will pergunta, e é difícil ouvir a dor e a preocupação em sua voz. — Podemos vê-la?

— Tivemos que sedá-la. — Imediatamente dá para ver os ombros de Will murchando. — Ela também deslocou o quadril.

Meu Deus!

— Achamos melhor deixá-la mais confortável já que sentia muita dor. Ela estava preocupada com as crianças e ficou agitada quando percebeu que não deixaríamos que ela levantasse para

procurá-las. Acredito que foi quando o efeito da adrenalina começou a passar que ela percebeu a gravidade dos ferimentos e da dor.

Will apenas assente enquanto o médico diz que vão cuidar bem da esposa dele. Ele parece perdido, como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo. O médico pede licença e Will vai até uma cadeira no canto da sala, abraçando o filho. Ele afunda a cabeça no ombro do menino e começa a tremer, fazendo de tudo para esconder o choro. De repente, Jake põe Isabelle nos meus braços e caminha até Will.

Todos observam quando ele se ajoelha na frente de Will e fala em um tom de voz baixinho que ninguém mais consegue ouvir. Will acena com a cabeça, Matthew estende a mão e pega o colarinho do uniforme de Jake. A cena é surreal.

— Eu estava errado sobre ele. — Warren para ao meu lado e dá um empurrãozinho no meu ombro. — Ele é um bom homem, Blair. Nem um pouco parecido com a família que o criou. Ele tem um bom coração, todos vemos o jeito que ele olha para você. O jeito como ele protege você e a menina. Devia ter visto quando cheguei aqui, o cuidado que tinha com Isabelle, apesar de os médicos assegurarem diversas vezes de que ela estava bem. — Meu peito arde e eu respiro fundo. — Dê a ele uma segunda chance, garanto que é só disso que Jake precisa.

Olho para a esquerda e vejo Whitney e o pai concordando. Sorrio para a família que me acolheu sem pestanejar. Eles realmente me amam incondicionalmente e eu sei que têm razão. Jake nos ama, com tanta força que sei que ele faria qualquer coisa por nós.

Quando Jake levanta e coloca a mão no ombro de Will, apertando, Will olha para cima e vejo que ele diz em silêncio: *obrigado, irmão*. Meu coração parece que vai voar do peito, o chão parece tremer sob meus pés e compreendo que Jake foi aceito pela família Flannigan também. Ele é parte da minha família, nossa família.

Jake se vira, vem até mim e então para. Deve ser por causa do jeito que estou olhando para ele, como se fosse perfeito. Naquele momento, é assim que eu o vejo. Ele chacoalhou meu mundo um ano atrás e, por mais que tenha me tirado o chão e eu tenha perdido a esperança, ele me encontrou e criou um novo alicerce para nós. Ele se recusou a abandonar a esperança de que poderíamos ser “nós” outra vez. Agora estamos aqui, só que, desta vez, ainda melhores, pois temos uma doce garotinha que também compartilha nosso amor. Ela é o laço que nos une, a prova do que somos e do que podemos ser.

Ele abre um sorriso e de repente eu me mexo, atravessando a sala de espera até ficar a poucos centímetros dele.

— Eu te amo, — as palavras escapam da minha boca sem demora, e ele arregala de leve os olhos, imagino que surpreso. — Me

desculpe por não dizer antes. Acho que...

Ele põe a mão na minha nuca e me puxa para perto, me beijando e segurando firme nossa filha entre nós.

— Tudo bem — sussurra e me beija de novo. — Só para você saber, eu teria esperado a vida toda para ouvir essas palavras, mas ainda bem que não precisei. São as palavras mais doces que já ouvi.



Sinto o movimento da cama afundando atrás de mim. Estava em um sono profundo, sonhando com Jake e Isabelle brincando e rindo das brincadeiras do pai. Eles sempre fazem parte dos meus sonhos.

Apesar de adormecida, acordo imediatamente quando ele me toca e me deixa ciente da sua presença. Ele aninha seu corpo forte atrás do meu, subindo a mão pelo meu quadril até repousá-la na minha barriga. Um calor que só ele é capaz de me dar me preenche, uma sensação de segurança derretendo meu coração.

— Senti saudades. — Ele diz isso toda vez que me vê. Não importa se passaram apenas cinco minutos ou cinco horas. Também diz a mesma coisa para nossa garotinha quando volta depois de uma saída. — Espero que não se importe de eu vir para cá em vez de voltar para o apartamento.

Eu me viro em seus braços, de frente para ele, e acaricio seu rosto. Mesmo no quarto escuro, consigo ver como ele se derrete ao meu toque.

— Estou feliz que resolveu vir para cá. — Passo meus dedos por sua boca e aprecio a sensação dos pelos roçando minha mão. — Na verdade, acho que deveria vir para cá todas as noites.

Ele demora para entender o sentido das minhas palavras, mas é como se uma lâmpada se acendesse em sua cabeça.

— Quê? — pergunta com um sorriso esperançoso e se aninha mais perto.

— Trevor convidou Whitney para morar com ele. — Sabia que ia acabar acontecendo, então não foi nenhuma surpresa quando ela me contou as novidades algumas horas atrás. — Ela hesitou, porque não queria me deixar atolada de contas e, francamente, não gosta que eu e Isabelle fiquemos sozinhas.

Jake assente, apoiando a decisão de Whitney de sempre nos proteger.

— Por isso ela ficou menos hesitante de dar esse passo com Trevor quando falei que não ficaria sozinha. — De novo Jake assente e sei que ele já sabe onde quero chegar, mas precisa me ouvir pedir para satisfazer seu ego. — Acho que Isabelle terá um quarto próprio e esse

aqui, vou dividir com um cara que conheço.

— Um cara?

— Aham. — Sorrio e beijo-lhe o canto da boca. — Um policial gostoso. — Sinto seus lábios se abrindo em um sorriso. — Muito lindo, que beija muito bem.

— É mesmo?

— Com certeza. — Enlaço seu quadril com a perna e puxo o corpo dele para cima de mim. Ele vem de bom grado. — Bom em outras coisas também.

— Só bom?

— Aham. — Aceno com a cabeça, beijando-o de novo. — Mas, se ele vier para cá, podemos passar mais tempo praticando. Com sorte, ele consegue subir de nível.

— Acho que ele vai se tornar incrível. — Jake mexe o quadril contra o meu e eu mordo o lábio para segurar o gemido. A calcinha não é capaz de esconder o efeito que ele tem sobre mim.

— Viu só, muito melhor que bom — sussurra e passa a beijar meu maxilar e meu pescoço. — Eu nem meti ainda e você já está toda afobada.

Quero protestar, mas para quê? O homem está certo, incrível e arrebatador é um bom jeito de descrever como me sinto com ele.

— Você está me pedindo para morar com você, amor? — pergunta, impulsionando o quadril como faria se estivesse dentro de mim. É difícil me concentrar nas palavras. Em vez disso, aceno com a cabeça, baixando os braços para tirar a Boxer. — Você precisa dizer primeiro.

Ele está falando sério? Homens e seus complexos de poder. Se não estivesse excitada e a fim de me perder nele, me faria de boba só para não lhe dar a satisfação de me ouvir admitir que o quero.

— Sim, estou pedindo para você morar aqui com a gente.

— Que ótimo. — Ele dá um sorriso triunfal. — Mas não é bem isso que eu quero ouvir. Eu queria algo um pouquinho mais permanente.

Eu pauso, segurando a barra da cueca dele, abaixada ao ponto de mostrar sua ereção encostada na minha coxa. Confusa por um segundo, olho para ele, me perguntando o que faltou eu dizer nos últimos minutos ou o que falta eu responder.

Seu sorriso se abre ainda mais enquanto ele me observa, gostando de me ver confusa.

— Eu preciso ouvir você dizer que se casa comigo.

Meu coração falha de repente e logo volta a bater com força no peito. *Mas o quê?*

— Se for para me mudar, quero o pacote completo. Quero minha filha e minha esposa. — Só de ouvi-lo se referir a mim como

esposa faz meu coração dançar. — Quero que sejamos uma família, uma família de verdade. Que tenhamos o mesmo sobrenome.

A empolgação que eu sentia se transforma em medo. *Gunther*.

— Wilkerson. — O silêncio paira sobre nós, enquanto nos entreolhamos. Ele acabou de...? — Meu sobrenome é a última coisa me amarrando a uma vida que quero esquecer. Não quero as memórias deles. Só o que quero é uma vida com vocês duas.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Casa comigo? Sei que, depois de tudo que aconteceu, pode parecer doido e impulsivo, mas você sempre foi a única para mim, Blair. Você foi a luz nos momentos sombrios da minha vida, das nossas vidas. Foi você que me manteve lúcido por tudo que passamos. Foi a esperança de encontrá-la outra vez e ter a chance de lhe mostrar o verdadeiro eu, o homem que quero ser. Você me viu de um jeito diferente na época e era disso que eu precisava para perceber que eu era mais do que eles, mais do que a vida que tinha.

— Você era mais — digo, segurando seu rosto com as mãos e fazendo-o olhar para mim. — Você é mais.

— Eu sou mais quando estou com você. — Sua respiração entrecortada me deixa toda sensível. — Sou mais do que eles por causa de você e de Isabelle. Vocês duas são as melhores escolhas que já fiz.

— Sim — digo sem pensar. — Eu quero isso, quero tudo isso.

— Sim?

Ele parece surpreso quando eu aceno com a cabeça.

— Eu quero casar com você.

Capítulo 34

Jake

Blair arqueia as costas, se abrindo ainda mais para mim. Não há nada mais sexy do que o momento em que ela atinge o ápice, abandona o controle e se entrega ao prazer. A pressão da sua bunda contra mim, me sugando ainda mais para dentro, com força. Seu corpo se mexe comigo, prolongando seu clímax e tornando impossível de conter o meu.

Ela treme, apertando e sugando minha ereção, que fica impossível de controlar. Vou à loucura quando a parte de cima do seu corpo cai no colchão, sua bunda se erguendo ainda mais enquanto eu a penetro.

É neste momento que a ouço suspirar meu nome. Parece uma súplica desesperada e eu perco o controle. Seguro seu quadril com força e meto dentro dela, meu corpo tremendo com o clímax. Gemidos suaves misturados com sussurros de “bem assim” e “me dá mais”.

Uma sensação molhada unindo nossas coxas é o que me traz de volta para a realidade. Olho para o ponto em que estamos ligados e vejo que não há nada nos separando. Na pressa para sentirmos um ao outro, esquecemos da proteção. Pode me chamar de louco, mas sou tomado pela empolgação de ter outro filho com Blair.

Estou prestes a avisá-la do nosso deslize com um sorriso no rosto quando Isabelle berra no quarto ao lado. O som dela tagarelando tira minha cabeça do transe do sexo e Blair rola para longe de mim sem pestanejar. Claro que olho para ela com um beicinho exagerado, apenas para fazê-la rir.

— Eu vou. — Eu me deito sobre ela, beijo rápido seu nariz e saio da cama. Olho por cima do ombro e a vejo encarando minha bunda e mordendo o lábio.

— Vista uma calça. — Ela tenta esconder sua apreciação.

Há uma nova leveza entre nós, uma simplicidade da vida nos acolhendo. Não preciso de dinheiro ou de uma vida apressada na cidade grande. Só o que preciso para ser feliz é da nossa casinha

preenchida pelas risadas da minha noiva e da nossa filha.

Visto o short caído no chão perto da cama e me apresso em direção ao quarto de Isabelle, erguendo-a e enchendo suas bochechas de beijos. As risadinhas que escapam dela me dão vontade de rir também. Ela está sempre conquistando meu coração de novo e de novo.

— Papapa. — Talvez fosse apenas balbucio, algo que ela adora fazer, mas eu paro onde estou e olho para minha filha. — Papapapapa. — Ela parece saber que desejo ouvir de novo e continua fazendo sons, balançando em meus braços.

— Por acaso, ela... — Olho para a porta aberta do quarto e vejo Blair parada, vestindo apenas minha camiseta.

— Ela disse papa — termino a frase, observando seus olhos se enchendo de lágrimas. Os meus também ficam embaçados e eu tento segurar as emoções que sinto crescendo em mim. Ouvir minha garotinha cantarolando “papa”s felizes e babados é um dos melhores momentos da minha vida.

Houve poucas ocasiões na minha vida em que senti esse amor e gratidão paralisantes. Ocasões em que eu não dei a mínima se alguém me viu sobrecarregado de emoções. Este é um desses momentos. Uma lágrima quente escorre pela minha bochecha e ergo o rosto para encontrar o olhar de Blair outra vez.

— Eu sei que já falei, mas vou falar de novo. — Blair me observa atentamente. — Obrigado por tê-la. Obrigado por me receber de volta na sua vida. — Ela atravessa o quarto e abraça a mim e a Isabelle. — Obrigado por me amar.

— Obrigada por ser um homem que vale a pena amar. — Eu beijo a cabeça dela e aperto as duas gentilmente. Seguro o mundo em meus braços. Essas duas garotas me têm por inteiro, não há nada que eu não daria a elas. — Mas, só para constar, seria impossível para nós duas não amar você, Jake.

Fecho os olhos apertados, tentando conter as emoções expandindo em meu ser.

Pensando na minha vida há pouco mais de um ano, jamais imaginaria que chegaria até aqui. Jamais imaginaria que teria uma família, protegida do meu pai e do inferno onde eu cresci. Porém aqui estou, vivendo o que sempre sonhei.

Isabelle brinca com o cabelo da mãe e Blair pousa a cabeça no meu peito. Meus braços as seguram firmes contra mim, e devo admitir que não quero que este momento acabe. Nunca amei ninguém do jeito que amo minhas garotas. Elas são a melhor parte da minha vida, dos meus dias, e sinto uma dor, um vazio que anseia por tê-las em meus braços de novo, quando estamos longe um do outro.

— Nunca vivi algo tão perfeito — sussurro, embalando as

duas. — E sei que não viverei nada mais perfeito que isso. Tenho tudo de que preciso bem aqui nos meus braços.



— Você acha que sou louco?

Olho para o homem que se tornou meu melhor amigo do outro lado da mesa e não consigo evitar o sorriso que se abre em meu rosto.

— Você acha que vou assustá-la? — Farris segura uma caixa de veludo vermelho, apertando-a enquanto pede meu conselho. Não achei que veria o dia em que esse homem pediria conselhos para mim.

— Só quero que dê tudo certo, sabe? — Ele respira fundo, olhando para o objeto em mãos. — Sadie comeu o pão que o diabo amassou e não sou tonto de achar que certas situações não foram culpa dela. Mas eu a amo. Ela é minha prioridade, Jake, caralho, eu abandonei um emprego bom da porra sem nem hesitar e me mudei para este lugar onde Judas perdeu as botas só para ficar perto dela. Então, por favor, me diga que eu não sou louco de querer dar a ela tudo que eu tenho. Diga que não é loucura pedi-la em casamento.

— Você é louco, sim. — Ele fica cabisbaixo. — Mas não por querer se casar com Sadie. — Farris ergue o rosto, aliviado. — Você tem razão, ela merece ser feliz. Eu sei que ela é feliz com você, então, se sente que é a hora certa, vá em frente.

— É a hora perfeita.

— Você me levaria — olho para as mãos dele, — no lugar onde comprou o anel?

— Na joalheria? — Aceno com a cabeça, e ele faz uma breve pausa. — Está dizendo que vai pedir a Blair...

— Já pedi — eu o interrompo.

— Sem o anel? — Ele arqueia a sobrancelha e joga um maço de guardanapos nele.

— Ela pediu para eu morar com ela e falei que sob uma condição. — Penso na noite passada. — Quero minha família e tudo que isso engloba, e pareceu ser a hora certa. Não precisei de anel. Só que Blair dissesse sim.

Quando Farris sorri para mim, um sorriso enorme, sei que ele entendeu. Blair tem minha alma, não só meu coração, desde a primeira vez em que a beijei. A única diferença agora é que ela divide o espaço com minha filha.

— Vamos, mano. — Farris se levanta e arrasta a cadeira para trás. — Temos que escolher o anel.

Capítulo 35

Blair

— A mesa sete pediu asas de frango para levar e a mesa onze fica me encarando como se eu devesse alguma coisa a eles — Carol anuncia, entrando pelas portas vaivém.

— Quase pronto, o da mesa sete, e a mesa onze tá me tirando do sério. — Tento não grunhir frustrada. — Eles já mudaram o pedido quatro vezes. O pobre do Murray teve que refazer quatro pedidos. Tô com medo de sair lá fora e descobrir que eles mudaram de novo. Daqui a pouco, se eu remover mais um ingrediente dos nachos, Murray vai explodir de raiva.

Carol ri ao passar por mim e dá uma piscadinha.

— Falando nisso, dois grupos novos sentaram na sua seção.

Dou um suspiro profundo, que deveria me tranquilizar, e me pergunto o que fiz para merecer esse dia de merda. Desde que cheguei, nada deu certo. O sininho atrás de mim me alerta para outro pedido e vejo uma caixa sendo colocada no balcão que separa a cozinha do resto.

— O frango — Brenda grita e se vira, seguindo para o próximo pedido.

Empacoto a caixa, jogo uns guardanapos e talheres dentro da sacola e abro a porta, entrando na área do restaurante. Há um silêncio estranho no ar, e, quando examino o restaurante, percebo que todos estão voltados para algo à minha esquerda.

Devagar, eu me viro e congelo quando vejo quem está na minha frente. Jake, ajoelhado e com um sorriso tão brilhante nos lábios que só o que me resta é retribuir. Atrás dele, Will, Warren e Whitney, segurando Isabelle adormecida no colo. O resto dos Flannigan também vieram, junto com Farris e Sadie, que parece totalmente deslocada.

— O que está fazendo? — pergunto em um sussurro, olhando para a área do restaurante de novo. Até Wilbur saiu para observar inclinado na porta do escritório, um brilho no olhar.

— Eu quero fazer isso do jeito certo — Jake diz em um tom mais alto do que eu esperava e na hora percebo que ele não tem a intenção de manter este momento entre nós dois. — Você merece um pedido de verdade, não um sussurro no escuro da noite.

— Mas aquele pedido já foi perfeito. — Dou um sorriso malicioso, me lembrando do que aconteceu em seguida. Sinto as bochechas corando e ele sorri, indicando que está pensando na mesma coisa.

— Já chega — Warren grunhe. — Temos mulheres e crianças assistindo vocês dois.

Jake ri e pega minha mão.

— Tem razão. — Ele volta a ficar sério e a se concentrar no que está fazendo. — Foi perfeito, foi nosso momento e agora estou compartilhando a novidade com todo mundo. Pois quero que todos saibam como você mudou a minha vida.

Meus olhos ardem com as lágrimas.

— Cometi muitos erros, Blair, fiz muitas escolhas erradas, mas estou aqui, na frente de todos, para dizer que jamais cometerei aqueles erros outra vez. Eu amo você, amo Isabelle e tudo o que eu quero nessa vida é passar todos os dias a partir de hoje amando as duas. Você deixa tudo melhor, sempre foi assim.

Fecho os olhos para conter as lágrimas, mas uma escapa e escorre pela minha bochecha.

— Case-se comigo, — as palavras de Jake quebram meu transe e, quando abro os olhos, vejo que ele está segurando um anel. Reluzente e refletindo a luz do restaurante, e meu sorriso cresce ainda mais quando ouço suspiros surpresos ecoando atrás de nós. — Vamos construir nossas vidas juntos, Blair.

Aceno com a cabeça e me aproximo, me ajoelhando na frente dele. Sinto alguém tirar a sacola das minhas mãos, mas não me dou ao trabalho de ver quem foi, muito menos me importo.

— Fico tão feliz que você veio atrás de mim — confesso, olhando para ele e acariciando seu rosto. — Disse para todos que estava bem. Tentei convencer a mim mesma de que foi tudo uma mentira e de que eu ficaria bem sem você. Mas a verdade é que algo estava faltando. Havia um vazio doloroso dentro de mim que só você consegue preencher. Obrigada por não desistir de nós.

— Eu nunca vou desistir, meu bem. — Ele fecha os olhos, e eu lhe dou um beijo suave nos lábios.



Saio do chuveiro e me enrolo na toalha, ficando em frente ao espelho. Já passam das dez da noite e Isabelle pegou no sono há uma

hora. Jake geralmente chega por esse horário, mas, quando ele se atrasa, não consigo dormir.

Faz menos de uma semana desde que Whitney saiu e Jake se mudou para cá. É uma sensação agradável olhar ao redor no banheiro e ver o desodorante dele, o creme de barbear, o shampoo, entre outras coisas. Este é nosso lar agora, meu, de Jake e da nossa filha. Olho para o espelho de novo e encontro meu reflexo sorrindo. A vida é incrível.

Saio do banheiro em direção à cozinha, mas paro de repente quando vejo Jake entrando pela porta da frente da nossa casa. Ele ainda não me viu; fecha a porta e alonga o pescoço de um lado para o outro, na tentativa de aliviar o estresse do trabalho.

Não consigo entender como ele pode ser tão bonito. Maxilar delineado, ombros largos, ainda mais largos do que quando o conheci. O uniforme fica perfeito nele e há um poder dentro de si quando ele vem na minha direção. Fico onde estou, escondida na escuridão do corredor, meu corpo já sentindo os efeitos da sua presença.

Percebo o exato momento em que ele me vê, como ele troca o poder por um gingado quando tem vontade.

— Já falei que amo chegar em casa e encontrar você?

Por mais que eu tente manter a calma e a tranquilidade, não consigo segurar um sorriso enorme quando ouço essas palavras.

— Deixe-me acrescentar que estou desapontado de ter perdido a hora do banho. — Ele se aproxima e engancha o dedo na toalha, no espaço entre meus seios. — O que acha de se sujar de novo?

— Acho que é uma boa ideia.

Ele tira a mão e a toalha cai aos meus pés.

— Porra, mulher. — Ele balança a cabeça e me pega pelo quadril. — Eu juro que quase caio de joelhos toda vez. Você deixa minhas pernas bambas.

Ele não me dá oportunidade de responder, trazendo os lábios aos meus. De repente, ele me vira e pressiona minhas costas na parede.

— Estou um pouco agitado, amor — ele confessa, uma faísca de tesão me acendendo. — Talvez seja melhor eu me acalmar...

— Não. — Mordo seu lábio, puxando para fazê-lo gemer. — Eu quero você desse jeito. — Eu sinto seu sorriso contra meus lábios. Adoro quando Jake é mandão e impulsivo. Claro, devagar e suave também é bom, mas hoje eu quero um sexo cru e de chacoalhar as estruturas.

Começo a desabotoar sua camisa, ainda presa contra a parede pela pressão do seu quadril. Consigo sentir sua ereção, e minhas mãos tremem de emoção. Ele se afasta, mas apenas para tirar o cinto e abrir a calça. Em um gesto rápido, ele desce a calça até as coxas junto com a boxer e liberta a ereção.

— Blair. — Olho para ele e vejo um sorriso malicioso, ele coloca um dedo no meu queixo e ergue meu rosto. — Preciso pôr camisinha?

Considero a pergunta, sei que já passamos deste limite uma vez. Balanço a cabeça e vejo o momento em que ele perde o controle.

Rapidamente ele me ergue e eu enlaço sua cintura com as pernas, em uma estocada impressionante Jake se afunda dentro de mim. Nós dois gememos juntos, e ele encosta a testa na minha.

— Como amo esta sensação — ele murmura, e eu concordo plenamente. — Nós dois — continua, remexendo o quadril. — Nada entre nós.

Quero concordar, mas estou concentrada demais na sensação dele dentro de mim para falar.

— Feita para mim... — Ele não consegue terminar as frases, mas eu o entendo perfeitamente. Afinal, sinto a mesma coisa.

Então, ele começa a se mexer pra valer, apertando meu quadril com as mãos e girando dentro de mim. Minhas costas deslizam pela parede, enquanto eu seguro seus ombros. O jeito como ele se mexe, encontrando o ângulo perfeito, me deixa louca.

— Porra — Jake grunhe quando eu o aperto. Nós nos deixamos levar pelo momento, uma camada de suor cobrindo nossos corpos. É uma transa crua, bem como eu queria. Nada além de duas pessoas apaixonadas, desesperadas para levar o outro ao ápice. Sinto como se fosse querer sempre mais, como se precisasse dele sempre mais perto.

Ele aumenta o ritmo, estocadas rápidas e rasas, minha cabeça está girando, minhas pernas o apertam ainda mais. Arranho suas costas, achando que minha cabeça vai explodir até que o orgasmo me toma com tanta força que meu corpo todo arde.

— Caralho — Jake prolonga a palavra e explode também, a pressão de seus dedos na minha pele se intensificando.

Paramos juntos, sem vontade de nos mexermos, ou melhor, incapazes de nos mexermos.

— Parece que meu corpo é feito de gelatina, de geleia, mingau, sei lá. — Jake ri, seu corpo tremendo contra o meu, e me segura mais apertado. — Eu disse que devia ter me acalmado um pouco.

— Não — discordo. — Eu gosto assim.

— Por quê?

Finalmente consigo erguer a cabeça do ombro dele, batendo com ela na parede atrás de mim num baque surdo.

— Eu amo quando você se perde no momento, é como se estivesse desesperado por mim.

— Porque estou — ele confessa, erguendo uma mão para afastar o cabelo do meu rosto. — É como se nada fosse o suficiente. — Inclino a cabeça para o lado, sem responder, pedindo em silêncio para

que ele me explique.

Jake se afasta, me levando com ele até a poltrona a poucos metros de distância. Ele anda devagar para não tropeçar na calça arriada nas coxas. Ele se senta, comigo por cima, e entrelaça nossos dedos quando ficamos mais confortáveis.

— Aquele dia fora do seu apartamento em Chicago — começo a negar com a cabeça, mas ele se inclina e me cala, — foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Foram tantas oportunidades para te contar tudo, mas tinha medo de que você fosse me ver como um deles. Eu sei quem eu deveria ser, mas não conseguia. Acho que eu soube na primeira vez que te vi, foi como levar um soco no estômago, Blair. Porra, você me tirou o fôlego.

Mesmo na escuridão, o brilho em seus olhos é visível e atíça algo dentro de mim.

— Eu nunca quis machucar você, eu só queria mantê-los longe. Minha intenção sempre foi de protegê-la e eu sei que fracassei. — Coloco as mãos em seu rosto e encosto minha testa na dele. — Deixar você ir embora naquele dia me despedaçou. Sabia que era o certo, mas não foi fácil. O período que se seguiu, por Deus, foram momentos sombrios. Mas, apesar de tudo, eu continuei dizendo a mim mesmo que algum dia eu talvez conseguiria que você me perdoasse. Era minha esperança.

— Eu perdoo. — Não foi fácil, mas eu perdoei este belo homem.

— Agora eu sinto como se tivesse que compensar pelo que eu fiz todos os dias, com cada palavra, cada toque. Mas nunca é o suficiente.

— É, sim. — Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu as contenho.

— Nada vai ser o suficiente. — A crença dele nisso é de partir o coração. — Quando estou com você, só o que se passa na minha cabeça é que eu já a perdi uma vez, de jeito nenhum vou aguentar isso de novo. Estou mesmo desesperado por você, tem sempre uma ânsia dentro de mim, desejando você, precisando de você. Eu acho que jamais vou conseguir satisfazê-la, pois todo o tempo com você jamais será o suficiente.

Aceno com a cabeça, não consigo falar. Eu quis algo cru, porra, isso é que é ser cru. É profundo e franco e cru em todos os sentidos da palavra.

— Estou tão apaixonado por você que me sinto à beira da insanidade. — Dou risada com essa confissão.

— Por mim, tudo bem, eu também me sinto assim com você.

Epílogo

Jake

Eu me sento no banco da igreja segurando Isabelle no colo, balançando-a de leve para mantê-la entretida. Ela segura meu celular, mexendo na tela com os dedos gorduchos. Várias vezes já tive que excluir fotos que ela tirou. Em sua maioria, fotos das cabeças de pessoas aleatórias. Mas, agora, preciso que ela fique quieta, então fazemos o que dá.

A amizade de Whitney, Blair e Sadie continua instável, mas fico feliz em ver como está progredindo. Entendo os sentimentos da Blair: ela só precisa olhar para Sadie sob um novo ângulo, assim como fez comigo. Acho que hoje será o momento decisivo pelo qual estou esperando. No púlpito da igreja, minha esposa parada ao lado esquerdo da noiva.

Ainda parece inacreditável do caralho que eu possa chamá-la assim. Toda vez que me lembro de ela dizendo “eu aceito” com aquele sorriso de matar, sinto minhas pernas bambas. Um dos melhores dias da minha vida, empatado com o dia em que descobri que era pai e competindo com dois dias atrás, quando ela me contou que estava grávida do nosso segundo filho. Desde então, ando com um sorriso no rosto.

Hoje, meu melhor amigo está se casando com minha outra melhor amiga, a felicidade quase não cabe em mim. Faz apenas seis meses desde que cheguei em Ankeny, três meses desde que me casei com a mulher dos meus sonhos e admito que apenas dois dias desde que derramei lágrimas felizes. Mas, com Blair ao meu lado, não é de se surpreender. Eu sempre soube que ela seria a mulher que me derreteria das melhores formas.

Agora, só o que quero é que Sadie e Farris sintam a mesma felicidade. Eles merecem.

Whitney limpa uma lágrima do olho e Blair pega o buquê de rosas brancas de Sadie, que fica cara a cara com o homem prestes a se tornar seu marido. Assistio aos dois concordando em amar, honrar e

adorar o outro, o público celebrando quando Farris agarra Sadie e a deita para trás, lhe dando um beijo exagerado.

É incrível ouvir a risada dela quando ela se endireita. Sadie sempre terá um lugar especial em meu coração, ainda bem que ela tem Farris para protegê-la.

Quando ela se vira para os convidados e olha para Blair por cima do ombro, sinto meu coração acelerar. Blair se inclina e sussurra algo que faz Sadie esboçar uma careta, a careta de quando ela está tentando conter as emoções. O que será que está acontecendo? Então, Blair coloca a testa na lateral da cabeça de Sadie, e elas se envolvem em um abraço forte por alguns segundos. Neste momento, vejo com clareza as palavras de Blair. *Eu te amo*. As mesmas palavras que ela me disse tantas vezes, agora eu sei o efeito que elas têm.

Sadie assente com a cabeça, incapaz de falar, e se endireita.

Meu olhar e o de Blair se encontram. *Minha esposa. Meu Deus, eu não me canso de dizer essa palavra.*

Ela me dá uma piscadinha e joga um beijo que faz minha cabeça girar. Eu sou um cara sortudo. *Sortudo pra caralho.*



Blair

Vejo Jake sentado à mesa perto de Farris e alguns outros detetives de Chicago que vieram para o casamento. A quantidade de testosterona daquela mesa está deixando as mulheres no hall de entrada um pouco encabuladas, incluindo as casadas. É uma força-tarefa de sensualidade, força e confiança.

Mas, apesar de tudo, eu só tenho olhos para um homem. *Meu homem, meu marido, o pai da minha filha, ou melhor, filhos.*

Não consigo me segurar e coloco descontraída a mão sobre o ventre, olhando de Jake para Isabelle — que está sentada no colo do pai da Whitney — e para o Jake de novo. Não dá para explicar a sensação de saber que ele estará aqui para compartilhar todos os momentos até conhecermos nossa próxima filha ou filho. Whitney e eu nos entreolhamos neste momento, e o sorriso esperto dela me deixa ainda mais feliz.

Hoje de manhã, minha melhor amiga contou que ela e Trevor estão noivos, então logo teremos outro casamento. Estou cercada de amor por todos os lados o que me deixa muito feliz depois do que aconteceu em Chicago.

Não me seguro mais, atravesso o salão até chegar à mesa dos homens. É como se Jake conseguisse sentir minha presença, pois ele olha para cima no exato momento em que paro ao lado da mesa. Na

verdade, vários homens param de falar, mas, como eu disse, estou concentrada apenas no meu homem.

— E aí, bonito, quer dançar? — De cara percebo o sorriso travesso que se abre em seus lábios. É uma expressão que já conheço bem, a expressão típica deste homem divertido e brincalhão com quem acordo todas as manhãs e pelo qual me apaixono várias vezes.

— Não sei se devo. Minha esposa não vai gostar.

— Bom, sua esposa não deveria deixar um homem bonito como você sozinho — retruco, sentindo um sorriso nos lábios também.

— Não deveria?

Apenas balanço a cabeça, fazendo o possível para manter a seriedade.

— Ela acaba deixando espaço para outras mulheres se aproximarem e tirar vantagem de você. Te levar para o mal caminho.

— Não é possível, — Jake cruza os braços e se reclina na cadeira. Eu olho ao redor e vejo que temos a atenção dos amigos dele. Eles vislumbram nosso joguinho com sorrisos e olhos brilhando.

— Por que não? — pergunto enfim.

Jake dá de ombros, sossegado.

— Não há nenhuma mulher tão linda e perfeita como a minha esposa. Ela poderia me deixar sozinho por horas e não ia importar. Eu esperaria por ela. Ela tem meu coração nas mãos e é a única mulher para mim.

Não consigo mais segurar o sorriso e vou até ele.

— Que sortuda.

— Não. — Ele se levanta da cadeira e se aproxima, pegando minha mão. — O marido que é um filho da puta sortudo.



Jake

— Cuidado, princesa. — Seguro Isabelle a uma distância segura da cama do hospital. Blair segura nosso filho, e observamos maravilhados o primeiro encontro de Isabelle com o irmão. Ela está totalmente fascinada, olhos fixos nele e em nada mais.

Minha garotinha é tímida, mas, quando dá vontade, juro que seu gritinho animado é capaz de rachar vidro. Mas, agora, ela está quieta, cobrindo a boca com a mão como se não conseguisse falar.

Na subida do elevador, expliquei a ela como era importante que ficássemos quietinhos para não assustar o bebê. Eu até coloquei a mão na boca para fazê-la entender. Agora, ela imita meu gesto. É tão fofo.

— Deitada aqui, olhando para ele — Blair sussurra suave, — é

igual a quando segurei Isabelle na noite em que nasceu. Não tinha escolhido o nome, foi quando eu a vi que me ocorreu.

— Você pensou em um agora?

— Acho que Jaxon. — Ela dá de ombros e desvia o olhar do meu filho, encontrando o meu. — Não sei por que gosto do nome, mas gosto.

— Eu também.

De repente, ela franze o cenho e toma uma expressão de preocupação.

— Desculpe, eu nem pensei...

— Amor — eu a interrompo antes que ela termine a frase, sabendo que ela sente culpa por não me deixar escolher um nome, já que não participei da escolha da nossa menina. Mas nunca tive a intenção de roubar este momento dela. Só tenho um pedido. — Jaxon Lark Wilkerson — digo e vejo a expressão preocupada desaparecer de seu rosto. — Quando descobri que teríamos um menino, só teve uma coisa que eu queria. Foi ele que me ajudou a encontrar você. Foi por causa dele que vim para cá. Ele burlou as regras por mim, me passou informações às quais eu não tinha acesso e me mostrou que segundas chances são possíveis.

Blair sorri para mim e acaricia o rosto do nosso filho com os dedos.

— Sem Lark, esse rapazinho não teria nascido — confesso, sabendo que se Lark Farris não tivesse me obrigado a tomar jeito depois da prisão da minha família, não teria chegado aonde cheguei. Quem sabe onde eu estaria, mas algo me diz que não seria em um bom lugar.

— É perfeito.

— É?

Blair acena com a cabeça, e eu me inclino para lhe dar um beijo no mesmo momento em que Isabelle grita de felicidade e Jaxon dá um sobressalto. Logo, nosso filho começa a gritar também, gritos assustados, e a expressão de Isabelle murcha para uma de decepção. Blair e eu, sentados aqui, olhando para nossos filhos em uma competição de choro para ver quem é o melhor, e só o que conseguimos fazer é sorrir.

Esta é nossa vida, e eu não mudaria nada. É perfeita.

Fim



Não esqueça de avaliar este livro!

Sobre a autora

C.A. Harms é uma ávida leitora de romance e mistério. Ela sempre gostou de livros, perdendo-se na escrita e na narração de histórias desde muito jovem. Ela gosta de finais felizes e histórias de amor.

A autora mora em Illinois e gosta de passar tempo com o marido e os filhos. Ela é viciada em *mocha* de chocolate branco da Starbucks e KitKat, quando na verdade deveria se concentrar em água e talvez em uma ou duas frutas para se sentir menos culpada, mas esse sentimento passa rapidamente... felizmente.

C.A. Harms é tranquila, divertida e, embora possa parecer uma das mais quietas no começo, é só esperar até que ela te conheça melhor... essa tranquilidade muda, e rápido.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorcaharms

www.facebook.com/AuthorCAHarms

www.twitter.com/charms0914



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>